

---

# FRAGMENTOS DA ESTÉTICA DO LAHARSISMO\*

---

---

Luis de Serguilha\*\*

## I

O espaçamento dos cartógrafos de escritas tatua-se nos trilhadores exploratórios do Galunggung e se exclui na trepidação das multivariantes de Kebra Nagast onde a reflexividade dos bastidores e a desfocagem do corpo-leitor se projectam na GAIA-GREGA atalhando intermitências dos lotófagos entre as arquitraves dos biblicistas-tuaregues (INADIÁVEL espólio dos animais entre lâminas encarceradas pelos olhares-sem-repouso\_\_\_microscopia agulhoada pelas heranças das colagens tremendas da infância): forças centrípetas do mausoléu de Halicarnasso marcam as peças da memória nos pulmões poderosíssimos do silêncio (animais carbonizados pelos seus próprios cânticos) e as elasticidades da insciência dos acenos velam as pedras dançantes/desérticas para extrapolarem as cegueiras das fendas com os estilhaçamentos incarnados de outras cegueiras que escavam os vegetais do bumerangue instaurador dos alicerces dos rastros da visibilidade\_\_\_cascos propulsores das armadilhas dos astros carregados pelas estações-a-cronológicas de lava faunística (experiência delirante da ética-estética do incriado sobre o Farol-de-Alexandria onde os falashas amordaçam o deslumbramento dos piramidólogos ou serão os quadris dos pássaros a fartarem de dores os trilhos das vozes?): reologias anestésias as espécies dos despenhadeiros nómadas no interior dos gigantescos excertos das torturas onde tudo é extraído sob esperas dentadas (mudanças enroladas nas formas movediças ou será a VORAGEM INFERNAL DE BOTICELLI a desmoronar-se entre escamíferos geométricos/bélicos da Farsália de Lucano? Restam as erupções errantes que desbastam e invaginam as estremaduras dinâmicas nos pórticos da Astronomia-de-Manílio

---

\* Recebido em 10.09.2014. Aprovado em: 27.09.2014.

(quem somos nós na descarnação da ilha de Taprobana? \_\_\_\_ empuxos sedutores e enlaçamentos de ondas hipnóticas desertadas pelos inquilinos-antípodas das calotas-atmosféricas: superfícies plurímodas devoradoras e geradoras de umbrais de forças das tribos que antessentem as polegadas dos contos chineses iluminados pelos ciclopes das catedrais góticas) as fisionomias vetoriais repulsam as intensidades das travessias dos cristais-mosaicos com os parâmetros flutuadores de falhas, de batidas obscuras(bichos electrificam as entradas das janelas e os fragmentos das recurvas copuladoras de linguagens incandescentes são colos vigorosos, convulsivos que se retraem-avançam para deflagrarem entre o desamparo enturvado da escrita transmovida pelos fluidos viscosos dos voyeurs sísmicos: na violência das câmeras-em-atraso-em-retorno as teceduras do refreamento/deslocamento dos vazios são abarcadas nas encadeações indefiníveis das lavas arquitectadas por socalcs piroclásticos da escritura-corporal (VOLTAR para trás sobre o assombro das janelas tresmalhadas) (escrita-da-ruína-do-grito encadeada nas encurvas do inacabado, no isolamento persistente das moradas des-tecidas pela luz \_\_\_\_ fabulação circulante dos jardins-suspensos-da-Babilónia (perpétua transferência de eclipses que retraçam as transfusões do mundo-lahar: a devastação encruza-se na renascença impura da língua das migrações que recomeça no tacto labiríntico dos arbustos e o risco é já o rompimento indecifrável a interiorizar-se fantasmagoricamente na paciência da embocadura ou serão tricotados contrastantes dentro da colossal-prensa-estampadora dos líquenes dos rumores? Ou serão esculturas semirrígidas ancoradas na genitália da arte-performance de Jonh Cage) \_\_\_\_ (quem somos nós na descarnação da ilha de Taprobana?).

#### PAPOILAS da IMANÊNCIA-OPIUM

A PAPOILA envolve a indeterminação da PAPOILA na sua própria metamorfose divinatória e um corpo euforizante se perde noutra corpo-somniferum: feiticeiros enfocados nos halos bacterianos tentam residir nas recolhas mágicas das carcaças medusóides e vacilam nas transferências das linhas radiais dos sumérios das sete cidades para reutilizarem os cofatores da hemoglobina na fixação dos sakras: vejam os sucos resinosos dos permutadores de BULBOS entre as flexuosidades das polifonias dos HIMALAIAS onde os gritos-gâmicos contrariamente ao esvaziamento das interferências das cavidades tensionam os poliedros dos alvos-não-cíclicos sob os esporos dos mecanismos de protecção: expiação rubra extingue-se na imortalidade dos contratempores dos tecidos vasculares que se gotificam nas divisões sucessivas da ESTAQUIA-ENXERTIA-da-MECONELLA \_\_\_\_ (arquitectura endospérmica abisma-se na erecção catastrófica-radicular e as papoilas parecem gravuras paleolíticas entre as ataduras rizosféricas e as germinações do BEZOÁRTICO do CURVO) \_\_\_\_ a biografia da extenuação-reprodução-dispersão inventa uma língua semi-parasitária de papoilas-sem-tempo \_\_\_\_ errantes geologias nas dobradiças da sedução do nada que caotiza as viscidez imbrincadas nas superfícies moventes das abóbadas criadoras de PAPOI-

LAS-em-labilidade: sim: exponho loucamente as papoilas entre a BARESTESIA e os fungos micorrízicos: as papoilas cegas-emancipadoras: as papoilas das falhas fora da alas-embalsamadas, das repetições sem repouso sobre o que não-existe (contaminação dos ecos glandulares): PAPOILAS que se espaçam, se emaranham nas imissões energéticas do risco, proporcionando os transe das cartas geográficas dentro das reflexividades, da fascinação necessária ao estranho dos olhares-em-rodopio (olhares em propagação-topológica) \_\_\_\_sim\_\_\_\_as circunvizinhanças da menstruação das papoilas cambaleiam ao redor das fragmentações feitas de metais-small-dance dos assimiladores de epidermes-exclusivas(sim: apanhar papoilas no despenhadeiro): as improvisações do interior do corpo aspiram os indeferimentos das habenas órfãs abaixadas sobre a velocidade dos chocalhos nocturnos vocacionados para territórios-ruborizados do pintor-raro\_\_\_\_os corpos-papoilas isolam-se na concentração dos movimentos estriados dos escoadores de vaginas-narcóticas movidas pela metabolização da história-da-botânica (nestas vagas atmosféricas os músculos das papoilas são imprescindíveis à espontaneidade da precipitação abstracta dos mercúrios\_\_\_\_núcleos dos gestos angiospérmicos com variações contínuas e a rotatividade geométrica desfaz-se fisiologicamente no delimitável)\_\_\_\_pedra exaustiva arremessada pela vida insurgente das cabeças soltas. Cabeças vermelhas procuradas, inscritas desvairadamente pelos sibilos dos azulejos de paradoxos exuberantes onde os calcanhares das mulheres se erguem nas amplitudes exactas das alfaias que invocam as clorofilas da historicade dos ladrões-heurísticos (retenção cinestésica sobre as obstruções dos avesos que identificam o pintor-animal nos interfaces das superfícies dos ecólogos e os corpos circundam selvaticamente consagrando as mutações dos genes-saltitantes entre as pirâmides mutatis-mutandis): animais recobertos de movimentos cruzados protegem-se na abscissas-alaranjadas-de-metilo e tudo se mistura infinitamente nas passagens intensivas dos biocombustíveis de HELIANTINA: sim: as papoilas são pactos da esfoliação em mudança sobre os coletes-salva-vidas) \_\_\_\_litígios, tensões, emanções, pensamentos, des-continuidades e marchas-dançantes nos portefólios dos espelhos-das-flores-sanguinárias que abrem as encruzilhadas das casas às experimentações intervaladas das tonalidades anatômicas dos habitats: dimensões primordiais das latências depositam raios-ultravioletas nas quase-fronteiras do PINTOR agudizado pela transhistória-do-glamour da caotização onde as escalas da interstícios se revezam, se tensionam com os fluxos do desassossego das colheitas gestuais: o sangue adianta-se, acera-se nas máquinas-de-variações-de-tonalidades e divide-se nas filtrações da vertigem articulada aos desencadeadores de instabilidades que devolvem loucamente a plasticidade da emergência aos planadores de gravitações \_\_\_\_as forças de transação do húmus em potência mudável alcança, atalha os sopros dos ofícios na solidão dos círculos-funâmbulos que transformam as roldanas das aranhas em minerais sem bússolas (as papoilas escapam à modulagem microscópica, ao desmatamento brusco e restituem magicamente os micro-gestos do pintor ao ópio-mascado)\_\_\_\_minerais ou influxos ressonantes atravessam os órgãos recreadores de climas-distorcidos

incarnando um corpo-quase-quase-corpo que se liberta de si próprio e faz das algas do ioga-tântrico um sopro fisiológico intermediário de sobreposições de uma infralíngua pintada pelas hemorragias das papoilas\_\_\_\_\_ tudo é arrancado e transferível dentro do acaso das papoilas-gestantes de andamentos insecáveis (as mães-naturas paralisam-se criativamente nas ondas sísmicas, nas des-pinturas reversas desviadas pelos arqueiros cheios de biopsias amplamente descentradas e as mulheres deles ainda acreditam no pescoço de meadas nucleares porque as invasões da vitalidade dos herbais exprimem nos seus ventres dançantes as ancoragens e as temeridades do pintor que se atravessa nos curtos-circuitos do mundo para fazer mundo-“papoilado”): as visões enlouquecem-se ao afagarem os horrores estalados pelas narinas desconhecidas que convergem em choque para os traçados miméticos \_\_\_\_\_ sim \_\_\_\_\_ as papoilas-borboletas-helicoidae-em-transfiguração(aqui: os milagres das interconexões-botânicas badalam-se incessantemente enraizados nos venenos colecionadores de feitiçarias pictóricas): as palavras dos rebentos inapreensíveis respiram o golpe-isolável dos cardumes-inflorescentes e fazem da sombra a direção sufocada do instinto das articulações autônomas\_\_\_\_\_ ouvem-se os anzóis ensanguentados pelos bailarinos do pensamento e a fotografia dos estrangeiros é escolhida pela viúva do franco-atirador-da-metazoa\_\_\_\_\_ trabalhar sempre as geografias do reconhecimento e do não-simultâneo onde os instrumentos genômicos da equivocidade fundem-se no deslocamento dos olhos recuados para bombearem as figuras intraduzíveis das candeias que abrigam os destroços dos eixos verticais do pintor em agilidade epifânica (braços em plena deformação desdobram-se entre os planos negadores de texturas enroladas termodinamicamente na impotência do já-dito\_\_\_\_\_ as persuasões das tonalidades viajam dentro de todas as papoilas-em-catabolismo que se voltam para si próprias absorvendo e dilatando os vazios atribuídos indefinidamente aos monstros visionários que também lutam contra si próprios (curvatura ourobórica dos predadores impregnados nas assimetrias dos hospedeiros de parasitas-em-retransmissão\_\_\_\_\_ as CORES das CORES estimulam as mandíbulas comensalistas a deslizarem nas medidas adimensionais: eis os acenos da cor-das-cores-entre-tonalidades a alvejarem os abalos incognoscíveis do pintor dos albedos espectrais (cores da potência que incorporam potências\_\_\_\_\_ parecem invasões de correspondências vegetais, invasões de levantamentos faciais; invasões de opiómanos climatológicos: vejam a gestualidade das polinizações púrpuras sob os decompositores de abates-de-línguas)\_\_\_\_\_ sucos resinosos nas hipertrofias dos amuletos anatómicos \_\_\_\_\_: eis os acordos mútuos corporais, os lances das coexistências a canalizarem entoações de THOMAS de QUINCEY que regressam novamente às heterogêneses explosivas das cores-dormideiras: estas intensidades grávidas de vergastadas dinâmicas penetram nas perfomances dos olhares que tentam completar as coreografias-do-abandono (as drenagens espalham imprecisamente o rumo exterior dos alarmes e os horários das bocas-dos-xadrezes estouram no ultimo zunzum da palavra do pintor que interroga a ceifeira-PAPAVER mutilada por outras papoilas-amodais): os ecos secretos das visões não sustentam as praxes escaladas pelas capturas petrográ-

ficas onde o traços angulosos do pintor-opium transformam os catadores de balanços em canoas-de-cascos-duplos \_\_\_\_ digamos que a ciência das papoilas cria curvas paradoxais, látex leitoso, energias-livres onde tudo se esboroa interrompendo os zumbidos da insanidade (a voz na operosidade da morte-imortal a circunscever a memória-táctil-em-mosaico-tridimensional onde a pele da papoila prolonga a pele géstica-do-corpo-flutuante: arqueologia invariante a partilhar a ausência da pintura dentro da pintura ecoante de loucuras e de ruínas que são causalidades eviternas do cérebro de radares policromáticos açambarcadas pelas claudicações dos sentidos-orbitais: subversão a solicitar as cesuras) \_\_\_\_ a extrinsecação do inacabado absorve os avanços científicos do desregramento sobre os efeitos psicofisiológicos dos ready-mades da ginecologista-veterinária-vidraceira-de-mãos-cruzadas rodeada de discos de polimentos e de esmaltes multicoloridos \_\_\_\_ os alcalóides estão aí com gestos múltiplos \_\_\_\_ percorram as papoilas asiladoras da proliferação do inaudito: sim: trafeguem nos sexos-OVAIS da papoila e tudo será reactivado na transfusão de energias imigrantes e buscarão loucamente os exércitos de TERRACOTA, a língua na língua dos rebordos descende dos afrescos Minoicos \_\_\_\_ a luva-de-dentes-intensos é sugada pela JUSTA-POSIÇÃO das cores da máscara de Agamenon \_\_\_\_ demoníaca-papoila se confessa ao labirinto cravado nas acrobacias do olhar-alucinado): policristais receptivos atravessam indiscernivelmente as texturas medianeiras do absurdismo dos tecelões-de-papoilas para revelarem os planos da fluidificação psicodélica: (alienação incomensurável do antes-do-começo-em-si e a máscara Sulka fica rente à vaca-escrevente-dos-cruzamentos que começa a dar-à-luz entre as mulheres-lavadeiras com relevos hexagonais (a cabeça dos amantes é um sombreamento octogonal nos tempos imprevistos das papoilas escritas nas habitações eólicas que recuam perante os oráculos talhantes das águas-obliquas \_\_\_\_ todas as cabeças esperam pelas cabras-monteses em direcção às ulcerações dos astrolábios-dentro-do-deserto-das-mesmas-papoilas-em-cicatrização: será este entrelaçamento metalúrgico-dos-mantos-de-pele o último declive arbitrativo na escola dos ofícios manuais-das-papaverinas? ou será o andamento traidor das fotomontagens a iludir a velocidade-penal do boi-barrão-de-Cro-Magnon \_\_\_\_ a unisensorialidade da RINASCITÁ tenta dançar grotescamente nas aranhas de morfina-pollockiana (lactar os extremos das vestiduras com a ombreira das pupilas dos mártires que se enricam no núcleo sanguíneo das gigantes vagens recolhidas pela última gravura da errância-enciclopédica: A BABUGEM do RELÂMPAGO içá uma denominação da balsa do apagamento ilegível) \_\_\_\_ derrapagem devoradora de figuras-com-jogos-de-olhares \_\_\_\_: esta olaria de fracções mais altas alastra-se nos eixos das escrituras-papoilas-geometrizes que batem nas mãos milenares dos trapezistas: tudo é ventilado entre os retalhos das frentes-inencetáveis e as promessas súbitas da transumância do PINTOR da infinitude-de-agora): as carpideiras fundem as penínsulas dos espaços e fazem das bocas-das-papoilas argilas queimadas que aspiram os pássaros-em-espiral \_\_\_\_ abertura rítmica a orçar as encruzilhadas dos talos-do-exílio onde o subsolo intermitente reflecte o trajecto perpétuo dos lenhadores que provocam a extravasão alaranjada com olhos ven-



dados : o espanto das zonas de fusão das silhuetas dos desvelamentos torna-se uma anamorfose do campo gravitacional ou serão ejectólitos arquitectónicos a habitarem os úteros-das-escritas que rompem no cascalho-da-visão-interior das serpentes-antes-da-espirtualização?

(CRÂNIOS assobiam nas manadas do madorna), dizem que nos olhares dos animais emprenhados os carregadores de vinho serão sempre neossírios suspensos nas esculturas verticais (eles sempre levaram papoilas nos olhos): os ovos dos répteis cruelmente macerados causam efeitos hidrotermais e as mulheres exibem os pénis uivantes-encapsulados demonstrando as variabilidades dimensionais do fluxo invíscido (aqui a febre dos exorcismos transforma-se em bagacinas-torneadas-por-si-próprias\_\_\_\_a mulher-papoila desfocou-se nas tensões cisalhantes da derradeira menstruação-babélica (visão do fora sob cinzel-alveolar) e outra mulher feita de várias bocas inventadas, de vários mapas enclaustrados cintila umbilicalmente numa enchente decamilenar: as duas mulheres são o esgotamento dos bois furtivos com cânticos podadores de superfícies que trombam nos duelos dos nervos em convulsão desterritorializada (ver no olhar de acéphale): a mulher acontece no arrepio da circulação termoalina e desmancha as suas matrizes nas balanças hidrostáticas onde os arsenais dos pânicos e os subterfúgios arrendam os sismómetros chispados de paixões a-gramaticais\_\_\_\_vistas tridimensionais incrustam-se nas placas de Benin (o pintor deseja a abertura do olho perante a resistência da bestialidade: há que enganar o OLHO nos tabuleiros de xadrez dos jardim-das-delícias e BOSCH é em si a obsidiana da perspectiva dos dardos a perfurarem as protuberâncias cranianas em todas as escalas dos entalhadores-pré-colombianos\_\_\_\_a PAPOILA é a própria luz-condensada no axioma-em-rotação, é a dissemetria do êxodo e nada será designado\_\_\_\_insuspeita inscrição da papoila na violência nómada do pintor): este instinto ácido e reminiscente das ruínas de corredores anónimos transformando os batentes de ponta Kanak em cenografias-diáfanas que se amontoam num CHIAROSCURO-de-laranjas infinitamente tremulantes: as raias informuláveis da palavra-papoila acontecem na obscura ressonância das vigílias, nas improbabilidades cegas da tentativa da escrita-pintura, na catástrofe crepuscular em forma de víbora imóvel, cogitada pelo assombro da vertigem da arte do UKIYOYE\_\_\_\_dizem: planos quebrados do mundo flutuante, rebentação das safras ou ouvidos aspergindo na transparência das pedreiras nocturnas (o exílio serpeante e o apagamento dos vocabulários dos répteis são as sucessivas fissuras do estranho entressachado de desmoldagens, de repetições enviesadas das buzinas que se desfazem nas bordas das ascendências grafadas indissolúvelmente nas aberturas que não são aberturas porque tudo se retira, se afasta sem cronologias (ecos arrancados aos números gravados nas mandíbulas das onças-pretas e os escorpiões multiplicam as vértebras estéreis entre os movimentos prânicos das PAPOILAS para tactearem ensimesmadamente as excreções dos ardis dentro dos corpos astronómicos): o imprevisível permuta-se dentro das artimanhas do incógnito, da tensão alegórica, dos troncos torcidos pelos adustíveis-proféticos dos rostos-falantes-que-ainda-olham-paradoxalmente onde as palavras

regressam infinitamente à contestação-da-não-diferença entre as trincheiras-terra-queas e a impossibilidade de transportar mandalas sobre as vigilâncias dos influxos mediterrâneos)\_\_\_\_a sonolência-sanguessuga sufoca a agnição dos resguardos-da-fenopeia-melopeia-logopeia em conflito com as linguagens-de-ninguém onde as ventas hexagonais dos touros-leitores-de-pinturas se acendem desalmadamente com outras linguagens-carbonizadas, com o livro das oscilações psicodélicas: estas estátuas-equestres são batidas extintas sob as variações criptográficas das papoilas mais antigas que conheceram obscuramente o assalto ao impoder ateado até às falhas das matérias adversas que incutem vida nas cravelhas furtivas dos insanos (zonas de fusão-de-cactos e os alfabetos acoplados à auscultação do infinito retornam na diversidade das vasilhas nazcas, no dissemelhante da arte suméria, na dinastia-ANTÍGONA\_\_\_\_articulação dinâmica das papoilas cruéis que refazem as efracções dos olhares suicidas

(enxertos a esbracejarem no estrume das papoilas dos nervos centrais) ou serão olhares-em-círculo sobre a numerologia chinesa a transportarem degraus analfabéticos com o atropelamento dos vasos maternos?\_\_\_\_são os puxadores de cordas da onda de Kanagwa a escaparem aos carrosséis mais remotos\_\_\_\_os planos quebraram-se entre o balé triádico do Cabaret-Voltaire e os panoramas de GOLGOTA (pó açoitado pelas ervas imperceptíveis e as imagens dos filhos são telhados cravados nas iluminuras das línguas anónimas que dimanam violentamente os alvoroços das mulheres entre os crânios taciturnos (dizem que os silêncios agitam-se por dentro das barcas acendendo a terra até aos atravessamentos do corpo viandante): a PAPOILA é já o GRITO hieroglífico-rolante composto pela alienação dos arquitraços: este uivo-trilhador de casas-ópticas encalha nas disposições angulares volteadas até à concupiscência precária que gira contra às sinopses das suas próprias sombras\_\_\_\_a tonalidade das poses golpeia os nomes imemoriais-errantes porque vive do escoamento da estética-desejante das papoilas-pára-raios que incineram as velocidades das guelras terrestres, os choques das roldanas do sangue-picto-hieroglífico (impenetrável animália que estremece antes do surgimento das ressonâncias dos carbonos do delírio): encenações transbordantes permanecem nos olhos-levantados-invertidos das papoilas-dionisíacas\_\_\_\_arquipintura da vida exaltada pelo distanciamento/cercania da negatividade criativa de tudo que recomeça: a papoila vive, revive da propagação, da transferência dos resíduos xamanísticos\_\_\_\_VIVE com quilíades de partículas transductoras (os BULBOS estão sempre em pânico na coreografia opióide do PINTOR-da-rua-do-príncipe-real).

A tentativa esquizóide da escrita-poética é uma vizinhança CANINA-equestre inclinada a desvendar/dilacerar ecoativamente os chifres das pirâmides, os nódulos geodésicos, as ventas dos voyeurs, os pólipos falciformes da tradição incomensurável, as lavas pulverizadas do porvir, a morfologia da visão ascensional das curvas ilimitadas que atingem todas as extravasações de todas as partes pelo avesso onde o pensamento-repulsivo e em traição-uivante para viver velozmente/deformante sem dependência das gengivas do poder, absorve as carcaças das espias, acende-se com os jugos das espécies que deflagram nas visões implacáveis do corpo e as placas dos vermes

dançam no sangue vexante da palavra, acrescentando mitologias anémicas e anzóis-despovoados aos ventres metálicos movidos pelas transformações agrilhoadas das vaginas-transitórias(esconjuro umbilical electrificado entre trepadeiras infusas (as vaginas-em-hélice continuam a remover os pénis segadores e a urina do texto anestesia as escarpas com o cobre dos tumores de todos os olhares apavorados) as bocas desfazem-se em cânticos para trespassarem as ocupações encardidas das mães que rebentam paralisadas, agarradas às unhas fúnebres dos amantes \_\_\_\_ flechas multiangulares de obsidiana gotejam cruelmente nas monocromias de Rothko \_\_\_\_ a escrita de guelras-giratórias cravada no dinamite inesgotável dos náufragos-leitores \_\_\_\_ A ESCRITA nos imanes dos arados abstractos ou serão cascos em cavalgada na solidão-da-pestes?

(a adrelanina dos pigmentos minerais, os gestos do lançador de discos e o enxofre dos traços da escrita faiscam nas desfocagens dos hipocampos, na ciência dos requiems imaginários, em tudo que não espera para alcançarem a voz inacabada da sombra entre os frisos do Partenon e os mosaicos bizantinos que traçam a arte insular da linguagem (cítricos a rendilharem os nevoeiros das sanguessugas: foices opalescentes da palavra rolam nos úteros das cantarias incicatrizáveis): fendas anósmicas a perambularem nos ovos biosonares in-corporais, cerâmicas laqueadas absorvem incensários para embalarem o sangue das serpentes nas varandas ovais: (rupturas dos diques sugam os textos-arqueológicos doadores de sedimentologias desordenadas e a voz encontra a escrita do corpo, torna-se a escuta da escrita nos intervalos da profundidade-subtil onde encontramos o Lorde-oito-veados-garra-de-onça dentro de uma túnica de tecido INCA) \_\_\_\_ contrair acontecimentos prismáticos e versículos hidrónicos REPLETOS de putas-ressequidas entre as reduções das sobrenadas e as estrangulações umbilicais do texto onde os instrumentistas ilocalizáveis infinitizam-se e configuram os reencadeamentos dos lances ou será o prolongamento da viagem impalpável nas dissonâncias anônimas? Ou serão as zonas deslizantes das forqueaduras a devorarem os cadáveres das invaginações giratórias entre fronteiras que se dissolvem sobre o carvão do poema? (abduções AUTISTAS a deslocarem as metamorfoses da ficção nos núcleos míticos da realidade).

As válvulas das accidentalidades acumulam-se nas veemências dos hiatos e a constelação ciclópica do corpo debruçada nos algoritmos é exigida noutras encurvas enfeitiçadas que perscrutam e pulverizam os sons panegíricos de estarmos perto os olhos flectem-se na experiência abismal, nas cosmografias e atingem o ilogismo das perspectivas na fantasmagoria da linguagem \_\_\_\_ vidros com insectos incuráveis (distanciamentos da visão a cartografarem as quebraturas do absurdo: capturas, absorvências, desbordamentos, deligações, reticências, intersecções, descentram o invisível-indizível das escrituras: as escrituras autofagiam-se para acontecerem como escrituras entre trilhas que se exsolvem na renascença das violadoras de abismos): o transe está por perto porque a voz surge doutra voz perante o resurgimento das mudanças dos remorsos da esfinge: a inscrição deglute-se a si própria dentro das trompas da inseparabilidade e as agulhas ocas do sangue escorrem dessacralizadas para



encarnarem na entropia-criativa da palavra desaguar nos umbrais e resvalar nos esquifes fantasmagóricos \_\_\_\_ a palavra é em si uma penumbra de vísceras sedutoras que se infinitizam nas rotas lacunares e se tensionam nos dédalos-médiuns: palavra abocada nas esporas das auscultações, nos recolhimentos das queimaduras, nos desassossegos suspensos, nas catástrofes adoradoras de unicórnios, nos transes preciosíssimos dos vestígios, nos arroubamentos que eclodem nos répteis tresloucados e os olhos-do-leitor buscam os desvios inacessíveis das fábulas; o corpo do leitor se transforma numa usina-nómada sobre o texto-ensurdecido e construído pelos jogos das emigrações feiticeiras, pela experiência das vozes nos cruzamentos da lama e das indiscerníveis-fronteiras (sedimento fascinante dos gestos \_\_\_\_ o sangue violento da incerteza): um cavalo mudo a salvar-se no resgate do ócio mimético, nas soldagens geológicas que aferrolham alimárias soníferas e ofícios rastejantes das ciências entre plataformas apinhadas de clarabóias: tudo rodopia, balbucia nos velórios das artes: os acicates dos insectos desistem para recidivarem insistentemente nas bainhas barrocas e os alumínios sonoros dos enforcados na desposseção, marcam as interferências dos textos para ilustrarem a consistência vítrea das mitologias re-inventadas entre os instantes inequívocos das ondas de choque e as translações de forças medidas de vazantes \_\_\_\_ as tatuagens dos textos voluteiam-se nos tubos dos mercúrios, nos agulheiros primordiais e linfaticamente galopam eliminadas nas misturas violentas das cegueiras (fissuras magnéticas prolongam os gestos, as fisionomias do poeta e as veias dos paradoxos transformam-se nos murmúrios indecifráveis dos poemas vazados nas esponjas das cobras-quase-mutiladas): as focinheiras dos mergulhadores de ulcerações a escorarem as fracturas das anamarfoses porque duas arqueiras ressuscitaram nos eixos podres dos golfos \_\_\_\_ a flecha povoa-se no próprio fuzilamento fetichista (as vozes retraçam as vertigens onde o pensamento se desmancha sem alvejar: regressar à imprecisão da língua, à passagem incomensurável da língua e a intercadência articula-se às cascas da instabilidade \_\_\_\_ traço dinâmico a demolir-se sem datas nas falhas dos astrónomos: as sensações carregam o estrangeiro aparentemente atingível e as cronologias interrompem-se nos despenhadeiros-em-rotação): o levantamento do repouso da mutação expulsa o triângulo incandescente dum mundo intraduzível e os vizinhos inseparáveis ficam paralizados-sufocados entre leques policromáticos: eis os desvios das escamações descomunais a reverberarem nos ranhos das hélices-por-descobrir (ou não descobrir, nem disfarçar, mas desmantelar, desorientar: as rótulas dos limites até ao limite-dos-limites e levar o poema ao risco dos corvos, à perturbação do deslize, ao estilhaço, à entrada abismal, à errância, à imanência, à emancipação, à não pertença: atentem, as lacunas do animal-poema em movimentos metamórficos-aterradores, tentando transladar os ecos florestais-desérticos-oceânicos e tudo se confunde no atraimento reflectido no vazio hermafrodita que é ruptura de esferas a seduzir os espinhos dos contrastes da simultaneidade onde tudo sucumbe): uma experiência de carvoeiros sinfónicos a traçar o sublime das várias naturezas alpinistas, das várias escavações límbicas para inaugurar o movimento inconcluso do acidente ástrico que é

espelho de ancoradouros galopantes, capturando as guilhotinas ordenhadoras das des-  
screitas (esguelhadas variações de uma aurifícia imperceptível: tudo é arrancado na  
culminação da solércia inabordável, tudo se fixa nos cavalos dos signos hibernados na  
indeterminação (hipofaringes a latejarem na coruscação dos oradores de solstícios)  
(os pássaros regamboleiam nas bagas loucas, condensando as engatadeiras das raianas  
e as carunhas dos reflexos seguem obscuras nas bandarilhas dos fantasmas-FUNGI que  
desventram o enxofre das órbitas das cascalheiras\_\_\_\_ texto incessante-vibracional que  
ofusca, flutua na insonolência carnívora, nas esporas capinadoras de vultos e o leitor  
recurvado sobre os batentes dos fósseis cambiantes, está insaciado, misturando-se nas  
idades maiores dos cactos colunares: uma alegoria de invasões anatómicas mimeo-  
grafada de sismicidades férreas): no fundo, os pássaros partilham minúsculos golfos  
infundáveis no espanto da palavra-em-trilha-inacabada, da fogosidade sazoadada (ouri-  
ves-leitor em transe rotativo a entregar-se aos pulmões-autotróficos dos voos inconclu-  
sos: os voos se entrecruzam, se expandem, se encolhem sonambulamente nos mergu-  
lhadores primitivos do pensamento, catapultando desertos, cartografias matriciais,  
cegueiras em ciranda) (espontaneidade ruderal a circular nas mutações dos corpos  
dos leitores-infiguráveis-abstractos: os gritos antiquíssimos, lávicos, vulcânicos con-  
vergem concomitantemente: ludicidade a regressar à vertigem interrogadora)\_\_\_\_  
perseguidores dilacerantes de fungos que narcotizam golpes-trapezistas e menstrua-  
ções poligonais das des-leituras: as polpas sígnicas recomeçam no calabouço dinâmi-  
co dos chacais onde os diluvianos-semas se proliferam mantricamente e as vértebras  
dos tentadores de textos poéticos são pontilhadas poliedricamente rastejando até às  
fornalhas minerológicas, morfológicas e petrográficas: sobejam, os estendais conta-  
giantes das tubuladuras e das ruínas pré-babélicas dos leitores (crânio-hibernal-na-man-  
dala): a ossamenta do texto incandesce-se nos batedouros da desapareição: coreografias  
dos encaços das hordas ou serão as repercussões das fissuras a estrangularem as febres  
sibilantes dos OLHOS-baleeiros dos leitores? Ou, a ab-rogação da sonoridade subma-  
rina na voz humana-animalizante onde a experiência do silêncio, da inexistência,  
abre-se à ECDISE do poema (tudo se abandona profanamente, tudo acontece antes de  
recomeçar: eis a incisura em transfiguração, a força invisível da tentativa da escrita, a  
sabedoria da precariedade?).

As vozes em falha-milenar transmovem-se nos reservatórios das vegetações-ute-  
rinhas, queimando ritmos dos chamadoiros bipolares como fracturas nas matas ciliares  
a forçarem os epicarpos-mutantes das hidras-em-semi-circulos: talhaduras estranhas  
dos onívoros sobre as linhas-boomerangues contaminadas de clivagens-serpeantes  
(metabolização das fístulas carbônicas): cultos clandestinos à superfície levantam  
lances errantes nas releituras insondáveis que recuperam as tatuagens da vida ao des-  
truírem os solos lixiviados das significabilidades (a visageidade fortalece o pavor dos  
espelhos, os golpes crudelíssimos dentro do corpo profanado pelas ferraduras dos ar-  
trópodes) \_\_\_\_o inciado descarna-se no embate estertor das chibatadas das bactérias  
Neisseria-gonorrhoeae: as vozes retornam e torcem-se nos artífices ricocheteados pela

homeopatia dos ÁRTICOS. O corpo sazonado procura as mestátases nas galerias dos monturos (cernelhas dos morticínios refulgem entre os LICÓRNIOS abduzidos pelas mucosas-em-desovação-sobre-o-poema) \_\_\_\_\_ as escrituras ainda sobrevivem porque absorveram milhares de tóraxes dos escaravelhos através dos repuxos das longitudes perseguidas pelos anfíbios. Petrologista-bate-dentro-dos-XISTOS

Os musgos têm erros dulcificados, as cânforas entrecruzam-se no centro dos incêndios, as samambaias amadurecem na arquitetura impermeável das putas e os engenhos calcinados pelos animais-invisíveis do poeta desviam-se dos gigantescos frutos-capsulares das linguagens até se evaporarem nos haustos dos tratados de Teofrasto que pressionam os caules lenhosos do corpo-mosaico da petrologista-podadora-de-XISTOS: as herbáceas atravessam os lençóis freáticos inflectidos no látex radicular da tentativa-da-fala e todos os flancos cantam as sombras dos metanos das pressões hidráulicas. Vejam as braçadas bruxuleantes das bússolas arrasadoras sob os restos dos cavalos fossilizados pelas expressões-grunhideiras dos carbonatos: eis a xistosidade do sangue do púbis-linguística a confundir silicatos, querogénios, solubilidades com o carvão-húmico-a-histórico do relâmpago que abaçana carbúnculos hemáticos nas tensões dos desaguardos (as limalhas do poema perseguem os baques sanguíneos das pirâmides-espélicas) (esquiadores polimórficos-betuminosos reincorporam as fugacidades das ressonâncias vertebrais que estouram nas redes vermelhas das bocas dos poetas): são corpos-moventes no suicídio glacial ou serão os esmaltes das escamas dos mamíferos a exaltarem-se nos espectros das campânulas que enlouquecem no grito da decomposição? As facas da língua percorrem os cometas cárdicos para se arremessarem contra os magnânimos prismas da incompletude do cerejal

(os sons dos archotes dos animais perpetuam-se nos obstáculos ambulantes) e o poeta reemerge da visão descentrada de outros poetas repercutidos pelos poços imperceptíveis dos espeleologistas que se retiram das escrituras-sem-mapas-nem-malhas e se tornam esboços de outras extensões da memória descomunal das terras de XISTO (outros cânticos consanguíneos oxidam-se ao honrarem a loucura nos teatros vasculares dos assassinos-do-sono e os delírios da antiguidade são ressoados pelos movimentos energéticos da levitação dos povos que refluem na escrita-do-silêncio-tumular e se reconfiguram nas circularidades da potência torácica do hipnotizador de pássaros afogado na cegueira-centrífuga-das-mulheres-que-ainda-ressuscitam \_\_\_\_\_ tudo estremece debaixo da acumulação do fogo-em-despedida): eis o resgate do esquecimento-azulado e os opiáceos escorrem nos ouvidores de estilhaços de mãos-dadas estilizando o arco maternal do pensamento em suas possibilidades extinguíveis ou serão os vestígios das cirandas das populações desterritorializadas?(cicatriz dentro da imobilidade do espanto pisoteado pelas vizinhas matadoras de glórias confundidas com os instintos que ardem na exultação dos ventres): os terrenos movediços da palavra fossilizam-se incandescentemente e se obscurecem nos cicamentos das paragêneses-nativas: é esta a imergência dos itinerários que esfiapa a clorita dos nervos das poses e as nidificações parecem minerais-verdes cavilhados-de-dicionários-fabuladores: este espectro

incriado sobre o súber do texto é já a levedura indefinida dos leitores-trespassados-pela-órbita-da-morte onde os poemas deslizam incendiados entre os crípticos do solo mandibular até revolverem os signos estrangulados da cosmologia: os umbrais continuam na avalanche do corpo-marsupial e o texto-poeta tenta re-germinar nos crivos dos vermes com as bocas dobradas pelas espumas abstractas: perspectiva revitalizada pelos ecos-hemorrágicos do corpo-intervalado onde os espasmos dos espíritos são discernidos sobre os estojos das superstições dos instantes embebidos de fêmeas\_\_\_\_ a fulguraância apascenta os degraus da vastidão dos cascos das onomatopeias onde o objecto e o sujeito desfazem-se nas anestésias das antecâmeras do lugar-insustentável ou serão psilocibinas em transferências transversais a calcinarem as cascas córneas do poema? Aranha e arдил no agulhão dos limites recuperam as forças dos bichos-de-esboços-trágicos (exoesqueleto a presentificar a deflagração do texto-em-contraste-hemisférico que se liberta das viciadas falanges em galopada multimoda): tudo é escoado e cercado perante o desespero da PETROLOGISTA na reciprocidade dançante da Amanita Muscaria. Não esquecer que o poema-XISTO acontece, sobrevém, deriva do estreito de Bósforo, dos olhos da dinâmica-de-digonais de Cezanne de olhos-laharsistas: interrogação e metazoa entre os apêndices articulares\_\_\_\_ a experiência da experiência dos ossos trançados adentro-e-fora da língua e os cogumelos bioluminescentes colhem todos os diamantes das pálpebras inominadas: simbioses ou bolores nas enzimas da DRUPA? Dizem que a voz é já em si o estranhamento da carne-fechada do poeta e o cadáver sonoro do poema será intrincadamente cinzelado dentro do atleta que segura os chifres-Bauhaus do texto-XISTOSO\_\_\_\_ quando electrocutado CURA a xistosomose

A espontaneidade do olhar turbulento espermatisa as mutações do corpo e os cânticos das sombras bloqueiam a ilustração desmembrada dos rostos que fundam e dissecam espectros no sangramento das ruínas. As sensações fotossintetizantes das esfinges inscrevem-se nos fungos glandulares do texto, atravessando as experimentações das peridermes-alienígenas e as capturas dos herbais exilados seduzem outras profanações do poeta (odyssoimai): um rumor gimnospérmico sem respostas a ameaçar todos os mapas, todas as embocaduras da linguagem (dizer no jogo do desaparecimento): o chamamento escamoso dos copuladores de árvores indetermina a GUTAÇÃO da língua-por-vir que é em si o câmbio cortical do deserto, incubações vulcaniformes, viscosidades mitológicas: sim, o corpo-texto desagrega-se na ANTESE do deserto, prolongando a sua medula espinal na transladação da errância (inconclusas escritas caulinares a magnetizarem os ecos vertebrais das fissuras ou será o desmoroamento do próprio poeta a reflexionar o imprevisto zoomórfico entre as os vértices das exsudações e os rasgamentos de tuataras?): escuta-se a compactação das vozes de todos os lugares, as ondas semi-lunares, os chocalheiros solsticiais de Ulisses e tudo se precipita no exílio alcalóide do possível poema onde uma encruzilhada de cogumelos sem saída, esboça as vesículas rizomorfas da vastidão: vejam, o extravio da animália no arboreal inexplicável e o texto dança epifanicamente entre enzimas capsulares e os lepidossauros(os gérmens poéticos de Schistosoma mansoni imergem na imprevisi-

bilidade do olhar do leitor (olhar ensimesmado, embaciado boia nas escarpas da perplexidade: este olhar arrasante, é em si a contaminação triásica dedilhada pelas barbatanas cartográficas\_\_\_\_\_o assombro que violenta as personagens tolhidas do rosto).

Nas clarabóias hemisféricas que sugerem vida-grafite, há as vigílias turbilhonares, os desejos fractais, os prodígios policromáticos sobre a precisão da coxa de Proserpina (pluviosidade no colapso do olhar que revitaliza derivas helicoidais) e as máquinas de vapor de Watts laçam unicórnios à pneumática do mundo-em-negação, à secura dos fragmentos refractantes. Indicadores de carvão tombam nos encaixos da invisibilidade para plasmarem a destruição dos espólios-em-zigue-zague: é o autor resvaladio composto de disposições fantasmagóricas, de volatilizações e de luminescências quebradas, interseccionando gelifracções autofágicas, vedadores de citologias, ogivas sazonais, corais lendários, mamíferos-sismógrafos e seu corpo-do-diverso-e-em-contradição, recolhe-se e expande-se nos marcadores desérticos, nas larvas glaciares, nos guindastes psicadélicos (tensão no desnodamento): o poema feito de abaladuras chamejantes faz dos seus escorpiões refulgentes zonas de dilacerações. Ele descampa nos entrelaçados infindáveis da escrita malabárica, que retrocede e avança loucamente entre gritos fundados no corpo intervalado do texto, no corpo hibernar do poeta: vozes-em-gravitação que se descerram e se cerram arremessando a vorticidade das sombras em todos os subterrâneos-solares, em todas as incisões das necroses e o derribamento geográfico do leitor é a arquitetura do apavoramento dos caminhos incinerados pelos alumínio anfíbios dos miradouros da cegueira (Mesopotâmia-Egipto-pedras-CLÁSTICAS-intangibilidade do poema onde a palavra desampara o grito para absorver o vazio ou possivelmente recuperar as mensagens dissipadas dos mitos e tudo regressa infinitamente, repetidamente entre a inapreensibilidade e o estranhamento (prodigioso desvio dos golpes dos cativeiros): tudo se devolve à fantasmagoria da voz dos re-começos e o leitor vocifera e sonda simultaneamente, criando um labirinto de si mesmo; o seu corpo-em-tensão suspende-se na tecelagem imemorial do texto (dos vários suportes das potências obscuras): o corpo é o andamento dos acenos inexequíveis, é o golpe que incide na estranha ruína, a ruptura da abstinência barbitúrica que faz dos vestígios atafalhados de cadáveres a visageidade louca, porque espera a in-transitabilidade da escrita-dentro-de-uma-vala-comum para reflectir e acalçar o jorro do não-vivido: a palavra transforma-se no indizível devorador e nas vizinhanças criativas do mundo silencioso: escuta acesa e desmantelada pela hipotética lucidez da in-coerência: a voz humana-animalizante-herética-cruel que nos leva para o lugar da improvisata, dos devaneios afundados, dos êxtases naufragantes\_\_\_\_\_inigualável fulgor do escavador de engrenagens, de cremalheiras ofuscantes que re-constroem, re-fazem vida, fundem vida, despedaçam vidas amortalhadas com vozes-outras que morrem e nascem conjuntamente no anonimato (esplendoroso adensamento dos indícios dos traficantes de asilos imprevisíveis), e o poema-corcunda continua a surgir nos estertores do silêncio infanticida, porque a musicalidade é a experimentação exorcizante do seu dizer-desdizendo\_\_\_\_\_nada acontece contraditoriamente ou subterra-



neamente; tudo acontece no avesso, na demolição, na cisão, nas personagens isoladas e grávidas de paradoxalidades \_\_\_\_ não sei \_\_\_\_ sei que o desmoronamento incessante está aí: na tuberculose e no suicídio de quem se diz-poeta).

O ANIMAL das pedrarias resplandecentes é esculpido pelos hinos violentíssimos das escritas iniciais \_\_\_\_ o estreme das agulhas alonga as artérias do eixo-badeixo onde minúsculas arquiteturas são recusadas ao expulsarem as ascensões das safras (o tropel do deserto está aí, o poema não se conhece e se torna ausência vaticinante \_\_\_\_ os baseamentos remotos da escrita estagnam-se nas unhas das alvenarias para se acrescentarem mortalmente nas súbitas geografias) (cantos mitológicos nos olhares a-históricos que afundam os incêndios na anatomia dos caçadores de palavras-em-simulacro \_\_\_\_ bordados das doenças das chagas: as contrariedades regressam à superfície sem sustentáculos e se arrancam aos triângulos escalenos da terra granulomatosa para vigiarem os gestos escreventes do corpo fantasmático onde outros corpos se improvisam nos desfiladeiros oceanológicos do pensamento (haustos disfarçados e se disseminam na reflexividade dos espaços impossíveis, incorporando fisionomias incertas e itinerários cuneiformes \_\_\_\_ deserção e origem se interseccionam cosidos de fotografias rasuradas): tudo se entrança na anabase da interrogação e nas ondulações dos animais curvados cheios de pedúnculos e de fluidos newtonianos: tudo muda no sangue da voz das janelas-em-derrocada, na voz heráldica de presságios, na polissemia das formas de vida, antecipando semanturgias mutáveis e rendilhadas pelos lodos das queimaduras insondáveis que eternizam os baixos ciclos dos metais (losangos inevitáveis na hipnose da escrita-carbonífera).

As forças poderosas dos segadores de diafragmas sígnicos rastejam nos pianos fúnebres da palavra (azulejaria da hiemação, eco babélico na batida dos mamutes ondulatórios da escrita que marca os metais dos muros atropelados pelo sufoco das sombras) onde as escoadas lávicas instantaneamente irrompem as viscosidades hermafroditas, as plasticidades cambiantes, as inflexões das larvas (palavra impregnada de animais sem sentido, sem imitação \_\_\_\_ apenas a maldade contemplativa da lucidez, o grito identificador da hipnose e os acajus-catingas sancionam e confirmam o abismo: eis o compasso do lodo convulsivo a inumar os rostos na demência) fragmentos angulosos nas faces imprevisas que congeminam acrobacias carbônicas e ranhuras ancestrais sobre as tapeçarias tridáctilas placentadas nas patologias do poema \_\_\_\_ os fracassos da pedra incisam abecedários e o impaludismo feito de cortes-falsos range no AZUL batido dos animais (a emenda facínora extasia e faz do insulamento um triângulo de casas sedutoras): ejeções de magmas, defluxões laminares, trilhos caleidoscópicos, arcos milenares a desmembrarem-se num espaço infinitamente livre: mangues incarnados nos jorros das coreografias do interior-sem-rédeas que é já em si a atmosfera singularizada por multiplas dimensões, multiplas latências, é já em si o desfaseamento dos reversos e travessias do extravio, dos despojos em forma de cães-espantados (nuvem piroclástica persiste na engenharia dos invertebrados, forças infinitesimais gravam-se nos sarcófagos pantaneiros e os fragmentos febricitantes e hipnagógicos estilizam-se

nas contradições urdidoras de outras fisiologias incicatrizáveis\_\_\_\_ vitalizar o vazio letal da escrita, a ladainha ultramarina polvilhada pelos cruzamentos serpentinos dos feiticeiros): projecção de rostos dançados e apavorados entre os jogos das expressões em contraponto, as fantasmagorias glaciares e os movimentos parabólicos das alcovas\_\_\_\_incestuosa-teoria-da-física-experimental a suicidar-se nos planos inclinados da carnadura dos mergulhadores de carcaças filtradas pelas correntes dos prostíbulo onde o magnésio informúlável do texto carrega e lapida furtivamente os uivadores das suas catástrofes.

## II

O pensamento acústico prolonga-se nos fluidos lubrificantes dos glossários da loucura, das raianas perpétuas\_\_\_\_aterrorizadas pelas procissões atmosféricas; efabular no investimento dos fogos a maldição das derivas geradoras de vocações abstractas: assim, o transporte xilémico da autonomia afectiva liberta as correntezas do desejo de vida e da vida obedecendo às lufadas multicarpelares do exílio-CROCODILIA: os gestos transfiguram-se nos féretros dos prodígios para prevalecerem nos confessionalários avasculares dos leitores: na efemeridade-OVÍPARA os seus movimentos frenéticos reflectem os curadores adversativos, as queimaduras invertidas em transição e transpostas por circuitos ensanguentados das glândulas superficiais-do-texto-trapezista: enervamentos do leitor-suicida onde as metamorfoses de Ovídio absorvem as drogas colinérgicas dos mitos gregos: retrazar as metamorfoses multiformes do corpo com as tonalidades inacessíveis: as torceduras desérticas do leitor, cerram-se para além das articulações das emboscadas: são as securas cartilagíneas a volutearem-se nas vozes instáveis do corpo para dinamitizarem os envoltórios dos anatomistas: eis os maquinismos do desastre entre os tocadores de espanto, os pirómanos do êxtase e as gomas ondulásticas do transe das escritas que se conglutinam vegetalmente sobre as sentenças das faúlhas\_\_\_\_ (ferramentas inesperadas dos equinodermes aproximam-se dos rituais pestilentos e os rasgos incandescentes dentro do pântano sígnico penduram-se nos olhos arrancados à loucura do RISO): víbora viciada em brônquios cosmogónicos a esgotar-se nos ângulos dos interrogatórios minerais onde os violadores do poema são espionados pelos animais iniciáticos e jamais serão contraídos, porque seus corpos linfáticos/paradoxais dedilham-se debaixo do chão paramidal: estes itinerários incicatrizáveis e apofânticos seduzem as superfícies espectrais regenerando as travessias das estepes semânticas com os jogos da indiscernibilidade, da indecifrabibilidade que suturam as hastes dos espantalhos dos alpendres\_\_\_\_ (escavações de subterfúgios com fluxos de esfinges orbiculares e o clarão estriado forja-se, escora-se com os crânios vazios das extremidades dos leitores transversalizados pelas carpideiras-insularidades-cremalheiras-cordilheiras(UIVOS-crípticos)\_\_\_\_epifania vulvar-placentária a dilatar as alavancas das andaduras: golpear o que não subsiste onde o leitor se exercita perdidamente): uma linha oblíqua de capturas de experiências solfejadas pelos epicentros das escavações bífidas que transformam as espessuras das migrações em murmúrios saqueadores de feiticeiros (lances da crisalidação xamânica, estéticas trans-

portáveis): todas as artes são rascunhos axadrezados dos movimentos da cosmicidade corporal e as oscilações dos fórceps dos textos são pensamentos fractálicos dos vendavais articulados aos ganidos dos astros que se expandem noutros acenos antagônicos (cadafalsos petrológicos a incendiarem os teares das sedimentações dentro da rotação-dos-rostos das segadoras: texturas ondulatórias e corredores da contemplação): este caos troante desmembra a polifonia lapidificada do olhar-das-magias (gárrula des-nucleada atravessando estreitos desmoronados e curvaturas onomatopaicas) provocando descentramentos sísmicos, quebraturas-móviles, tarântulas em peregrinação-mutante onde outros olhares desaparecem ao rapinarem os ecos das constelações, ou serão sombras longitudinais a refugiarem-se no dilúvio súbito que reincorpora as comportas extintas do fogo-heliciforme? tudo é negado através da luz descomunal, das araduras das córneas: tudo é cartografado nos cruzamentos das distâncias que recebem fronteiras indeterminadas e deslocamentos do absurdo (adivinhações gladiadoras seduzem anamarfoses e os esgrimistas de faróis fazem dos batedouros, aranhas heterocronas \_\_\_\_ eis o poema em glandulação).

Linhas de deslocamento das artes das fendas caotizadoras-mutacionistas; falas deslizantes a desaparecem no declive labidouro do poeta-vulvulado ou o poeta-HIPERBÁRICO como incisão florestal-mesooceânica a fragmentar-se vertiginosamente nos hemisférios da fala labiríntica que oculta e lança outras sonoridades dos répteis errantes nas matracas dos carvoeiros mestiçadores: os ímanes da oração em delírio-hidrográfico abrem-se aos arabescos da antimemória dos golpeadores dos penhascos que buscam nadadoras seculares para desbravarem os acasos dos impulsos de todas as rugosidades que se multiplicam no abecedário arrasante do leitor sempre reversivo, camaleónico, detonado pelos vagidos do espelhismo, pelos pânicos das picadas panegíricas das dobras equinociais (redobras de aeroplanos trespassadas pelo desvario funâmbulo a ancorar-se momentaneamente no esplendor que exige a obscuridade, a cauterização das batidas cartográficas, as contracturas das víboras nos bebedouros do texto intermitente e detonador de olhares-artrópodes): \_\_\_\_ joias anatômicas ampliam a transitoriedade da escrevedura lançadora de golfadas orbitais e de arquipélagos rasurados pelos ferrolhos dos hospícios \_\_\_\_ os espaçamentos voltam-se sobre si mesmos vivificando a corrosão/aspersão dos ensaios das devastações que desenham transbordamentos de esquecimentos nas hastes das espirais libertadoras de leitores-cadávericos: zonas psicossomáticas dissolvidas no engenho literário, nos fósseis vacilantes que eclipsam os espasmos das antecâmeras para sangrarem nos índices de vazios (o pensamento-sismómetro não revela, nem oculta os tratadores de fagulhas, ele plasticiza-se sem biografias na imprevisibilidade inter-estética, na destruição dos ladrilhos das origens: experiência gravítica em transfiguração a recolher-se e a expandir-se perante a exposição do dismantelamento indecifrável da reminiscência, das roletas mestiças dos vazios, dos pássaros acendedores de manchas oblíquas: sementeiras-limítrofes rebrilham nas mórbidas rotações anfíbias onde os vidraças sonâmbulas desconhecem o insaturável, o insaciável e o repouso se torna no único combate dos muros):

o escrito desvia-se dos séculos da manuseação para abandonar-se nas facas uivantes da desmemória procurando as cartilagens da catástrofe, as hibernações das bocas selváticas, as ossaturas nômadas/atravesadas das multidões inexplicavelmente comedoras de escórias de louvação (distâncias flexíveis repetem-se nas invasões das vergastas do clarão fatídico e fracturam os hóspedes ressequidos dos textos que rangem vorazmente como ornitólogos enforcados nos crocodilos graníticos de quem tenta escapar, de quem vive com as adagas no corpo em fuga): ressurgimento indecifrável das línguas vegetais-minerais-faunísticas-errantes onde a poesia-das-traqueias-dinamitadas com a sua luz de pântanos extremos e devoradores prolonga-se nas náuticas musculaturas das incertezas e suspende-se isoladamente na prolepse das palavras, palavras-de-boomerangues-flagelantes, de anzóis de enxofre entre o feitiço da ocultação dos objectos e a atracção dos anagramas-dos-bisontes: aqui as falhas dos gladiadores-de-turbulências, os gotejamentos das escamas-do-terror são olhos do vazamento opaco do mundo, são as locomoções antiquíssimas de uma língua-das-clínicas-gravitacionais (catacumbas de aranhas inomináveis) onde as forças criptografadas se misturam com as sonoridades sedutoras, com as conspirações dos andaimes dos sussuros-pendulares: ópticas impronunciáveis abraçam dobras de basaltos sígnicos, coadouros de arenas de interfaces sensoriais (vasos copuladores de perspectivas fazem releituras nos ombros dilacerados e as erecções rasuradas dos desastres, instigam as fusões rodopiantes do deserto lacrado de gralhas mediévicas, de linguagens desfocadas, que se esquivam apressadamente sob os cordames da insanidade): participação turbulenta, bifurcada e afectiva na própria densidade de uma prenhez tenebrosa-de-encarnações e o poema imerge na crueldade inflexível, dissemelhante, antes de deflagrar na ressonância do gesto do mundo ou serão os prepúcios das vizinhanças ondulatórias que separam e aproximam simultaneamente os ofícios árticos-antárticos do mundo (a putrefacção das sombras fosforesce loucamente no instinto das cesuras propagadoras de galopes sígnicos-anoréticos).

Os estilhaços na escuridão geram expressões lancinantes que procuram a metamorfose ofegante das ruínas das geografias do texto ou um vórtice acrobata tenta caotizar as tubulações da escrita onde as curvaturas multiformes do poeta se derramam nos espasmos dos intervalos das translacções dos gadanhos de palavras: o poeta desaparece sempre na infiltração da sua própria energia-giratória como se a difracção e a refração do seu corpo intersectassem os aglomerados globulares das palavras-arteriais, das dobras ondulatórias, das coexistências dos desgastes das luzes das arquitecturas que nos projectam para fora de nós mesmos (sedução da deriva sem cronologia).

O corpo-poético estrangula e liberta simultaneamente os seus movimentos reerguidores, os seus vazamentos tectónicos para intensificar as caixas ressonantes das alvenarias sígnicas; restam os flutuadores de siderurgias alegóricas a escoarem-se nos pensamentos dos textos fazedores de cadafalsos, de vitrais-ciclópicos, de cicatrizes ganadeiras; há quem diga estrelas retardatárias em colapso gravitacional: os textos retorcidos pelos cavalos petrolíferos como poeiras galacticas elípticas-espiraladas

a reconhecerem a desordem das GEMAS, as permutações esfíngicas, a pluralização de mundos que caotizam e desfazem as drenagens dos ultimatopolinizadores de esfolamentos patafísicos para reconhecerem os gritos-tribais-semi-lunares no volume dos vazios do poema: esta imanência arrasta os mapas áridos-eólicos das experimentações dinamitadas onde o poeta ambulacral pressente o dizer insubordinado nos conexismos dos sons desintegrados e com as redes nervosas das palavras transformam-se em intrusões magmáticas criando ossos pneumáticos nas rupturas e nas exclusões para suportarem os eixos das cordilheiras da morte do leitor: voz que se lança na perturbação das linguagens condenadas ao tropel dos matadouros (tensão para além da linguagem) onde as amplitudes ocasionais do nada são as trepidações exuberantes das linhas espectrais do possível texto, do chamamento das tatuagens-vibratórias que desovam nos golpes do leopardo-estético-ciêntifico

(o nada de um rastro cambiante, de um chocalho uterino sempre anterior à inexistência da vida: o olhar da incerteza é a cegueira glamorosa da força criativa: os estimuladores de vértebras sígnicas-tucandeiras desencaminham-se e descentram-se nas sinergias cíbridas-holográficas, misturando performativamente os leitores na profusão ilógica, nas experiências dos rumores que são gestos-acústicos antecipadores de vida\_\_\_\_ estrangeiro incêndio de rochas hieráticas: o leitor-escrita é uma fricção emergente no silêncio do inacabado, na charneira desprevenida dos sepulcros): as ondas plásticas da morte se transpõem na reflexividade dos escorpiões do texto e escavam na sombra-graffiti da vida os batimentos dos astrolábios, a visitação dos quadrantes, os zumbidos dos sextantes como se os traços da ausência do poeta transitassem desfocados para renascer noutra escrita eclíptica para ser negado e isolado dos intervalos da possível escrita proliferada nos aglomeradores estelares: esperar o retorno é dar visibilidade ao estilhaçamento, é interromper o olhar-da-desaparição nos movimentos intersticiais (acontecer antes de sobrevir para rasgar as escritas do mundo e tudo recomeça onde nada se adapta): a refração da luz do poeta-diafónico esgota-se na negação-musical ao assimilar as forças das metástases dos textos que o transformam em cavidades abióticas das expressões (adufos resgatam as impotências para oscilarem dentro das virilhas babilónicas).

O olhar coalescente e coalescido do poeta entram na explosão cambriana do texto para se desdobrar em tensões tentaculares, em jogos de força exogâmicas que o decepa continuamente, levando-o a viver nas ventosas da estranheza que transverte as palavras em superfícies catapultadoras de forças hidrovasculares: aqui o poeta aboca os textos sedutores-náuticos aos rostos desertificados pelos naufrágios medúsicos: as imagens quebram as suas oscilações espélicas-aquíferas para devolverem as dimensões dos jogos cinemáticos aos nervos radiais do silêncio: o poeta e os órgãos tácteis da revivescência ressoam ainda nos esboços da PANGEIA e des-velam-se no invisível atmosférico que arranca o texto-visionário ao desaparecimento do olhar do leitor (eis o efeito SIGNOR-LIPPS dos lenhadores de relâmpagos): só a eclipse dentro do corpo sem pausa, sem territórios, sem pinças zodiacais alcançará o deslocamento da possí-



vel visão enquanto recusa e transferência do vazio ou da deriva do texto fundidor de icnofósseis, de varais acelulados: assim, o poeta retraça-se e submerge no fôlego das aves que gravitam noutros ritmos desligados dos ecos-dos-prostíbulo onde colunas de cabalas são untadas pelas trilhas-em-golpe que fazem das forquilhas pensamentos saltadores de traçados vertebrais para destilarem gládios entre as erupções do vazio que são sombras de LAURÁSIA que ensombram GONDWANA e desensombram crocodilianos: o texto jamais alcançará o olhar alabastrino porque é feito de fezes fossilizadas, de resinas predadoras, de ossários cinematográficos, de electrochoques arqueozóicos: urgência da incubação-movente do basalto do nada: vejam, o alvo-devir-passeiriforme, o alvo-devir-mangue a deflagrar iridescências: urgência das sombras arquitectadas pelas antecâmaras-carburantes que se desviam dos crivos giratórios dos corpos (fusão de obstáculos sígnicos na deriva acústica-abissínia-poética): as resplendências embaciadas estendem-se na evidência mumificada do desconhecido, levando o devaneio dos chifres da cegueira até ao lugar dos sedimentos glaciares, sempre projectados pelas trilhas das nadadeiras/voltagens de sensações (as fisionomias isotrópicas reemergem noutra visão que re-começa continuamente a escavar guelras ouroboricas entre escoadas lávicas para enfrentarem as forças das expressões intrusas do mundo.

Deslocar, desviar as erupções, as viscosidades dos textos que habitam a sombra incessante do corpo. Corpo transgeográfico a circular na singularidade de uma energia recuperada pela arte invasora do abandono onde as inscrições com jacto de lava marcam a visão violenta das tecelagens intemporais: serão, os pêndulos fossilizados da estética da visão do invisível? Ou será a estética remadora das sensações dos intervalos da cosmicidade que intensifica os fluxos maficos, as viúvas-sibaritas das alegorias que vazam as posições dos olhares-ESTRANGEIROS na fragmentação dos alvos exercitados pelas culatras da orfandade: sujeito bulbiforme em metamorfose permanente, sujeito sem repouso que se exsolve no corpo instável, no instante das poalhas indeterminadas que abalam as circunavegações das texturas, as estrias das marchas dos hiatos com os feixes dos atiradores furtivos, abertos às zonas de subducção do mundo-corporal: vejam, a presença do jogo sensorial em devires tubulares e tudo colapsa nos restolhos mitológicos, nos crustáceos das ausências, nos trapezistas de incêndios bebedores de absurdos: aqui, os enrugamentos, as granulações esgotam-se e incrustam-se precocemente no quartzo-pórfiro das lavas dos coveiros com patas dianteiras encordoadas: não há tempos, nem espaços determinados no rosto-de-embates-poéticos, nos cruzadores de textos, nos círculos polares do leitor das lendárias vidraças. Há sim, TEFRAS, culminações carbonizadas, transmutações de guilhotinas, bandas de zodíacos-espasmódicos, engendramentos sanguíneos, lançamentos mandibulares que emitem forças, feixes escarpados, planos onomatopaicos, superfícies esféricas que libertam os vidros vulcânicos negros do leitor-do-esquecimento que tenta proseguir nas camadas lamacentas, nas circulações termoalinas: o texto lamina-se num vórtice do feiticeiro infinito: nada-cruento e tudo se desdobra em circuitos das frentes de onda da ignomínia e os contornos imanentes vergam por dilatação térmica-miliária sobre as tragédias das

leitoras: PRESENCIEM, o fenómeno ondulatório dos trópicos, as zoologias antropofágicas sob magnetismos subversivos e sem respostas (varais de caça taceiam espadas felídeas): feixes de forças cinzeladoras de eixos eclípticos, linhas das partículas vibratórias entre a expansão térmica do texto sem cronologias e o olhar dos lagartos polidos por gravitações guturais: gemas de contágio, teceduras de expressões que se autonomizam do mundo para regenerarem as magnitudes de deslocamento do próprio mundo: misturas mineralógicas, vegetais circulares de propagação, voltagens e golfadas gravitacionalmente interligadas às compactações cosmogónicas: guindastes de sensações e a perfídia do texto é a sua própria assimetria-feiticeira que se dispersa nos officios multiformes, nas hordas atmosféricas-vulcanizadas.

As embarcações-dançantes do texto são já uma consequência errante do olhar de todas as cores, de todos os in-vertebrados, de todos os pés ambulacrais, de todas as crianças-enciclopédicas que transformam os nervos radiais no zumbido do caos e o caos é já um jogo de vórtices inesperados: acasos de ciclos feitos de espaços intergranulares ou serão caleidoscópicos órficos onde os rastilhos dos jogos dos velhos avocam o interior incendiável das superfícies para se dissolverem e se revelarem de uma forma turbada, ruminante, devoradora de incisões de encruzilhadas?: vejam, as pirâmides do texto a transferirem as claridades cromáticas para as grunhideiras tardíloquas, bifurcando os movimentos dos cartógrafos que inventam subterfúgios, entesaduras moventes, rupturas inomináveis, catástrofes-austrais que não suportam o vazio dos somatofósseis (viajantes encharcados de facas luminosas): eis, o poema incompatível com os sedimentos glaciares da teoria: eis o poema a dançar nos choques venéreos em paralisação: poema incriado, cheio de torsões, de sonos, de miomas, de alienações ambulantes: poema em colapso infinito e diagonal, arrastando vermes, desertos tateadores de subterrâneos, de estátuas nómadas onde as embolizações agramaticais-geotérmicas pululam cortando rastros, decependo memórias; sim: estéticas alpinistas da antimatéria a invertermos os teatros dos olhos como vontades infinitas, sim, os poemas coreografados pelos hieróglifos das dobras-zigomáticas onde as urdiduras estéticas são auscultações nómadas e convulsivas em refluxo cartográfico: os crurotarsis, os obeliscos do texto força-nos a pensar em várias línguas crepitantes, petrológicas, endotérmicas-eukaryotas: ressonância das multiplicidades fissuradas: arquipélagos em pânico-criativo, blocos de lava-gaguejada, cavernas do macaréu, nervos do pigmentário, golpes, olarias, enxertias, quebraduras, aracnídeos, bebedores-ópticos a escorregarem nas falanges inatingíveis da fuga vivente e tudo se incendeia dentro das rodas intrusivas das palavras: a metazoa espera as lavas “Aa” do grito e a poeta afanítica busca o eco desse grito órfão que atravessa as intersecções andarilhas do poema, injectando hialoclastites, ferrovias exiladas: o poema deforma-se no estilo enfeitado contaminando-se com os desafios dos cruzamentos tentadores de línguas extintas: ele é tatuagem oceanográfica de si próprio, um mergulhador polimórfico a nutrir acoplamentos de gestos transfronteiriços: esta estrangeiridade vagueia nas fusões circulares, nos descentramentos, nos inventores que extrapassam as assombra-

ções vibráteis\_\_\_\_exploram magicamente os intervalos devoradores de superfícies das infecundas pegadas.

Escrever nas redobras atmosféricas coreografando as transferências dos búfalos sígnicos dentro das tensões aplicadas da floresta-ferroviária que é deserto acústico, formigueiro sonâmbulo onde os corpos ficam fora de si mesmos como dinâmicas de fluidos a laminarem os refluxos da língua que é cavada pelos abismos microscópicos: o poema, o poeta afundam-se nos trilhos envergados por dilatação, nos afastamentos das vagens e nos bustos das imanências que desanuviam as obscuridades, as blasfêmias para libertarem o corpo da velocidade dos leitores-écrans que retornam sempre aos batuques das vítimas das epidemias: esta distorção é em si a desleitura e a desescrita que lutam contra o esgotamento com a própria decomposição do pensamento, com as HIFAS-septadas-hialinas-cenocítaras-vegetativas-de-terra (a peste contra o sangue camaleónico da morte): o pensamento ilimita-se combatendo o lance da predestinação e no obscurecimento esculpe as rasuras dos trepadores de silêncios que acoçam os estribos do poema para irromper novamente no eco ganítico, nos abalos das parturientes, nos inesperados serpentários, na fissura incicatrizável: itinerários cataclísmicos corporificam o mundo-poético que se assevera a si mesmo para se projectar longe de si próprio, apagando os golpes dos escultores, os pesquisadores de palavras que tentam buscar respostas diplóides às erosões do estranhamento (gastrópode gotejante de sangue): tudo acontece na catedral pantanosa antes da tradução dos portadores de pulmões, antes dos vigilantes da angulação das bestas porque o infinito inumano é a placenta poética que se alimenta da inexistência deslocada, dos ofícios anfíbios, dos batques dos climatologistas em pleno exorcismo e sobre as fendas voltaicas e as ferraduras do inexprimível a escritura desmorona-se clandestinamente: olhem, o murmúrio ininterrupto a cessar o mundo na loucura termântica da antimatéria: o poema de consanguinidades ignificadas, singulares onde tudo se mescla e se descondensa para absorver a cariogamia do incomensurável. Estes azimutes dançantes-magnéticos-informes multiplicam-se nas estrias dos meridianos do silêncio que alcança os minerais dos alfarrabistas fantasmagóricos como deslocamentos insubordinados em áreas imprecisas e sugadoras de escombros: poema-natura na compacta dramatização policromada: a indiscernibilidade das expressões vivas abre-se às oscilações do poeta-animal-humano-metazoa: uma epifania perfurada por forças cosmológicas, cosmogónicas, paleontológicas transformando a vida num mosaico de forças afectivas, em intermitências voadoras que proliferam em simbiose com as forças da crueldade criativa e tudo retorna nas engrenagens dos cortes dos aerólitos e nas fugas dos jangadeiros-órbitais (Ginkgo biloba): os poemas-natura acontecem possivelmente nas saídas hidrotermais das esfinges, dentro das correntezas circulares dos morcegos, das arqueias, dos extremófilos que comunicam com os vermes de Pompeia, com o Krill antártico, com os Tardígradois: tudo é feito de pensamentos-histonas, sensações panspérmicas e as ondas catalisadoras dos textos atravessam abioticamente as larvas em devir\_\_intensidades insectívoras derramadas entre cabeças assassinas.

### III

Os instantes do impensado (migrações incrustadas nas angulações enciclopédicas e as encruzilhadas re-aparecem com a morte do fogo dos dedos incessantes): um jogo de propagação de ondas que saem de si próprias devoradas pela insondável ENERGEIA, pelos cosmógrafos conubiais, pelos crâneos cáusticos (é aqui que o ziguezague do atraso-da-vida colapsa e faz da tentativa da escrita os estilhaços da expiação): vizinhanças incendeiam-se nos temporais das translações da loucura e tudo se antecipa nos acontecimentos paradoxais do cisalhamento poético (as coberturas pirómanas das insígnias renovam as vontades do acidente sobre as colheitas dos contrários narcotizados): as geografias do corpo submergem com a dança da arqueologia, com os cardumes polimórficos do pensamento: as drenagens das travessias extraem os revestimentos inumados evaporando escorrimentos cinemáticos \_\_\_\_ a distorção intemporal, heteromórfica singulariza-se na entretecedura criptográfica, nos discernimentos quebrados que descarnam as transmutações das viagens das serpentes \_\_\_\_ agulhas das têmporas que sobem pelos fantasmas reduzidos da terra (as peugadas da vastidão da insânia transportam as sonolências das antefaces funerárias: vertiginoso ritual que se ilumina e se apaga repleto de golfos ao cinzelar-se no espanto do deserto para inventar no seu corpo o ferimento incandescente das embarcações instantâneas \_\_\_\_ o ritmo respiratório estrangula-se na mulher sibilante que bate insaciada nas adagas; o desejo de deslizar na extensão das engrenagens incansáveis das ossaturas onde as canas de silêncio esgotam os remorsos da ventosidade nas feridas-em-oxidação e a luz escuta o ultimo naufrágio dos pulmões insectívoros para oferecer a altanaria das barragens-proibidas aos carpinteiros dos ardis \_\_\_\_ o grito gira lamento numa ostra de veredictos inúteis \_\_\_\_ ainda adoptam os puxadores de galerias para povoarem os esquecimentos dos confessionários).

O rosto-inexplicável-do-mundo que nunca presenciamos, sim, a língua-do-eco-do-rostro que absorve e sobalça o espelhamento dos ecossistemas arrancados aos ecos astrais: os lançamentos oblíquos, as correntes polares, os respiradouros dos enxames borbotam interrupções de armadilhas que oscilam nas profundidades acidentadas do sangue onde as energias dos incomensuráveis falares alçam as línguas-em-devir-vulcânico e deixamos de ver os nossos corpos nas luzes das rochas detríticas porque os comboios azuis polvilharam longamente os nomes das ferramentas trazidas pelos aluviões: entrecruzamo-nos nas clavículas tacteantes dos vitrais, não conhecendo-reconhecendo as pronúncias dos cenobitas e as lavouras do mundo reflectem-se no olhar-em-rostidade à tona dos rastos de bulhadores de relâmpagos para emanciparem a expansão anatômica do olhar-outro em balsa baptismal-mutante até ao jogo de forças do ventre-planisférico (simultaneamente: obliquidade e inflexões arquitectam as cavidades que se precipitam na interrogação da mãe-natura) (o olhar desdobrado nos escombros sedimenta as escritas insondáveis da transumância e levamos para o deslizamento das penínsulas da indefinição onde uma sombra de escavações fractais se prolonga entre outras anatomias em transferência \_\_\_\_ cumplicidade

incansável dos ângulos das escavações súbitas e os espaços da garganta estonteiam-se sob as fugas das efigies fundidas na electricidade das espécies circulares \_\_\_\_ a confiança submarina inventa os zumbidos dos declives dos ladrões-de-cânticos: suspeita de um desenho-acrobata nas fracções dos pássaros).

As luzes do exterior desventram os ladrões das línguas arcaicas até ao infinito fulgurante das estátuas que acontecem e ressoam nas vibrações cadavéricas dos pára-quedas que balbuciam no movimento das condensações atmosféricas (vozes do desterro da metazoa: infiltração das línguas enforcadas pelas teias dos bois, línguas das reentrâncias ao redor dos dromedários transfigurados pela hecatombe da matéria): criam in-comunicabilidades, criam desmoronamentos rítmicos, texturas arqueológicas, forças espaciais do corpo, forças invisíveis do corpo, superfícies mímicas, cadências afectivas e as curvas nas bacias da epiderme abrem-se aos vertedouros do mundo porque há o desejo de desaparecer na alta intensidade topográfica, nos minerais arqueados, nas rotas cauterizadas dos orifícios: eis, as trilhas, de quem tenta escrever entre as placas-tectónicas e o húmus desmesuradamente intervalado pelo crescimento dos úteros-impessoais (fantasmagorias, estremecimentos, biomassas e desaparecimentos \_\_\_\_ alambiques prolongam os gritos entre os ácidos carnis e o enxofre das bestas trespassadas pela sânie abstracta): o rosto de milhares de rostos que avança na invaginação do mundo (corpo inabitado-corpo-a-habitado numa espontaneidade incessante, corpo em rotação-por-vir ultrapassando cegamente obstáculos e destruindo os taludes das percepções (insecto desdobra-se no ápice da sonolência espectral).

As dinâmicas das anatomias poéticas inclinam-se nas partículas do silêncio ou no enriquecimento iónico-sígnico dos cutelos e compactam-se, capilarizam-se nas migrações do poder erosivo-lexical (iridescente falência): sentidos rumorejantes e fissuras em conexão são trespassados pelos pontos cardeais em simultâneo, segundas peles, várias peles na viscosidade aérea/terrestre-transgeográfica \_\_\_\_ obscuridades alabastrinas semelhantes aos utensílios das tenebrosidades (velocidade de deslocamento dos reservatórios, das deformações, dos arrancamentos de materiais dúcteis: tudo bate inventado nos enxertos do relâmpago que desmancha os vícios das máscaras das estações: texto-em-vórtice ou a força de adesão do desgaste abrasivo das palavras, do texto poético sem controlo de ar (sabedoria lúgubre) \_\_\_\_ ritos povoados de ancestralidades (vidraça zumbidora nas vagens da frisagem onde o sangue rebenta por insuficiência como uma canteira flagelante feita de hélices inesgotáveis a reter hemisférios e incandescências petrificadas nos plenilúnios dos cérebros estrangeiros): tudo é tomado pelas intensidades imperceptíveis: turbilhão de incomensuráveis naturas impronunciáveis

#### IV

Os desníveis flutuam na turbulência geográfica das exaltações súbitas (andaimés-de-gérmens marcham incessantemente nas sombras intemporais e desmontam as esculturas da abstracção para distorcerem as cabeças ao redor das residências-em-pa-



rataxe \_\_\_\_ experimentar os sobressaltos da infinidade atravessada pelas lacunas das árvores \_\_\_\_ PULVERIZAÇÃO convulsiva das tatuagens greco-latinas e por detrás do inacabamento das colisões das adjacências os pugilistas das morfologias insurgem nos rectângulos ondulatórios da vacuidade onde milhares de centauros-gestuais albergam caligrafias bifurcadas pelos ciclos das ODES-embrionárias ou serão dédalos desdobráveis a projectarem impossibilidades, contradições na vida?): os reflexos abaulados do texto poético absorvem a simultaneidade dos fragmentos que ultrapassam os ápices das voragens como pertenças sibilantes, impuras a recriarem, actualizarem os bailarinos das ourivesarias policromadas, os apêndices onomatopaicos, as fisiologias pollokianas (espelhos no pasmo da reaparição fustigadora de tecidos vacilantes, de extremidades bisturizadas \_\_\_\_ os raios das transparências nos cursos das queimaduras do gelo: testemunhos rastejantes sobre os ecos gigantescos dos olhares : as variações do texto devastam-se entre as figuras obscurecidas e as taticidades das cissuras \_\_\_\_ o inóspito é já a própria fenda da carnadura subversora, transviada pelas polarizações órficas).

Energias primordiais a tracejarem infinitamente as óperas das vigílias e os arados-neonatologistas da palavra (força embrenhada na mão que escreve: heterogénese) concentra-se rasante, transbordante nos espelhos dos fechamentos mimeografados pelos entrecortes das cordas sonoras absolutamente consumadas entre as labilidades dos transcurros, a proliferação da diafaneidade e as transposições das línguas-curan-deiras \_\_\_\_ todas as tumescências do corpo misturado-com-as-distâncias acontecem nas tumbas da fantasmagoria multiplicável que se transvaza nas espessuras da inclinação para instintivamente estremecer nas rompeduras inversas do olhar estrangeiro (“absorbâncias-luminâncias” desvairadas; escalas logarítmicas-geológicas desofuscando as marchas dos leopardos dentro do próprio texto \_\_\_\_ uma fotógrafa-sumeriana na prodigiosa velocidade da febre dos grafemas)

Uma ablaqueação a titubear-se nos desnorteios mutáveis que contestam, prensam, cambaleiam, flutuam, deslizam, dilatam e se nutrem dos desdobramentos das vozes do mundo, das vozes eliminadas, das vozes dissimuladas, das vozes indescerníveis, das vozes abertas às orlas a-históricas, às maleabilidades das alegorias e o assombro é já em si uma anamorfose cenográfica a ladrar dentro das rugas nómadas e incoercíveis

As cercanias variáveis se desmembram em espirais na sedução do cicio, na captura das arqueologias soturnas, nas carnagens resgatadas pelos itinerários entrópicos do manguezal (as cicatrizes fortificam sofregamente os rostos dos náufragos): aqui, os mapas da indiscernibilidade da palavra misturam-se nas aberturas protéicas do exílio, nos fulgores dos arrastamentos dos hospícios até alancearem a asseptização das respostas imunitárias, a profusão hieroglífica-lúdica-sensorial dos espelhos vertebrais.

O texto transversal esculpido de falantes-insondáveis e de crinas inumeráveis resvala nos reflectores irregulares transformados em galgas (tremulantes vazios lavram deslocamentos geográficos das aranhas-em-delito-viscoso): as perguntas-das-perguntas do silêncio em curvidade dividem-se e transplantam-se na aventura ime-

morial ou será um vórtice geometral de todos os lugares que arranca os diferenciadores da potência inventora aos detectores de apoastros? É o centro-marrom de circunspeção da inacessível partilha, das velocidades da metalurgia das córneas a revelarem os espólios inapagáveis das vertentes-impossuídas: gritem pelos prismas do erro do corpo-transeunte (surgirão os fluxos luminosos de um lumen entre redemoinhos cranianos): as intensidades da palavra escapam aos espelhos jazzísticos do leitor, à tentativa das talhadeiras das sinalizações celulares do escrevente como o golpe de força das parturientes sobre os gritos cavilhados nas estruturas químicas das falésias: desbobinadores dos fragmentos geográficos a reemergirem na sombra abissal, irrigada pelo mênstruos brilhantes dos pulmões combinados com massas moleculares desconhecidas (a palavra redobra-se nos desvios-repetidos da escrita-dos-enovelamentos): a insânia presentifica-se ao acostrar o lodaçal do texto para lesmar-se na feitiçaria da vacatura ou para estetizar-se no zunido das esculturas móveis ou para enrolar-se nas hélices de ausente-alvará: a dor-ruína curva-se nas cristalografias globulares e desliza para aprisionar-se desafrontadamente nas grainhas das expressões alucinadas como possibilidade de pensamento tecido nas zonas obscuras, assim, a inseparabilidade reconhece os limiares do descontrolo das superfícies enzimáticas ao compor a irresolução dos resguardos do silêncio das carapaças animais \_\_\_\_força nuclear das insónias. Este movimento reactiva-se na compunção múrmura, inacabável (cartilagens solúveis). Absorver a cesura incomensurável dos escritos repletos de espermatozoides sem glicose (FLUXO de imanências ionizantes-corporculares \_\_\_\_ dizem também: inflamações crónicas-ovóides a invadirem a imoglobina do poema, as antenas que gravaram o dilúvio em ACÁDIO).

O corte intemporal das garras-de-estanho vira-se sobre espectros flagelantes como hipótese de uma dança recuperada entre gritos célticos-de-intermezzo e as vozes repercutidas nos archotes dinâmicos da espeleologia: eleger a loucura do arrasto do parto do texto que se volta para si mesmo através do Efeito Cherenkov: KASU-RE azulado-em-choque absorve as rugas ociosas-ultravioletas que penetram nas caças-sagradas para se espalharem na indeterminação das línguas intactas\_\_\_\_as circuncisões encharcadas do leitor-em-traição giram nos electrochoques das casas \_\_\_\_ eis o desgaste de quem diz, de quem se desmorona nas primeiras ruínas do poema electricamente carregado de intervalos subterrâneos (aparições acrobatas, flamejantes e aglutinadoras de estações secas).

Os seixos das palavras estilhaçam-se para lactarem o desassossego das encarnações entre milhares placas de argila (eixos cósmicos implodem nas inscrições dos augúrios-calcolíticos): um poema nervosamente apinhado de desaparecimentos migratórios e de curvaturas corneanas (mordeduras bifocais a traçarem os cios arbóreos das ceifadoras-em-posseção): obscuridades e ferrolhos no olhar sem saídas, nem chegadas, apenas irrigações venezianas retorcidas pelos rebocos centenários): sucessivas conexões irruptivas que atravessam nossos corpos em multidão, desviando-os infinitamente entre as cicatrizes desérticas, os perfumes dos talismãs e as espessuras das

tatuagens estilhadas pelas tensões dos cruzamentos onde as sonâncias coaguladas dos espelhos celebram os ofícios ilícitos.

A consagração umbilical da ruptura é exclusiva à epígrafe do grito trágico de todos os lugares (remanescentes arquitectónicos): eis o ruflo-hematoma que atravessa as derrocadas do possível excerto-volteador dos escribas estagiários (a distração é uma investida das insónias, rotas estridentes das lontras dos sistemas hidráulicos). A resistência irregular da falha fosforescente tenta re-modelar o texto-traço-bacante com os sete metais: os tecidos-alvo afectam-se nas circunflexões do suicídio esquadrinizador de funduras intrusas e o nomadismo da infra-língua é a extrusão, o acervo energético do feiticeiro-adversativo que desmonta extinções-tentaculares para surgir na contaminação divinatória-inverbalizável aberta aos genes ecoantes do mundo, à cisão do absoluto que origina a espontaneidade cardíaca do absoluto.

A palavra aguilhoa-se entre os distúrbios de refração, as esponjas de hidrogênio e os betumes neobabilônicos: a palavra transfere-se na imperfeição alucinatória que encobre e arremessa as marcas dos caminhos labirínticos (coenzimas das línguas isoladas, das línguas litúrgicas sobre as ocultações ininterruptas das fórmulas mágicas). Ela vive dos receptores das cizânias do deserto e expulsa milenarmente o escritor-politeista para as mónadas pulverizantes da cegueira, para o naufrágio regerminador das errâncias que impele as inexistências sedutoras dos guindastes mesopotâmicos. O escritor não existe porque sobrevém nas ogivas-aquáticas das sombras da morte de Assurbanípal: sente-se a pressão atmosférica da palavra, o fluxo viscoso, os raios catódicos, a arte em radiações policromáticas-flourescentes e o escritor entre as crises malthusianas é revestido de luzes negras para resvalar continuamente no extravió das esferas ao seduzir os vértices das diferenças, os resguardos moventes das heterocromias; ao entrar nos semidiâmetros obscurecidos da linguagem dos zigurates-piramidais: faces a rodopiarem milenarmente inacabadas (a metalurgia do texto como células foto-receptoras dos insectos devora-se si próprio projectando a autonomia do desastre, as bocas despovoadas sobre as crominâncias\_\_\_localizações celulares fazem das latências as estrebarias da palavra: louca transaminação sígnica).

## V

As caudas cometárias atravessam os escorbuto-poéticos, descortinam os onagros fluorescentes, as cúpulas de latão do período helenístico, tornam-se fragmentos da obliquidade de outras caudas-cometárias: o possível poeta é já a volatilidade-cromatográfica, é já a concavidade das expressões que são em si afastamento, insularidade, animalidade, ruptura, interrupção, atracção-impulsora (caligrafia avassaladora, tactos dilacerados sobre as sombras das hierarquias membranares\_\_\_ OS ACENOS dentários estão por aí entre as sanfonas enfermas das excursões e as ESPINHAS exultantes dos urubus). As palavras são incisões cambiantes na nudez do deserto-florestal, são as esporas dos sermões das catedrais históricas, são torrentes desejantes em processão dos equinócios e nas áreas imprecisas a voz conluiada pelos ângulos das escamas célicas é desdobrada pelo grito xamanístico, pelo silêncio dilacerante do corpo

que tenta trespassar-se de vida dançada-dançarina (mercúrios a cintilarem nos rastros das MINÚSCULAS árvores que chocam na ritmicidade absurda das expectativas remodeladas continuamente pelos fornos glandulares dos carris ou serão espáduas reinventadas dentro dos prodígios sangrentos dos cardumes-metálicos como meteoros enlouquecidos a desceram fulminantemente até às distâncias predatórias da melancolia?): vida nas cabeças remigradas dos lenhadores orbitados pelas “observâncias” das garupas-hidrofugas (gestos extravasantes engemham outros silêncios escoando todas as ligaduras acrobáticas \_\_\_\_o excesso da chegada é talhado pelas costuras imaturas das línguas-remotas): o texto poético-lahar constrói cegamente as transmutações, as torsões funâmbulas com as estranhas espessuras das residências vigiadoras que estalam nos retornos inaudíveis e os secretos exercícios dos frutos entesouram as levitações do sangue porque são perpetrados nos canais das renúncias que amortizam os rumores das golpeaduras dos violinos apócrifos onde o influxo morre na mão do seu próprio incêndio: eis os ápices das ressonâncias das fábulas sobre a inocência anelante da sangria-dos-cortadores-de-luz que contorna o estremecimento da garganta-de-círculos-intransponíveis e a integridade do desaparecimento oscila nas colunas dos olhares indivisíveis para sintonizar as barganhas dos cavalos dos instantes ).

A desnaturação do grito-milenário actualiza as topologias das paralaxes das palavras ao situar-se nas esferas da transposição das estátuas de Gudeia e as furadeiras dos ourives-sumérios insubordinam-se a si próprias para procurarem o limiar triangular das multidões náuticas que multiplicam os liames das correntezas ameaçadas pelos ecos dos revestimentos fronteiros onde outras ressonâncias recomeçam nos minerais verdes na errância, nos criptogramas, nas inscrições moribundas dentro da inexactidão das contexturas (as palavras ditas não cabem no silêncio dos cascos da tartaruga, não se debruçam na caixa torácica do reféns: eis o traçado do Déda-lo das tecelagens retardadas, o sopro do labirinto das tabuinhas de barro cozido, os amantes estéreis das víboras entre as pinturas de Eugène Delacroix \_\_\_\_depósitos de fundações, ligaduras de entulhos, gergelim e taças mandibulares cheias de raras clorofilas caminham para a amortização de ORPHEU: o mestre destila-se espaçadamente nos brocados do caruncho de quem açaapa as avestruzes nos desvãos velocíssimos do sangue)

Caligrafias ilegíveis nas perguntas transfiguradas, aceradas pelas sagacidades dos eixos-coreógrafos da vida-órfica que não pára de encelar as perfídias ou SERÁ a palavra instauradora de rastros nos ganidos da divisibilidade do deserto? (fuga dos mercúrios-tutelares entre as estacas viciadas dos touros iridescentes): esta interrogação radical é o próprio fractal antecipador das eclipses anelares da literatura-anfíbia (estilete a esguichar geometricamente no estômago da opulência): neste embate a lava da incógnita é o próprio ofício dos ciclistas-leitores ressequidos pelos moçarabes-rumorejantes que se abrem aos açaimes irreflectidos nas cizânias dos corvídeos \_\_\_\_resta lubrificar os vícios dos girafas dos cafezais e destilar a fome dos ambulatórios sobre os ângulos das câmaras fundentes das últimas parteiras

A literatura-lahar acontece nos terminais do deslocamento de animais tremendamente sonâmbulos-inóspitos-piroclásticos esculpido por ressonâncias desarvoradas, por tambores-de-remorsos com olores de azagaias desfocadas (apêndices escavadores de metamorfoses-póstumas, abutres incompletos a exibirem os tangos-das-cegueiras juguladas nos semáforos das hospedarias lávicas e os lapsos da fertilidade deflagram-se na ambulação do olhar planoconvexo cheio de pescoços incendiados pelas usanças da odiosidade (aeróstato a uivar desmedidamente na voracidade da persianas arcaicas): escarlate visitante com focinho cravado nas inundações-suspeitas das fadigas dos artífices\_\_\_\_ é a distorção cíclica da escravatura dos ímanes da taquicardia dos serventes das proibições): são interfaces dos instantes radiais-oscuros trazidos pela fala em descentramento, sem a lucidez dos xadrezes das artérias\_\_\_\_ é esta a cumplicidade da luzência desmesurada dos escrementos queimados sobre os interruptores das alcovas dos cães-de-amianto (é esta a fala arqueada nas infinitas ruínas fisicamente próximas aos elevadores da cromosfera\_\_\_\_ a fala ultramarina bebendo os contrastes das agulhas dos sacramentos\_\_\_\_ a cegueira é voraz entre tocadores sepulcrais\_\_\_\_ a cegueira continuará convulsivamente desacertada na submergência da visão).

As antefaces das perguntas sobre os esmaltes da epopeia de Gilgamesh (VIVEIROS desinscritos na crispação dos cadafalsos esfolam búfalos fotossintetizantes nos templos dos traidores): a reminiscência da pergunta na abertura da abertura contra a fisiologia da luz em sentido contrário que naufraga nos hóspedes virgens das mercearias e a luz negra dos camelôs-enfermos converge para a luz negra veneziana que provoca infinitamente dentro e fora o outro movimento ultravioleta-invisível ou será a decomposição do fora de si alucinatório, a serventia de um mundo sem tempo, sem intermediários onde o prodígio da catástrofe se extingue com o prodígio dos dromedários-de-filigranas batendo no gelo do esterco pisoteado pelos evocadores de chacinas?: Infinitamente as máquinas-do-outro torna-se retina dilatada dos ciclos de eclipses ou serão glândulas estridentes dos chacais-entre-os-azulejos-dos-atalhos? Ou serão transitoriedades imperceptíveis a empurrarem as laringes estridulosas dos contorcionistas? Ou serão prestidigitadores sem esperança de retorno? Exaltação dos metais-agoirentos dos obturadores: o rastro dos abalamentos marsupiais antecipa-se milimetricamente ao ofícios incomensuráveis das transferências eólicas como um corpo caldeado de gravidades que se vê noutro corpo impregnado de vacinas suicidas: o corpo exilado do e no outro que olha para si mesmo em todas as pontes do esquecimento das superfícies tropicais: o corpo se torna olho-cosmovisionário por meio da violência do insulamento feito de forças em permutação uivante onde um rosto-corpo-fantasmagórico é a própria abstracção fulminante entre o desfolhamento dos algoritmos que esculpem os lúpulos dos restantes cervejeiros no mirar-movente dos ócios terríficos\_\_\_\_ este prolongamento da Bryophyta dos horóscopos finca-se na distância das figuras das mudanças climáticas ou serão profecias árticas de Lovelock? É neste vólculo que as bestas-áridas regressam novamente às vazantes vertiginosas das antecâmeras da escrita\_\_\_\_ dizem que são entrecruzamentos das epifanias inacessíveis



dos signos grudados nas semiesferas camaleônicas (loucas linhas espectrais carregadas de idiomas seculares fazem das dentaduras embarcações em direção ao arquipélago dos ALCATRAZES).

## VI

A palavra-do-jaguar-lahar não pertence às ventas que estalam na completude-unidimensional, não pertence às reminiscências do mundo, não pertence às conjugações coplanares. Ela interrompe o mundo noutra língua-de-gondoleiros-irregulares, de arpões ocultos entre as próteses dos urubus (absorções escarpadas pelos vestígios atômicos, GALERIAS dos naufrágios lombares). Ela antecipa-se escorregando nas geografias indeterminadas e inexpugnáveis, tecendo conexões insanas dentro de abecedários móveis/predadores-neobarrocos. Ela acontece sedutoramente atravessando os bamboleios estéreis das escoriações, os casulos ilacrimáveis dos corpos-em-caça-infinita (o filme do corpo-cego atravessa a insurreição doutro corpo disseminado nos teares de ar-aluminóide\_\_\_\_eis a asfixia das guilhotinas-semânticas dentro dos orifícios-siberianos que arrasam as sirenes minguentes das troianas) \_\_\_\_ grandezas vectoriais transcorrem os bojos infernais com as rosas confabuladas pelas matracas dos êxodos): os oráculos carregados de flechas-das-arquitecturas-terra-a-terra oxidam-se ao tentarem devorar as irrupções sem respostas onde os inquisidores continuam a urinar desesperadamente sobre as parataxes dos azeites das últimas rodas dos herdeiros de minotauros e os cavalos migratórios do texto massacram-se nos rebentos do imperceptível, nos braços imobilizados das concavidades, nas protusões das avenidas das iguanas-sem-estômago, na memória desfraldada pelo esquecimento dos navegantes e as monjas taoistas continuam a pisotear as abotoaduras multimodais que ofuscam o contrabando diagonal do blecaute \_\_\_\_ moluscos protectores de astros-de-matérias-sépticas sangram insuportavelmente como claridades enlouquecidas por urubus com arcos-de-rochas (a imolação da luz na modorra das golpeaduras enfeitiça os repertórios-vitais das aves sobre as minhocas dos obeliscos \_\_\_\_ dizem prepúcios-pirómanos a materializarem o potássio modular dos mediúrgos-hermaphoditos): eis a áspide-palavra-de-luz-sombreada entre a apneia das alimárias e os cascos sarracenos das obstetras \_\_\_\_ mulher reluz violentamente no puerpério-fantasmático e faz dos abdomens tablados acústicos em coabitações malsoantes): o mundo-textual soterrado no lançamento das matrizes estrangeiras, nas golpeaduras das vidraças, nos dédalos dos pastos nevróticos (É ESTA a esfinge inviolável, incessável e ameaçativa que se delonga nas sensações da palavra grávida de escutas de um corpo-que-pensa-a-não-pertença e se marca, se engrinalda, se escarifica com a fisiologia do avesso triangular das lavradeiras/ceifeiras-sazonais, com o vazio-em-desmanche arrostado pela sedução das glândulas-galácticas: eis: outra vez o deserto dos hospedeiros voadores sem refutações, prolongando o inapreensível, a mineralização das urdiduras, os cutelos flutuantes):evangelhos alcançam os meridianos incansavelmente entrecruzados pelos alarmes góticos dos promontórios e a palavra ascende blasfemada nas excursões das alactagas cinzeladoras de bebedouros encardidos pelos pânicos das megalópoles)\_\_\_\_ as COZINHEI-

RAS sempre nasalaram os resvalamentos das queimaduras dos cabalistas e o olhar da tentativa poética faz da obsessão o dissolvente da roleta russa.

A palavra cria/escava teclados espiralados noutros recomeços da blasfêmia sem revelar as vizinhanças assépticas das línguas porque vive das curvaturas da expressão-em-risco, dos sinais dos arados do deserto, das traições indizíveis inscritas na escrita da escrita que projecta o próprio encaço do mergulhador/leitor para fora de si mesmo através da violência da contraluz e dos orifícios dos lapsos da devastação (vejam o reinício nómada e o feito desconhecido a lascarem as rodas das vértebras excretadas pelas sombras dos varais que infernizam os meridianos entre as roçadeiras dos invasores matriciais): são pontos-aquém a bombearem as sonolências das encruzilhadas sobre as flecheiras profanadoras de escamas contraditórias que se alojam nos matadouros dos animais peçonhentos (impregnação marcial dos olheiros-vitupérios): vasculhar os monólitos-de-enxofre do poema onde os leitores-percevejos se esfumam nos nódulos da virulência catada pela cavalgada dos higrorreceptores \_\_\_\_RESTA-NOS as traqueias branquiais para o certo golpe da empulhação (os estupros das clavículas cambiam a gestáltica dos leitores e são recicladas pelas zurzas holísticas dos catadores de decibéis das lesmas): as HÉLICES tentam estampar os corredores das vesículas localizadas nas osmose ancestrais da palavra: o rinoceronte de alumínio atravessa os garimpos crónicos do poema para se transformar no horror dos cérebros trilhados pelos estalos das membranas semi-permeáveis que fazem da azucrinação dos críticos uma vidraça de contornos de perseguições rasantes entre as ultimas secreções de electrólitos e as reticências das larvas reumáticas (sim: as larvas tentam interferir nas tubulações do poema ao rechaçarem os declives cardíacos dos precursores dos punguistas anatómicos): vede, o fluxo paisagístico da não-vista-distante a desenroutar e a camuflar tudo que desponta pela pergunta entrelaçada nas cortaduras inaugurantes do NÃO-catamenial e dos cruzamentos do ERRO onde tudo se decompõe (parasitas uivantes arrasados pela reanimação dos batedores de polímeros \_\_\_\_o poeta regressa sempre às esquirolas petrológicas: as parselhas insectívoras estão aí \_\_\_\_escutam-se algumas vozes sob as pancadas dos mochos \_\_\_\_textos vaporizam-se nas escoras da metazoa).

Somos trespassados pelo curto-circuito da palavra-lahar feita de errâncias, de paredes arfantes, de murmúrios incessáveis, de interstícios das miriápodes e de insanidades condutoras de focinhos desmembrados onde o rumor instável das prenúncias crípticas aceleram a pigmentação dos desabamentos dos vértices-intrusivos do poema entre as espadas das éguas da península arábica e os cios predadores das estátuas ressequidas pelos embusteiros sígnicos \_\_\_\_insaturável bivalve resgata os úteros-phantasmas das leitoras: (o corpo em rotação oculta-se no sangue das suas peugadas cheias de sabugos resistentes e de bolores-em-reciclagem sonífera: os pêndulos-unguentos da palavra alertam os perseguidores de cavilações ósseas para o íntimo dilúvio das tatuagens ruminadas entre os saimentos das aves-nocturnas e as pleuras-em-colapso-cartesiano: estas ossaturas coloidais fazem dos casulos das medusas os espólios da secura dos escaladores de arquipélagos onde as probabilidades de procriação se esca-

rificam nas abanaduras opulentas da entropia) \_\_\_\_AS HISTÓRIAS das máscaras engendram as prodigiosos órgãos-de-voos das matadoras de esfinges para fragmentarem os sotaques de chumbo dos cadáveres (aqui a melanina da obliquidade é refractária e sulfurosa) \_\_\_\_os tragadeiros dos semideuses extraviaram-se entre os golpes das mandracas genitais onde as algemas borbulham repletas de meditações: os desfasamentos iconográficos e as interferências mensageiras de animalidades envenenam os lances hierárquicos dos devastadores de baldios com os espectros das escalas cromáticas que ocultam a morosidade das dentaduras das sombras com os intervalos ascendentes e descendentes dos cobradores de zonzadeiras ou serão hastes dos zombeteiros carregados de olfactos-de-vespas-eléctricas a rasurarem os formigamentos dos textos que detonam as vontades das tiflozes nos viadutos de enxofre? \_\_\_\_os chamamentos do ectoplasma são engolidos loucamente pelo construtor de cornucópias (as polimorfias dos herbários coagulam as derradeiras frases-congénitas) e a palavra gira, esterça-se no semáforo ácido das escadarias esvoaçantes até à apneia das bestas (vestuário dos répteis-em-movimento-circular e todas as astúcias pertencem aos minúsculos cães-piromaníacos que se aglomeram no logradouro do carvão das gigantescas mucosas das erecções: arquitecturas em PINOCITOSE-medular aceleram a transmissão das línguas-do-faquirismo nas trajectórias das cabeças aparelhadas de relâmpagos \_\_\_\_obscuros andaimes arremessam-se sobre os vacúolos dos simulacros) \_\_\_\_belicista urticária-aquagênica-textual a regurgitar nos esófagos arcaicos) e a clarividência das excreções malignas desenterra as tensões dos vermes através das córneas que atravessam as gadanhas comburentes \_\_\_\_interlúdios apócrifos: há que despejar os faróis da alquimia no magnetismo da espinheira-santa

Os sussurros das antecipações de uma centelha que envolve as sonédoques do corpo (olhar-corvídeo nos roteiros de iodo-tatuado da princesa Wallâda) e um espelho-de-andaduras desfaz-se nos tranplantes da sombra doutro corpo entre inflorescências esfomeadas \_\_\_\_rorqual circunscrito pelas tartarugas de São Tomé e Príncipe: os relinchos das habitações são restaurados pelas topografias das lâmpadas fossilizadas: os alarmes dentro dos contorcionistas inomináveis vergastam-se com o fogo impresso na estação dos entulhos-dos-videntes (aquilo que não sabemos sobre os barbantes das luminárias manuseadas pela aversão dos homens que rezam sob a catatonia): os ritos tecidos nas obscuridades do ocaso dobram-se entre os sotaques ancestrais ou serão os ruzamentos das ferramentas a gotejarem entre a defunção dos arruamentos das árvores? Ou serão os andamentos climáticos que abandonaram a lactescência dos lugares improvisados? Suscitaram e electrocutaram os rastros periféricos da impossibilidade, assim as experiências da vizinhança-longínqua fixam-se nos ecos das entranhas das ambulâncias \_\_\_\_sim \_\_\_\_as evanescências das fronteiras dos lacraus estendem os seus ventres num balanceamento de sombras enforcadas pelos textos em levitação tremendamente cruel: habitat no cais-tresmalhado do ópio, fugacidade do poema inclusa nas cúpulas esgotadas da aberração: dobra poética a mover-se no teatro-do-corpo-obcecado pelo arraste de partículas dos camaleões que se perdem subdivididos na conflagra-

ção-divinatória-xamânica dos curandeiros drenados pelas procissões das malárias e tudo se abre ao perigo das ressonâncias dos séculos do deserto, ao estrangeiro turbilhonante ausente de origens entre milhares de figurantes-de-quedas-rendilhadas e escâmbios do erro digladiado pelas pigmentações dos anatomistas: haja a encarnação do fracasso, as alavancas da incompletude e nada será dito, nada, nada, apenas ecos sem quadros sinópticos, sem repousos: haja águias ceifeiras a ventilarem gigantescas campânulas ou serão apenas embates de esforços insectívoros sob galerias-migratórias? o estranhamento do rumor sem saída, sem entrada dentro de emaranhamentos de obeliscos causa esboços de olhares carbonizados\_\_\_\_ dizem: aqui o poema aconteceu para dismantelar os rodopios das estopas que tentam cerzir as gengivas dos animais antes dos abatedouros (as palavras-dos-pedúnculos-arqueológicos derramam-se no pousio das máquinas para não voltarem: estes ecrãs velocíssimos, estas ondulações, estas propulsões, estas instalações fazem do mapa-múndi das escrituras um esturprador acorrentado às menstruações-carnívoras): os leitores-animais-transumantes alumiam-se com os mastros nos colos-cromáticos atravessados pela polinização das últimas multidões que pulverizaram interstícios geográficos sobre os interfaces dos miradouros das dores das casas\_\_\_\_o rodopio das inclinações esboçam-se na carne das serpentes e tudo ficará desconhecido através dos açaimos colocados no estonteamto das fêmeas: a perplexidade rodeada pelas lareiras de estrume tem o poer dos gigantescos dentes-meridianos e os corvos ainda absorvem as falhas da visão nos latidos das fogueiras: os salmões bifurcam-se apressadamente para transportarem os crânios imprevisos: o poema a estilhaçar-se no carvão aceso das apneias).

Alienada glândula da fertilidade-zenital contornando os geradores do horror que se concentra nos vestígios das vésperas da luminária descomunal onde os répteis-anfibios-dos-textos se enxertam sempre trespassados pelos desfibramentos dos obstáculos, pelas dentaduras das intempéries (poisar nas ciladas dos uivos que levam a imobilidade dos cogumelos aos tendões da tragicidade: exaustão dos nervos das aves-truzes): insondáveis risos e riscos impermutáveis ao potenciarem encarnações nas retinas das selvajarias arcaicas (escrita de bois-sensóreos, das escutas dos páramos e dos raptos do outro ausente e destruidor de memorações, de percepções\_\_\_\_ tão-somente os abanadores das artesãs: força fonâmbula dos usurpadores de válvulas: é este o rodopio dos utensílios sob os oximoros dos calcanhares): os rasgos-vulvários do nada e do vazio arquejam-se nos azulejos do impoder e a palavra desaparece na fala ininterrupta da própria língua, nas plasticidades anfibológicas, na revivificação extenuada das mulheres tresmalhadas entre as hélices das comiseraciones e as imperscrutáveis lacunas dos rectângulos da infância: oscilações mestiças de vozes ancestrais-actuais a reflexionarem-se sobre si mesmas (prescrição de interlocutores flutuantes: recorrer às estações escurecidas pelas lavas irreversíveis da singradura-poética e esquartejar os fluxogramas da desertificação\_\_\_\_o negrume das lâmpadas criam sonolência na blasfémia das escadas que nos distorcem até às sardas das sabotagens(o poema esquadrinha-se na medida do horror).

## VII

Ressonâncias remotas dos intervalos desérticos/sufocantes das carcaças que hibridizam e desterritorializam ensimesmadamente os insuspeitos da vida-e-de-vida\_\_\_\_tudo foge entre as estirpes da granitização, tudo desaparece dentro das cinematografias denteadas: talvez sejam os aluviões algébricos, os jorros esféricos na transfiguração do parricídio e do matricídio do poema: que somos nós neste manguezal transformável em esmeris rodopiantes, em bisturis-das-vontades-anestésicas: quem somos nós à boca das cartografias das cabeças bovinas, das Gorgones, das Salamandras, das hidras de Lerna, das Esfinges e dos Ctónicos: expressões feitas de desejos-traços-esculpidos pelo ossos-em-bolha do Basilisco\_\_\_\_os trovadores continuam grávidos de línguas letais: que somos nós nos invólucros das dinâmicas das inseparabilidades? O unicórnio está aí escorrendo na cegueira das bestas e o eixo-badeixo dos abutres alivia as guilhotinas sobre as cabeças pisadas pela negação da luz: dentro das chagas as hélices descobrem os ecos dos últimos ofícios: a crueldade da pergunta estará sempre no vazante das vísceras: resta-nos o prodígio dos animais que se suicidam na alucinação e o despojamento incendiado nas gárrulas de toda a ruminação

Um levantamento de gritos informulos é feito pelas escamas dos candeeiros que assinam os confessionários ou serão anfiteatros a soprarem e absorverem as amputações antecipadas da vida como perseguidores estéticos a repetirem-se amputados sobre si próprios, destruindo os lóbulos das biografias na acrobacia dos pensamentos-em-marcha-anfíbia: aqui as línguas criminosas são bípedes-dionisíacos das infra-línguas-pré-históricas e vivem dos sonhos-turbulentos que forjam, tecem espiritualmente-arqueozologicamente as fulgurações dos mosaicos esfíngicos, as fisionomias ilegíveis-copuladoras de rugosidades onde as intersecções dos alfabetos são sábias polissemias, piromaníacas-montanheiras que se reinventam entre as substâncias-em-desaparição das putas ao bosquejarem o sangue inverso das bibliotecas rebocadoras de imanências.

Disseram: metálica agalmatofilia circunscrita pela Ariadna-dendrofilia (ranhuras dos diamantes dentro dos polvos e a presença são condenadas nos redemoinhos dos amantes surdos): resta ENTOAR as potências flutuantes da CANNABIS: sensação de quirolifia atravessada pelos azougues da nesofilia (as ervas dos observatórios comprimem as sarnas-nodulares e tudo é arrancado ao incêndio dos anelídios)

Flutuantes espontaneidades transpõem as divisas dos PULMÕES dos mamíferos geradores de trombozes-esponsais (estão onde ninguém está e são instrumentos infinitos na gorja inabalável onde ossos abissais recuam as abduções perante os incursos dos cobaltos geotérmicos) \_\_\_\_magicatura pictural-dianteira do corpo-voz em circulação anemófila: embarcar nas mitologias e nos perfis etanoicos vasculhados pelas fadigas das luminárias que fazem da transição dos escombros um pensamento de acidentes dissolvidos: armadilhar as trajectórias topográficas, as drenagens fungícolas da necrofilia-animal (alcances tumentes das pálpebras incandescem-se nos órgãos rasantes e as batidas contorcem-se no sangue abismado que faz do pânico um húmus



de evaporaes estridentes): as articulaes do tempo-a-temporal a focalizarem-se nas forças furtivas das proteces sonâmbulas que permanecem intactas nos sorvedouros climáticos do texto-movediço: tudo começa antes de qualquer movimento, antes dos contrastes das serpentes ensimesmadas, antes das fendas alojadas nos prodígios das pedras, nos nervos mortíferos dos espelhos minerais): as turbinas do esquecimento derrubam os hieróglifos com as expedies de outros hieróglifos sob as fronteiras clínicas: tacteiam as buscas intraduzíveis dos elevadores das línguas empunhando tempestades, emendas das extensões do corpo, arquitraos diagonais, lobos cinestésicos, fisiologias tntricas (violoncelos dos algozes em plena manobra-BBW\_\_\_\_ amar um corpo de vidraças no cansaço de outras vidraas\_\_\_\_ na visão-spide tudo se perde: as plantaes do olhar acontecem nos fungos do estilhaçamento)

## RHOPALIA

As voltas a-lógicas dos umbrais, os cascalhos dos silabários, as abegoarias da glandulao e as efraces dos trópicos ameaçam os idiomas em redor da saliva-das-máquinas com a estética da desapareço piramidal onde as gretas-BENTNICAS se entrelaçam, se apalpam sob migraes de bichos que se aniquilam através dos molares de BACON\_\_\_\_ será a sincronizao do mal de Parkinson com os órgãos erectores da BIVALVIA (recuperadores de forças e arrasadores de percursos entregam as agulhas de sangue aos arranques da dissecao dos receptores neuronais): o idioma nos ps de SÍSIFO  destruido pelas epifanias do lugar-zero, pelo pousio-movente e pelos apagamentos dos corpos desorientados (PROPULSÃO CARBONÍFERA): os músculos adutores-inequivalves reflectem a vida herctica, bquica, dançarina-acrobata repetindo-se na tragicidade de uma escrita que vive incinerando agulhadouros, esferas, fonopasmos, granitizaes, contraces, ímanes, fendas, escotilhas, genealogias e leitores mecanicamente desmoronados pelos orifícios das séries da carnadura (o leitor-BISSO se transforma num cilindro ganglionar sob a RHOPALIA fascculada do poema): estas escritas de rachaduras ondeantes, de medulas/cordas-nervosas arruinam-se nas embarcaes pulmonares porque se reiniciam continuamente/tremendamente com o silêncio fescenino da derrocada-aquática, com o silêncio do não-sentido construtor de rastos inibitórios e de interrogaes vesiculares, acoplando murmúrios refractados, gritos, toadas, golfadas que se repercutem nas matracas de outros assopros metabólicos: esses assopros persistentes dos carvoeiros desmancham-se nas fendas sinápticas ao visionarem os movimentos infinitos da sangria dos vituprios em miríades de vertigens a-gramaticais e simultaneamente as luminosidades interrompem-se nos tactos das espirais assinaladas pelas cabeças das árvores ou pelos proflvios das cassiopeias (agora escolham as voltagens das linhas radiais): \_\_\_\_ são os lavadouros dos espeleologistas\_\_\_\_ (dizem com as zonas-de-disparo entre as polarizaes dos grânulos)\_\_\_\_ as mães-do-corpo reinventam as sementeiras dos mitos e transmutam as obscuridades das desgraças sobre a dilatao das pedras-em-forma-de-dente-CONDRFORO e as re-

bentações cársticas são já os silêncios dos respiradouros tentando os rebentamentos nas memórias das lebres-do-mar-dos-outros-dos-outros-sem-origens-nem-vestígios-nem-laringes-nem-signos-debandados: as calamidades enlaçam os calvários nos gigantescos vasos sanguíneos dos podadores de traqueias onde milhares de candeeiros adormecem azuladamente entre pregas ortogonais (latência em dança que esvazia movimentos com movimentos, theophanías com theophanías): as avalanches intraduzíveis, as visões gretadas, os exílios fendidos e os oráculos do vazio se transformam nas topologias primígenas, nos uranógrafos decepados pelos cosmolábios-isolantes: a mancha do arvoamento surge acopalada ao móbil-lahar: eis o suicídio dos zimbórios, eis o alcance louco das crinas dos terminais excitatórios, eis as fustigadoras de rumações-bioelétricas entre as asfixias encefálicas-medievais e os gasotransmissores rés à transcrição do poema: a peste do texto arrasta finalmente os apêndices até às tumbas das terminações nervosas e os dentes restantes se transformam num unguento volumoso.

### VIII

Silêncios das vértebras-invertebradas ameaçadoras de arquipélagos gravitacionais e as estacas levam as perícias da simultaneidade até às expectativas da prefloração (ética e estética são as lentes em ziguezague sobre os sumidouros das centopeias do mundo\_\_\_\_ cabeças rodeiam as maquinações dos breviários tangidos pela azáfama das vulvas e uma queimadura mortífera regata as víboras para as câmeras panópticas): reproduzo: silêncios dos vendavais das parturientes de órbitas de múltiplos corpos onde as forças-do-poema não distinguem as matemáticas das bicicletas, mas FLUTUAM nas revelações transfiguradas dentro das cercaduras-livres, dentro das expirações insulares e o espaço das vias-crúcis dilatam as alvenarias dos “MURAIIS” onde o cinematógrafo é enrugado pelos megafones das gerações encolerizadas (lucernas trazem os azulejos fendidos pelos esfregalhos das palavras encharcadas de esgrimistas-vocais): os pára-raios das expressões ondulam nas nervuras dos corpos que se devastam no clarão das lavouras das escritas e as tapeçarias do esquecimento entrelaçam as entoações das bibliotecas epilógicas pelos torvelinhos dos antros e pelas costureiras de animais etéreos onde as opacidades dos textos morrem por projectarem a de-composição da estranheza como batidas de asas nos tempos entrecruzados da MÂNTUA-ETRUSCA\_\_\_\_ legatários medulares a entoarem as mutilações dos carcerários e o arrasto das alergias empacotam as diligências dos colonistas nos farrapos acabrunhados pelas espectadoras de carnaduras involuntárias): estas enxadas dos textos malabaristas fervem no sangue ciclópico da heterogênese-dos-COVIS ou serão esferas das rajadas felídeas sobre os espinhos dos interrogatórios das bolsas embrionárias? (estilhaços imergidos nos zebros dos astros progenitores de haustos-de-especiarias)\_\_\_\_as medusas contorcem-se entre cobaias hipnotizadas e carcereiros romanescos: só assim o leitor-circunflexo-nas-sombras sairá da língua-onomatopáica e relampejará até ao teatro dos estaleiros adventícios: teatro das zimbarduras dinâmicas que desacorrentam inquilinos das plasticidades produtoras de palavras em imanência (rompimento das zonas, das eiras, das solarizações e os as-

sobrios das salamandras colhem finalmente as estafetas das catástrofes: eis a língua inviesada pelos insectos a tatuar baleias de fogo):

O escoamento-em-puzzle dos gestos é já uma parábola a transformar o espaço na reflexividade-hiemal do espaço que recupera a sombra multiplicadora de corpos improvisados, de corpos paradoxais entre as aparições distantes, os contornos do carvão e as intersecções em transe dos inspectores de rodapés: o leitor-duplo-acrobata volta-se para as arenas-tensionais assimiladoras de mutações insecáveis e sente as úlceras da floresta inexplicável porque seu corpo-mergulhador atrai as navalhas dos desfasamentos e volatiliza-se ao deslocar-se sobre o extravio carbónico do silêncio que vem das sedimentações dos pirómanos\_\_\_\_sim\_\_\_\_os pirómanos que seleccionam os restolhos dos comedouros onde os arqueiros pousam após o xarope do amoníaco da cogitação: silêncio intensificado magicamente pelas crostas das correspondências das estirpes que interrompem e devolvem a circularidade interrogativa dos entalhadores das descobertas envelhecidas onde as acelerações dos textos-poéticos renascem na adversidade, nas cerdas lucífugas dos venenos e logo desaparecem nos planos de movimento como um voo de pássaro de fogo-de-guerra sobre os volumes dialécticos de LARCANA-FENÍCIA: no rosto do leitor há uma revelação de gestos-em-grito, uma saturação BILIAR que obscurece as sentenças de outros corpos inclinados na repetição das centopeias-hidráulicas-hemisféricas (escassez mineral entrecruzada nos diamantes deserdados e as lavas-estranguladas fasciculam as miscigenações dos leitores sustentado-os na hipótese mecânica dos fígados-transplantados: as embocaduras circundam, o sangue retorna, os sustentáculos descoram e tudo é coagido ao esfriamento até à remigração das bússolas dos pulmões transformados em viúvas-negras\_\_\_\_(transitoriedade nos limites das manchas sem tradução): os meteoros dos estábulos transferem os choques dos corpos para os clarões das vidraças desviadas pelos instantes inabaláveis dos textos-em-galope-obsuro.

## IX

Os textos jorram, cingem e invadem aéreas peças de xadrez reabsorvendo microscópicos suicídios e imprimindo os catarros dos caules da gravidade para embrulhar e esfarrapar as aflições das aranhas que rezam nas escalas dos aguaceiros\_\_\_\_este osso fúnebre alimentará os anzóis sulfurosos nos planos englobantes das salas de jantar da prestigitação\_\_\_\_ a poesia reconstitui-se hibridamente nas expressões polispérmicas, no magnetismo da cosmovisão e esculpe as suas e-imigrações semantúrgicas-indizíveis nas geografias-em-desdobramento-dançante: oscilações das cartografias-em-risco: partilha metamórfica do desassossego, acoplamentos de subversões-perplexidades, transmutação dos murmúrios-sígnicos, incarnação-mutante dos devires, informulada fractura humana-animalizante, sanguinidade do desejo-experiência-pensamento na exploração mutual do enigma que se dissipa, intersecciona, ecoa e retorna violentamente ao estranhamento da germinalidade do deserto, à actualização do silabário das epifanias, às vertigens da imanência, à heterogeneidade fertilizadora-sacralizadora do olhar-sismológico perdido do (no) mundo.

O texto poético acontece dentro da im-possibilidade em sedução, da negação tatuada do invisível, da emergente rasura, da mobilidade táctil-sensorial, que é simultaneamente metaformose, transferência, caminhada e destruição de itinerários: transição da luz-obscura ou desordem de todas as fronteiras-das-sensações: desdobramentos dos corpos em fluxos infinitos: correnteza de estranhamentos, de desvios voltaicos, de fissuras polinervadas, de acoplamentos vociferantes, de olhares em incompletude e que, além de tudo, se atravessa para projectar no mundo babilónico a reflexividade de cisões, o alfabeto a-gramatical, as multidões suspensas, os traços de clarabóias suspensas, as sombras polirrítmicas, as zonas desfocadas: transformar o corpo do leitor-interseccionado num golpe de vários fragmentos estéticos, num dançarino-cantante-cósmico (transe do inacessível, PLASTICIDADE intervisual, performance topológica): dançarino de constelações interrogativas, de cicatrizes incomensuráveis (êxtase das tonalidades traçadoras de sismologias): dançarino de olhares arqueológicos de outras visões futurizadoras-espectrais (leitor em síncope espacialógica-tipográfica, sem precaver\_\_\_\_contrastando gradualmente nos álbuns do sonambulismo).

As bordaduras das linhas-do-espaço batem no sangue da inexistência, nas zonas imperceptíveis das pirâmides noosféricas e a floresta semiótica-em-devir do poema faz a sua necrotomia com as falhas fisiológicas da vida inatingível que é sensação-tripulante de híbridas catedrais de silêncio, de sopranos-cósmicos, de arrasamentos comatosos sobre as envergaduras vociferantes da FECÚNDIA (arte cinética-oscilográfica ENTRE as zonas de cisalhamento, a volubilidade dos respiradouros e a afasia do rebanho-escoriáceo): um leitor de entrecruzamentos, de misturas de berçários extraviados, de fluxos multiangulares, de esculturas em fusão que se esgota tentacularmente nos ecos da desescrita, da fungosidade, das leituras nómadas-circulares (leitor atravessado pelas gadanhas das holopalavras em fricção, pelas mandíbulas hemorrágicas-meridionais: eis a luzência das talhadeiras das esrileituras): ele é o batedor das sínopes do deserto, o som das ZOO-dobras, a exageração das cirandas da reminiscência, o alargamento tubular permutatório de tagmas e de chocalhos lávicos encordados sobre os vulvários em remigração (sinergias dos des-centramentos das cortaduras das escumas das plantações): o seu corpo de migrações heterogêneas-pigmentadas rasga-se, reconstrói-se com as várias aproximações da falta-gongórica, da intensidade das possíveis rotas, dos polvos zumbidores, das moléculas fotovoltaicas e re-povoa-se loucamente com as multiterritorialidades intersticiais, a violência da emersão e imersão do texto poético em transmutação hidrotermal-tectónica: eis a genética zumbidora na baforada das encarnações-refractárias ou serão bruxuleantes cenografias das hemoglobinas perante as bátegas barrocas-multiespectrais? (dizem\_\_\_\_que são galgadores multinucleados, especializados nas esmaltagens das acrobacias cervicais): o leitor é uma distribuição nómade de abóbadas de entonações, de brotamentos de pasmo-em-bibalvia, de secretores de transes rolantes, de dramas insulares, de varais-ciclópicos e vai cego, loucamente cego sobre os epifragmas das rebentações da escrita, das polarizações da escrita, caminha tremendamente cego nas trilhas fungiformes, no inaca-

bado bio-corpóreo, buscando lucarnas, rugosidades, propulsões aos viveiros do jogo estético, aos perpétuos renascimentos das permutas-de-venenos, às fecundações hipnóticas-vibradoras-movediças do poema de efervescências anareiformes, de singraduras transumantes-carboníferas (os remadores a-cronológicos do tempo e as golpeaduras do espaço são carbonizados pelos leitores-boxeadores de tragédias do equívoco: esmeris-de-pleuras criam um gigantesco toldo de lapsos multifocais entre as retraduições das faíscas-semas-cambiantes-de-ferrolhos-uterinos e as excreções sinápticas das insanidades onde todas as apneias se desfibram vis-à-vis às estirpes da escarificação): eles são o golpeamento neurálgico do olhar-rotativístico \_\_\_\_ são as mutações movediças estético-ciêntificas, as mutações navegáveis-polissêmicas onde os ricochetes das gárgulas se catalizam nas transcorrências intraduzíveis \_\_\_\_ correlações ondulatórias trespassando os desastres topográficos, as abaladuras dos excertos das cavernas, os avivamentos das esfinges fabulatórias \_\_\_\_ FORMAS de VIDA lavicamente emancipadas \_\_\_\_ sim \_\_\_\_ a mata atlântica dos Centauros dentro da poderosa ruminação do poema (tudo é projectado para os sorvedouros da violência das córneas, para a mobilidade estriada pelas tesuras dos detectores geodésicos: aqui o leitor será o re-inventor de esferas-articuláveis às iminências guturais, ao amoníaco das cabeças dos comedouros: texturas das longitudes, junção de ventres-cartográficos a desdobrarem-se entre as perturbações tensionadas das tapeçarias e os cutelos das rotações onde as espessuras dos signos-sem-signos dançam e fluidificam-se simultaneamente nas interferências dos corredores das alçapremas \_\_\_\_ vidraças de ossos a endurecerem a mecânica dos meteoros).

## X

O leitor-escavador de arabescos vertiginosos, de ardis onomatopaicos, de mineralóides, de línguas isoladas, de jugos-de-cobras ondula-se nos eixos metamórficos-paleozóicos tacteados pelas andanças dos relâmpagos-das-masmorras: gigantescas rótulas interditas-despolidas pelos remos dos naufragos \_\_\_\_ o leitor é em si a escoada lávica, as tábuas de argila em planos convexos, a erupção efusiva das cizânias, a metameria tresmalhada no poema voltado para trás electricamente e os olhos estouram nas trepadeiras protoplasmáticas, nas esferas transitórias dos golfos e fazem das mortalhas encardidas do poema as esporas dos remorsos milenares dos anatomistas: dínamos fetichistas a tolherem os voyeus anêmicos com as sedimentações dos prepúcios que escapam ao embalsamento \_\_\_\_ sim \_\_\_\_ os olhos do leitor feitos de placas giratórias, de betumes-sumérios-acadianos e de diastrofismos são deportados para as cavernas das sentenças dos escribas das leis-dos-sistemas-hidráulicos onde as faúlhas do amoníaco da bizarrria acontecem como esponjas cravadas em gânglios irreparáveis, em pendões comedores de traduções radioactivas: o poema: multiplicidade em si mesmo, guindaste-de-si-mesmo, meretrício de si mesmo ulula no alvoroço do vitral-mosaico da caminhada, nas deslocções do visível do desconhecido ou do visível-desfocado pelas manchas das gravilhas-de-estrupe \_\_\_\_ dizem: depósitos de fundações nas inscrições arquitectónicas antecipadoras de cascos dos cavalos-cisplatinos: a força que



vem da terra em planos moventes-oblíquos e a mecanização das bordadeiras encharcam vorazmente o poema com meatos urinários, ogivas-de-unicórnios, abalroamentos de cânulas-ancestrais e o ganadaria zumbe incrustada nos silabários vigilantes das angulações dos manuais do insondável-dos-beduínos (porque os arpões-fossilizados do texto re-germinam causticamente com as alavancas-desérticas dos falsários e os colonistas de opúsculos além de se pulverizarem sofregamente nas derivações dos escarros ciberespaciais, acoplam-se aos mangalargas para se baloiçarem nos restolhos das geometrias-penianas): assim, o leitor absorverá o desabrochamento da desordem das peixarias antecipadoras da vida-com-narinas-de-águas-que-passarinho-não-bebe (a plasticidade da incompletude, a densidade dos insectos sepulcrais, as feras em zigzague puxando mnemónicos-ladrilhos: interpoiésis a gravitar entre dinossauros pirómanos): torna-se a visão secreta do indicador da morte mais deslocada, o fluxo da simultaneidade das sugadoras do experimento perseguido pelos boxeadores de gengivas escamosas). A sua caminhada é em si a indeterminação das rodovias, a recriação glandulífera, o absurdo do não saber, o imemoriável regenerador de tactilidades (sim\_\_\_ a colisão que retorna sempre aos hospícios-membranares-do-leitor-valviforme: podador bifurcado, garatujas-em-desnaturação, espelhação tecidular, hangares de bestiários, estuários vampirizados: o texto se expande em interfaces-dos-ácidos-aspártico-glutâmico, nos cruzamentos cíbridos-hidrófugos, nos estilhaços das ondas corporais): dizem que as ramificações/os circunlóquios do texto poético acontecem nos incineradores de animais enforcados, nas vocalizações das fendas heterogêneas e de infinitos movimentos, nos esqueletos graníticos, nos brumais-estelares, nos trilhos astrológicos (signos paramidais dedilham geometrias no subsolo fazendo intempéries nos rostos das bicicletas): um tragadouro do porvir, de capturas transformadoras, contagiantes, miscigenadas, criando possibilidades nas bordas das sombras-heraclitianas, nas transposições das diferenças (crueldade reptilínea dos obstáculos onde os golpes flexuosos batem em risco nas vacâncias do acaso e tenta examinar as cavalarias insondáveis, o gelo da infância): uma mutação eruptiva/subterrânea, um vórtice do grito em constante catástrofe, renovação e desdobramento que nos leva sempre para os lóbulos dos interfaces através da trasmigração estética do imaginário ou serão as molduras espectrais dos assassinos multi-direccionais que nos transportam para a disseminação dos olhares do precipício, para a atracção do absurdo inexorável, para as jangadas das luminárias-metabolizantes? Ou serão as correspondências dos infaustos, as translações dos ilogismos, das cosmogonias? O traçado permutador e antecipado dos calígrafos estão aí! Tudo poderá regerminar nas dores do invisível, no ritmo dos címbalos da vulcanologia, dos rastos das imanências, das latências cromáticas, construindo a experiência das raias-siderúrgicas da claridade na obscuridade (estilhaçamento no interior do próprio poema e o poema avança gerando forças atmosféricas, incisando e conectando a dinamite das vizinhanças, os ganchos de uivos intangíveis: imagens-travessias epifânicas: fazer o inabordável com o embate transfronteiriço): o poema reconstrói os mantos circulares num jogo de forças cartográficas, de sombras-

-écrans-geológicas onde provavelmente surgirá a ritmicidade de uma visão peninsular (dinâmica fusão fisiognômica, inventários da elephantíase com candeeiros cravados nos olhares da escravatura ou será um hotel estratosférico com recados movediços?): misturar as visões que desaprendem, infiltram, traçam e rebentam as vésperas velocíssimas das estrebarias-poéticas com a antecipação desorientadora das palavras dos ascensores suburbanos: as palavras adensadas de nidações intraduzíveis, de caça-níqueis fotográficos com cios das multidões\_\_\_\_palavras escorregando nas quilhas intransferíveis dos horóscopos, nos esconderijos das flautistas, no necrotério obsessivamente encanado pelos cios dos purgatórios: as palavras oscilam, giram, retorcem-se e vazam outras visões-dos-touros-em-catadupa ou será uma hulha de sangue nas entranhas dos cegos-em-circularidade-uterina? Ou serão espirais acopladoras de incandescências venenosas, partículas ancestrais da escrita?\_\_\_\_impossibilidade de falar, tensão no dizer\_\_\_\_repito: escoamento onomatopaico: o reverso propõe o desmantelamento triplo da vida e liberta-se da possessão da figura talhada pela orgia vulvar da figura; as povoações marombam na procura dos poliedros da voz: a voz salta nos espasmos martelados pelos projectistas escatológicos e volta-se dentro de si própria até à imensidade dos antinómios: o grito se desdobra e se espreme para se albergar no engulho do espelho sem etapas: apenas herdeiros dos entrechoques das concubinas cercadas por bicicletas\_\_\_\_ sim\_\_\_\_ o leitor é o monge que demarca silenciosamente os ecos do crime).

Visão da incerteza sonora, dos esteios da perplexidade, dos báratros: DESEN-LACES arrebunham o inconcluso do espelho obscuramente estertores onde a áscua talhada do corpo se desliga, se dissolve entre os contratempos dos cabrestos oxidados: a finitude se interrompe no obstáculo do desapego imperceptível, na possível transladação de nós-mesmos\_\_\_\_cadáveres martelados pelos cadáveres (os lapsos buscam os erros fora da perseguição e os cinzéis de incenso encalham nas cadelas órfãs): as garras dos textos mostram as especiarias meridionais sob os rastos dos esófagos expansivos (outro pulmão fantasmagórico abandona o seu território e transforma-se em rúmen mnemónico: o pensamento vidrado alvora entre os rascunhos dos telégrafos que se despenham nas falhas das anáforas): as hastes das cabotagens volteiam-se até às articulações dos germes tatuados pelos polimentos diastólicos das hidras (enganar-se é singularizar-se entre as mamadeiras dos alcoólatras): visão flutuante que se esboça nos negrumes das lacunas dos sumidouros, nos remadores de trincheiras-polifónicas e tudo se transforma em avessos onde o irreal são os balbucios das lavouras do real: visão suspensa nos cadáveres incontroláveis; visão com os dedos no puzzle que se esvazia nas ressonâncias de outro puzzle: visão que se fortalece nas descobertas instantâneas da desertificação, se contorna nas forças desfiguradas do mundo: visão acossadora de encaços, de esteiras de paradoxos, de dentaduras asfixiadas pela cataratas das superfícies: tudo se acena, tudo escapa nos perímetros dos lagartos e o olhar-corpo é já a contaminação contínua da sombra ocasional deas alfândegas-movediças, dos obturadores renascentistas: a cratera abismática, as cicatrizes sem fôlego carregadas de

animais pasmados, de vegetais museológicos e de alvos rupestres: habitat do poema em metamorfose sem repouso ou o arrasto das cavidades apomórficas, dos vazios e das fábulas caóticas onde os galopes atroantes se estilhaçam na cefalização e se acrescentam aos pássaros das fogueiras-sígnicas: outros vazios com espinhas miscradas de rumações cósmicas, de antiquários climatizados pelos movimentos giratórios das dormideiras (cosmografias dos instantes da veracidade ininteligível): a repercussão florestal intermitentemente exilada nos núcleos silenciosos, nos feixes incessantes, nas mutações infinitesimais onde os pedreiros do poema se relacionam secretamente com o rapto fascinante da potência-uivante da incerteza, das cordoalhas do mestiçamento-mítico (pensamentos com focinhos antecipatórios\_\_\_\_ pensamentos se extinguem nos hiatos da experiência da(na) experiência deles mesmos e a voz surge com outra voz profanada pelas traduções cénicas: a noosfera e a pan-semiótica misturam-se nas vocalizações das marchas do gado\_\_\_\_o poema dilacera o que não existe: há alguém por aí? O alienígena transporta um corpo-de-asonâncias com o risco-dos-umbrais gravado nos repuxos das varas dos gigantescos estômagos\_\_\_\_ as lamas dos ponteiros ilícitos recolheram-se\_\_\_\_ dizem !).

## XI

O fulgor da deformidade cria laços-vivos/coalizões-cósmicas nas tumbas lançadas pelos ocasos, cria o design das interações das escarpas, cria as travessias dos oráculos e obliquamente o poema captura os isolamentos da mutilação carnosa da imprevisibilidade com as linhas gritantes do desejo-bizantino (INTERFACES perfomtizam-se no interior das elipses feitas de olhos-em-viagem-táctil) onde as submersões do insondável-dos-esforços-geradores-de-hiperestesias se transformam em alfombras de silêncio sob os últimos calígrafos de todas as indivisões (os rins reluzentes dos textos invocam os detritos das vindimas-memoriais que avançam entre criaturas espalhadas pelo enxofre dos ventres de nervosismos antropológicos: ler é desmantelar desastres-golpes e deslembrar o retorno cubista das espécies entre as polivalências dos contrastes das mucosas e a im-possibilidade pictural dos numismatas das transumâncias: abandonamo-nos na língua espectralmente). As naturezas das SINÉDOQUES dissimulam-se na interminável trepidação das bandarilhas dos olhares-primórdios, das garatujas sinérgicas que se rebentam na relação hipotálamo-hipófise-adrena das mulheres-rãs para suspender as circunferências do texto-poético-lahar nos vestígios da ÉTHOS indecifrável: circuito de forças-ARP-BRAQUE entre as tradições dos abalos ilimitados das câmaras-claras e a energia dos avantesmas-de-Lascaux expande-se na crepitação das fronteiras onde ninguém pertence: vejam a mis-em-scène dos crustáceos da insularidade a implodir nas estratégias da emanção-errante das poetastraçadoras-de-QUASIMODOS que se denegam dentro dos lances expressionistas: são os fractais performáticos a vitrificarem os interecessores dos antropófagos no Hermitage\_\_\_\_sim\_\_\_\_as variações dos jogos sem limites sobre as fusões anamórficas dos corpos\_\_\_\_o ciborgue é apenas o holograma no colapso das larvas-leitoras dos antagónicos e sob os códices das tartamudezes as leituras esquadriham-se utopica-

mente até à velocidade dos espamos polifônicos de Schoenberg-Stockhausen: agora os bastidores hieroglíficos transformam-se em bricolagens perspectílicas do poema ainda grávido pelo falso espelho de Magritte\_\_\_\_a taticidade do olhar fantasmático reconhece as escapatórias prometéicas nas hipóteses transitivas das tragédias.

O poema-olho-escavador faz-nos imergir, expandir, transduzir na grandeza das tonalidades indiscerníveis, nos gestos agenciadores de roteiros-dos-meridianos sobre outros planos de movimento escorados em trajectórias mortíferas (depois ou simultaneamente a linguagem e os mitos-de-le-VOYAGE dissipar-se-ão, prismatizar-se-ão na química dos jogadores-de-larvas desenhados pelas escalas da CASUALIDADE: agora compreendo cegamente os pigmentos das vozes-cardinais que se descampam nos deslocamentos das próteses de toda arte e o grito heteróclito que se des-consagra nas esfinges-em-quase-colapso)\_\_\_\_ÉCOLE-de-khôra diante do jorro das ressonâncias das bordadeiras de mucosas dadaístas: eis as escolhas de quem enfrenta as rugas-CANNIBALE: a jubilação caótica dos címbalos que batem nas deformações dos corpos dialécticos, outro turbilhão sonoro entre as asperezas das calotas esventradas pelo silêncio luxuoso dos políglotas-marinhos: era uma vez uma ceifadora harmoniosa às cegas entre as interacções dos calendários cibernéticos: os percursos do acaso infinitizam os sarampos das sombras e as luzes feiticeiras do teatro épico enuncia as cores quase estrefegadas pelas forças dos açoutadores de lodos\_\_\_\_restam as percepções do espeleólogo das iconicidades: tudo se dilui sob os predadores de loucuras-giratórias-dos-umbrais e as oscitações dos dromedários\_\_\_\_dissipação de cabeças-de-urtigas, espelhos cosmogónicos, absorção dos cárceres voláteis\_\_\_\_os desvios das centelhas, as conexões prematuras, as contaminações jungidas às mordeduras das anatomias perseguidas e as fendas mudas predominam na demência molecular-ambulante, nos berlindes da circularidade, na transversalidade das cartografias poéticas(os cogumelos sígnicos das imediações .vigiam as bocas da inexistência: tudo se interrompe informuladamente no eco-tacteadado dos GLIFOS do pensamento)

O fazer poético\_\_\_\_alcarsinas que deslizam no animal da indecibilidade\_\_\_\_é indefinível, advém possivelmente na avalanche incontrolável das mutabilidades do corpo em diálogo com os eclipses do mundo, com as deflagrações de um movimento transgressivo (arrampadouro dos vultos dos satélites, esgotamento do pânico dos bisontes, hemorragia das variações dos equadores-em-êxodo): corpo da fulguração enigmática, da devoração pendular (garras alucinadas do espelho, armadilhas a rodopiarem nas vozes que trançam precedentemente outras vozes quando incorpora os vestígios dos espectros da escrita: sacralizar a obliquidade do corpo errante-dançante que transforma, irrompe, eclode e se intersecciona nas energias tatuadoras de corpos\_\_\_\_corpos retornam inelutavelmente às rupturas do mundo: rastear o sangue metálico do texto das navalhas contrastantes: são os lampadários das esperas a transcriarem as pranchas dos gritos nos livros de cabeceira: após o apagamento das fagulhas das formas, outras fagulhas dos desvãos cortam as encruzilhadas dos reptantes para vazarem os anticorpos ds monstruosidades: escutaremos a celulose alarmante

das andaduras das garatujas caligramáticas): uma teia dinâmica de ecos fractais\_\_\_\_ ecos inacabados e incubados pelo salivante vertiginoso dos textos que reabilitam a alucinação alienígena, os epicentros da experiência estética do mundo e se fazem visãodo-mundo ao desdobrarem-se no face-a-face dos antiquários-elípticos, ao emanciparem-se dos DADÁS, ao retraçarem superfícies-fantasmadas em dilatação-circulante (o poeta vive do parto envenenado pelas roçaduras das peneiras prismáticas e o desdouro devaneador é inventado na estilização da crueldade onde os cavernames do texto anunciam a putrescência da terra-que-levanta-o-que-desejam-de-nós): não existem estruturas estáticas, existem ganchos de exalações jugulares a solidificarem os lacraus dos instantes e de estilhaço em estilhaço os mitos retornam ao rufar dos HAPTIKÓS

Há sim, corpos em intermitência, em alucinantes sensorialidades, em entrelaçamentos, em forças espélhicas (o relancear dos fonemas, os exegetas dos grafemas, os cibridismos polifônicos, o jazz da hipotaxe e os fragmentos da parataxe misturam-se no azul das germinações milenares). É o movimento da cosmicidade feiticeira, o labirinto mutante da autonomia encantatória, a aventura do caos criativo, onde tudo está ligado entre si, magicamente, nada está separado (auscultar e espiar a expediência dos arruinamentos: a vida é codilhada pelo desfile-estriado das línguas-quase-extintas e se descentra oracularmente entre as migrações das dobras-barrocas-alexandrinas e a perplexidade do nada). É o holomovimento plurímota do universo\_\_\_\_a invisibilidade do poema coreografa a escuta da possível visão da anamarfose do poeta (ocultas articulações das sentenças espaciais que rebatem as faíscas dos textos sem referências: inatingível ventre-dos-covis-em-delito\_\_\_\_tudo irrompe no movimento da incompletude, nas monções descaminhadas, nos ecos dos despenhadeiros, das velocidades engessadas pelas magnitudes dos cardumes-em-transmutação-geográfica; tudo se transforma num jogo dançante entre as linhas arrevesadas dos abismos, o gaguejar no inacabado, as bóias dos câmbios das escórias e as nervuras infinitas dos corpos que se desmancham no alto-mar-das-sensações: relincho das obscuridades climáticas (o leitor-olhante é o compositor dilatado pelas projecções-lance-de-dados-a-históricos, pela abdução imprevisível do mundo, pela virga-férrea do acontecimento da incerteza do nada que é memória em devir-fisiologista-assintótico: enlouquecer na fatalidade da poderosa vidraça).

## XII

As curvas apócrifas da poesia sobrevivem da exaltação lúdica do mundo, descharacterizando geografias em curto-circuito-em-desequilíbrio, em múltiplos devires de CARMEN FIGURATUM: um re-avivamento dos abalos da experiência labiríntica, dos espelhos de infinitas imagens expansivas, dos gritos com sonâncias ausentes (o crime artesanal e sedutor entre o carvão órfico das palavras que explodem em cavalgadas-rizomáticas visualizando a orfandade inapreensível): zonas de movimentos hieroglíficos: as expressões em erosão são montadas, desmontadas e dissolvidas com as cartografias do desejo da leitura, releitura e desleitura: feixes de forças em renascimentos incessantes (escutar as a-habitações estéticas em delírio, a polimorfia selvática-mineral, o galope do abandono enfeitado, os descentramentos que nos levam ao infinito



dentro de um interstício colossal: em cada instante os interregnos das anamnésias interiorizam exteriormente as perdas das ressonâncias cognoscíveis): desdobramento, despistamento do in-visível corporificando as composições estranhas do silêncio. O poema navega antes do seu surgimento, navega no seu desaparecimento, no seu desmoronamento, numa infinitude ritmável, vive das contexturas em descontinuidade: o bisonte do vazio: o alfabeto do deserto: os vitrais do ilimitado e a re-composição da sombra-do-visível constroem e avivam a força circulatória do poema (fala suspensa, iminente e retornada na cesura inabordável: absorvimento da grunhideira incomensurável da natureza e a voz risca, esboça outra voz com o fetiche materno de outra voz e se transforma em paixão acronológica: tudo se mistura, tudo se emancipa, tudo se atravessa, tudo é lançado para os recomeços do silêncio dos des-materiais: o nada diz e se devolve, se retorna, se refaz\_\_\_\_o abismo florestal-desértico-náutico: a interrogação alcança os influxos abstratizantes com os ouvidos monstruosos do poema: as visões encadeiam-se nos heterozoários precipitados do mundo

A força nómada/alucinante do poeta apropria-se do rodopiar das vozes dançantes-espectrais de toda artes, de todas as ciências, das forças afectivas-estéticas que retraçam as sombras abstractas dos corpos, para emanciparem esses mesmos corpos noutros corpos-em-velocidade-tresloucada, noutras obscuridades deslizantes sob reentrâncias resgatadoras de arenas poliarticulares onde acrobaticamente as crisálidas placentárias buscam as bússolas do inacessível, o saber do não saber dentro dos teares da instabilidade, das substâncias estranhas que dedilham os ofícios glandulares do mundo: ressoante tessitura a absorver a reflexividade ilimitável da seringaço cósmica.

Disseram que a estrangeiridade do poeta se move nas superfícies multiformes, nas dobras sazoadas das antecâmeras, estilhaçando-se para retornar e se coreografar nas energias corporais cénicas, isossísticas, piroclásticas, inclusas nos impactos das atmosferas dos asilos lúdicos\_\_\_\_ DEVASTAÇÕES de gigantescas vesículas-nadadeiras e os estuários dos animais tropeçam no insulamento das rédeas lendárias para se vulcanizarem: o grito é a interrupção medular do vazio que se arrasta, se autonomiza, se solta, se ergue no fulgor bruxuleante do poema-repleto-de-embates-prodigiosos-monstruosos (latência da irrupção babélica, do transbordo sedutor capturado pelos estendais da hidrologia): escutar o silêncio espontâneo da metazoa e antecipar a geografia do corpo no abismo que se abre ao abismo, aos lançadores-de-incisões-em-marcha, à magicatura das falhas-fendas, ao bumerangue da fecundidade indeterminada (medusas agachadas nos ofícios dos trilhos ou serão sussurros na herança do faunos?)

Linhas vibratórias-paleobiológicas, penumbras sonoras de infinitas metamorfoses aborígenes e os ecos dos protozoários proliferam-se em suspensão sobre as anestias das masmorras primatólogicas: os ecos das ancorações do poema abalam e captam forças miscigenadas, inesgotáveis (desenho narcótico a reabilitar as gradações das gralhas dentro dos aguaceiros das cristalinidades incestuosas): os ecos do poema ampliam os seus contágios destruindo as gemas dos aeroplanos nos entrecruzamentos acústicos, nas perseguições sonâmbulas: um dédalo de linhas-lahars reinicia-se

incessantemente nos batentes dos despistadores tensionados para atrair o incriado, a convulsão da espessura das tulhas tacteadas pela ressonância intersticial, esfíngica, resvaladia: os vestígios do poema destroem a celularidade, os sustentáculos contagiosos dos baixios-das-serpentes (movimentar as tatuagens das orfandades, mergulhar nos grunhidos das vesânias, fertilizar lacraus) para se descobrir a si próprio antes de imergir na heterogénese do mundo (.cavalo míope leva os seus nervos invasores nos arremessos que folegam inferiormente nas luminárias do princípio vesano da terra)

### XIII

#### OS POETAS CAMINHAM NAS SOMBRAS ARDENTES DOS FÓSSEIS SÃO RAROS AQUELES QUE ESCUTAM A RENOVAÇÃO DOS SEUS SILÊNCIOS

Os rumores bifurcados do poema resgatam os anonimatos incictrizáveis das alcateias vasculadas pelos fósseis dos detalhistas genômáticos e os escultores de fabulações desentranham inexplicavelmente os pêndulos corvídeos dentro dos semeadores de gravidades reptilíneas: são estes entretons da memória-em-pânico-arbóreo que fotossintetizam simultaneamente o tempo, o espaço, a espiritualidade, a materialidade, o eixo descomunal dos traços sem pontos de chegada, sem pontos de partida\_\_\_\_ louca celularidade do desastre-construtor-sensorial-tatuado pelos tectonismos cantantes que se infinitizam nas artérias cilíndricas do fogo-milenar-fúngico: mergulhar clandestinamente nos estuques do caos, tecer ocultamente a musicofilia do sangue bissectado sob as guilhotinas da vinificação-planetária onde a colisão permutadora de corpos petrológicos entrelaça, funde as batidas arqueológicas até às vértebras desfocadas de outro poema que regressa à intensidade da superstição estrogénica dos centauros maternos.

Violentas catadoras de espectros das ovulações, das reminiscências em fractura e os ângulos dos sudários herméticos esmerilam as tensões das trajectórias das formigas-cortadeiras-de-sígnos-de-itinerários: pulverizar as transposições geodésicas na descontinuidade convulsiva-sensorial dos corpos desaguados nas mandalas à deriva: uma usina onomatopaica de refrações sobre o inexprimível das abortadeiras, uma submersão de desejos metalúrgicos separa as bulimias ordenhadoras das tarântulas entre os lodaçais das possessões tabágicas\_\_\_\_ dizem encarnações genitais escavadas pelas estirpes da salinização: contracções dos casulos meridionais, dos rastreios da vacuidade (o corpo escrevente no influxo das conflagrações incomensuráveis que se entrecruzam no extremo circunflexo das partituras astrogeológicas: língua demoníaca a incisar as vibrações nocturnas dos hipódromos com os fascículos ascéticos das barbatanas microbióticas, com as córneas eletrizadas da lanugem dos mausolús: os desdobramentos do GRITO, o estonteamento dos arqueiros do incompreensível, a experiência das bordaduras de laringes-incubadas, transformando-nos numa voz de muitas vozes em deslocamento-multicalítico, numa voz de adelfas impossíveis, de reflexos primígenos vigiadores das atmosferas sangrentas e dos choques de répteis epifânicos: malhadores de anatomias suicidárias: era um abdómen das cremalheiras

a regerminar desertores-polinervados nas válvulas multilíngues da obscuridade que é infinitude dançante, in-correspondências a-significantes, bocejos-de-trigre-com-morfina-retroactivas (cabeças centrífugas de resistências incandescentes): murmúrios tribais, arados insubordinados, murmúrios em ciranda, em movimento sismológico de amplitudes variáveis: singradura galopante-criativa \_\_\_\_ a palavra no engenho preador de Tarantino.

Forças das translacções \_\_\_\_ tapeçarias dos obstáculos heterotróficos ou dos espelhos dos instantes oblíquos onde se constrói o lugar-petrolífero-zenital dos búfalos dramáticos, a interrogação das blástulas das atrizes, o êxtase do recolhimento da cobra-escrita, o espanto sulfuroso e invasor de percursos dos pantherinae que emancipam as geometrias venenosas das arenas pulmonares sob os síndromes amnióticos do poema (o corpo é em si a catástrofe: ricochetes de estomas a entrecruzarem as estações-moventes nas vozes remigradas sob os simulacros das arranhaduras clitorianas onde a memória imemorável se contempla em frente à cobra-coral roedora de dissimétricos respiradouros): irromper a intensa afectividade de um corpo-em-fenda-estética, um corpo indeterminado contrariamente à fogueira do tempo (cubomedusas mortíferas): carcaça-bicéfala-extremada feito de trepidações megalíticas do relâmpago, de vísceras imprevistas, de velozes e vingadoras ruínas, de vestígios escoados nas poeiras do sangue, reflectindo a caminhada errática dos talhadores-ditríticos do poema (as forças do desnudamento, as falhas dos mapas das fêmeas voadoras, as dilacerações das travessias, as articulações dos labirintos imanentes da vida e uma serpente de escritos abraça-se anonimamente entre animais-tubulares: a circularidade aberta às vibrações dos chifres das línguas que são gritos zigiguezagueantes na recuperação das expressões do indizível (re-conhecimento anfíbio; dizem que a escrita surgiu há cinco mil anos e a “oralidade-estética dos mitos do paleolítico?”: a irresistível sedução-das-seduções ou as centúrias de hienas gritantes convertidas em panspermia-migratória: ausultações das forças cósmicas atravessadas e defrontadas pelo sublime da estranheza-aboiadeira e as facas dos partos-das-pedras-clásticas iluminam loucamente as árvores estilhaçadas, seguidas pelo êxtase-gongórico do esquecimento: ventres parabólicos a auscultarem a magnanimidade dos murais do deserto)

A poesia também.... vive numa correnteza giratória de corpos, vive para recriar as larvas-dobaduras do mapa cósmico, vive da turbulência visionária, dos fluxos cortantes-das-trombas-babilónicas, das cantatas cervicais do geografismo, das espessuras alegóricas do Alasca capturado pelos contorcionistas descendentes de albatrozes. Vive dos caçadores-desvairados de hemisférios grotescos (escaldadura do silêncio na garganta-ÓRBITAL ou as limalhas das constelações a esculpirem a calamidade das atiradeiras de alvéolos circulantes). Vive da farmacopeia das expressões que confrontam as linguagens-azagaias das babéis queimadas nos espaços rodeados de casas sôfregas: delirantes gatilhos dos algoritmos que se engolfam sanguineamente nas vidas ocultas para buscarem a prestidigitação do inacabado, a multiplicidade insegura reinauguradora da hemoglobina do grito-levitante: o ritmo soberano da desordem sazoad-

-anestesiada pela soberania das olhaduras dos bichos. Vive dos ecos do desaparecimento que rebenta na carnação transportadora da terra, no arco da fulguração dos itinerários e do paroxismo das revelações-ocultações letais: tudo é atravessado velozmente \_\_\_\_ fragmentações das salamandras centenárias

(experimentar o odor uivante do erro no incêndio inoxidável da escrita/estru-me: a in-finitude que vem de fora a partir de dentro e é em si o recomeço contínuo das voltagens dos ruflos polidores de bisontes-antropófagos) o deserto-fértil acontece no des-aparecimento do poema: o corpo liberta-se naquilo que não existe, liberta-se para longe de si mesmo, liberta-se na adivinhação do magnetismo do imprevisto: o magnetismo dilatado pelo urânio do impoder: resistir, inventando o bacanal da língua com o pavor faiscante da língua: os germenos puerícios esquadrinham as estacarias chupadoras de escritas, jogam com as superfícies da intrusão-sinistra: sair-galgar-regressar simultaneamente ao mundo-em-desdobramento-carnal para jamais re-conhecer a deflagração dos crivos atmosféricos: as ressonâncias dos deuses desnortearam-se e os segadores do poema reemergiram entre os cataclismos dos tigres-hemáticos).

#### XIV

Anonimato dançante das cornucópias SOB o terror iniciático da escrita, balanceamento dos lacraus do inacessível, expressão suprema do estranho cantante e tenebroso, da fuga da catacumba-jugular, da transgressão correndo distanciada pelos des-alojamentos dos murmúrios, das derivas clínicas, dos colapsos pliométricos das vigílias, das carlingas da sombra efervescente que bate hidrologicamente nas angulações dos portos da loucura: epifanias geográficas, meteoros de todas as correntezas cromáticas de vida, da vida e o córtex dos archotes levita nas variações das bocas que des-dizem o mundo nutrindo-se a si próprias entre colossais corrimentos de luzes abstractas: hino e sangramento sobre as escadarias que se racham nos ordenhadores de esquecimentos/anomalias: os carrascos dos cardumes ardem parados/mutilados: a menstruação cheia de salivas centrípetas à procura de magnólias extasiadas: vivacidade enigmática das origens da metazoa; desdobramentos das vertigens onde os signos são incompletudes, atracções nómadas: indizível transgressor a morrer na delicadeza audível: a escrita rasga-se e a desescrita provoca a orfandade, a soberania de um olhar-inexistente: a escrita nega-se, risca-se, acontece nos jogos de força, nos rasgos ondulatórios onde ninguém pertence porque vivem de recomeços, de rumores: a escrita alimenta-se no(do) inatural, dos marceneiros do desarvoramento, da incompletude circular da fugacidade: silêncio libertador da inexistência do nome: alumínio encalhados eseram o nome ou será o calabouço das rumações trespassadas pelo insulamento das alfaias-adulterinas?: o poema reinicia-se ininterruptamente na inadaptação geológica: asterismo escavador das zoomorfizações, sem procura, sem chegamento: escutas.escutas sem mapa: a tatuagem alienígena suporta a tensão sedutora do inumano e o poema antecipa os batimentos dos bastidores das intersecções-intrusivas, as lapidificações da vida com o olhar cego, desviante e tudo se abre sobre o traçado das mesetas infinitas: corporificar o silêncio monstruoso, musical que oscila no abandono subversivo-criativo e o exílio dos cavalos-

-germinais gangrenam os esgrimistas-carbônicos com as sonoplastias dos baldios: tudo acontece numa dança-em-acidente-glamoroso dentro dos arquipélagos sem cronologia

Dizem que o poema surge no confronto anfíbio entre os ladrilhos da luminosidade, as triangulações da obscuridade, as tonalidades do indeterminável, a estética do desejo, as embarcações da incerteza, a circulação cósmica, a violência instintual, o saibro do informulável, o nomadismo ziguezagueante da corporolgia e as vertigens nas mortalhas do GRITO: grito reconstrutor-mágico de arrasamentos. Grito da indecifrabildade. Grito da indiscernibilidade. Grito da inacessibilidade. Grito da simultaneidade semantúrgica-sísmica que nos leva para a deflagração dos sentidos, para o relâmpago das margens dos contrários\_\_\_\_ plâncton das diferenças, lâminas caninas das transmutações, bicicletas das vizinhanças obscuras onde a cegueira translatória é a breve visão dos hidrargírios que se transformam num boomerangue da devastação criadora (encarnação da instantaneidade das harpistas cósmicas, urdidoras de icebergues-sígnicos) \_\_\_\_o poeta: escalador-montanhista do desconhecido e do descomunal hieroglífico, faz da gestação dos desmoronamentos a fantasmagoria do sagrado polinizador que se fractaliza ao reactualizar sucessivamente o epifenómeno dos bastidores do fogo-cruel): um animal cantante-dançante do inexplicável, do desabitado, aberto ao dinamismo interrogador do mundo: as palavras teátricas são como mergulhadores sonâmbulos na música da linguagem líquida do pensamento ou serão arpões acrobatas em rotação ciclónica?

O texto poético potencializa-se na intensidade geográfico-sonambúlica das sensações em devastação, na manifestação polimórfica-pasmada, na revelação dos desvios corporais, no transe das perspectivas (oscilação lávica da impossibilidade, do ilimitado sobre as magnólias-onomatopaicas-absolutas das oficinas desmedidamente angulosas): devastadoras cisões-intersecções do indizível, forças magnético-imaginárias em metamorfose, cheias de ebulições hipnóticas\_\_\_\_ enxertos de sonoridades e de mulheres-náuticas que ascendem à loucura do poema\_\_\_\_desejo pré-babélico de libertar-se nos rifts das interrogações das maternidades arrasadoras de qualquer origem\_\_\_\_sim\_\_\_\_reinaugurar continuamente a força abismada dos hospícios, da inapreensibilidade: advir subversivamente no devir-mundo que ressuscita em todas as espécies de relâmpagos.

O CORPO poético extravasa-se para enfrentar a cegueira dos corredores alienígenas e arremessa sua cartografia reflexiva, a singradura da sua sombra-silábica-geológica contra a memória do deserto: circulação desfocada que refaz as misturas, os revolvimentos das perturbações-encantatórias: dança em desterritorialização hemisférica (gestação no insondável, na opacidade que inventa as mandalas no informulável animalisante: as cavalarias embrionárias golpeiam as minerações das pirâmides, atalhando os esmaltes das subducções das alegorias \_\_\_\_o poema nas antecâmaras da esfinge re-iniciática do mundo).

O corpo está sempre em transição, em alomorfia translatória (anélito das sínopes das CATARATAS fabuladoras que circulam nos nódulos gigantescos das arquitec-



turas-das-ruínas: palavras a corporificarem-se no extravio das imersões e o alvoroço das artesanias localiza o afastamento do corpo híbrido, do jogo do lugar-ciclónico-latente: o jogo do pensamento não pensado e os excertos das expressões desejam os dardos imprevisíveis das forças-do-estranho que hibridizam estremecimentos ourobóricos em quaisquer metalurgia-plurivocálica para ritualizarem a fertilização do inacabado). Ele irrompe nas goelas da diferença e se faz diferença ao negar-se desterritorializado e ao expandir-se dentro do seu próprio corpo em conexão com outros corpos, porque necessita de renascer consecutivamente na obscuridade que recria o invisível na música fantasmagórica da demudança agramatical\_\_\_\_imperscrutáveis linfas das substâncias secretas navegadoras de espelhos-dos-galgos-graftados (dentes rápidos dos macaréis recomeçam nas vértebras da palavra azulada: violenta extensão das escarpas a ocasionarem galopes do corpo-sem-corpo a rodopiar nas granulações): o movimento das suas embocaduras-umbrosas constrói a possível visibilidade nas fecundações dos interstícios-caninos (a visão do mastro-poético é a própria metamorfose-lahar da incompletude, do multiforme-ventilador de sombras: crisálida diluviana-cósmica queimando breves obeliscos que regeneram os ímanes das nadadoras): há sempre escavações arqueológicas, bebedouros de evaporações, alfaias perseguidoras de ruínas dentro do texto incrustado na gravidade das medulas dos felídeos: um olhar-lahar dentro de outro olhar-lahar que nos faz escutar a geologia caligráfica do movimento do mundo: jogos de forças a captarem os caminhadores de espasmos suicidários-psicadélicos: os críticos hidráulicos purificam-se com as enguias nas mãos-reumáticas

Lahar de outros lahars-em-visageidade que exploram os anfiteatros dos devaneios do mundo: grito sismológico a cavalgar sobre outro grito cosmológico, até ao esgotamento das policromias, ao desaparecimento dos animais-migradores-dos-textos-falqueados, absorvendo outros gritos indissolúveis em desdobramento obsessivo:(rotação-hibernação institual da orfandade: abatedouros de febres carregadoras de fotogramas: entropias a recomeçarem nas potências das refinarias da antiguidade-do-agora): a magia das ressonâncias dos instantes abraçam as virilhas dos vocábulos psicotrópicos-nirvânicos: vejam, a experiência estética dos atiradores sanguíneos a renascer no informulável murmúrio do mundo.

## XV

Dizem que poesia acontece na correnteza interrogadora das sensações e a sua linfa-de-abatedouros-de-vírus-e-de-convalescências-graníticas reflecte os abcessos do não visível, porque desliza nas cravagens-áspides, gera forças orográficas, eléctricifica naufrágios, correntezas inoperativas: a poesia lacera os leucócitos das certezas, as radiações lógicas, os ventrículos das afirmações com as rasuras atmosféricas, os aracnídeos do caos, as tensões eruptivas, as oscilações indetermináveis que se transformam em desejos vertiginosos de matéria viva-absurda ou serão dólmens-da-anti-matéria? E tudo se conecta, se contagia na arquitectura de ecos-pirómanos, de epidemias de vesículas geográficas (INCITAR labirintos-circulares-poligonais-vegetais\_\_\_\_sim\_\_\_\_os apanhadores de labirintos astrobiológicos-petrológicos-info-

-poéticos se desmesuram entre os odores dos leitores enforcados e os licranços migratórios que desorbitam serpentes sígnicas encarnando os as sentenças espélicas dos andaimes despovoados (curvas arquitectónicas entre estatuárias africanas): ilimitadas transfronteiras de jogos rodopiantes de silabários policromáticos, empeçonhando os puzzles da meteorização de textos-suportes-mamíferos (devastações absolutas dos itinerários enfeixam-se nas experiências acústicas-fabulatórias): lahar-larvário a misturar os possíveis leitores com as cúpulas dos silêncios que reinventam expressões entre rotas quiméricas e margens disformes: sondagens dos ardis das imagens: o possível texto-poético transforma-nos numa ciranda de intensidades de apoastros, abertos desafrontadamente à fluxibilidade avançada do mundo, ao ourives sibilíticos das cinematografias: espadanas a vibrarem no esquecimento iluminador (moradores das bandagens transfronteiriças a deformarem-se nas obscuras vidraças dos signos alegóricos): coreografia de forças dinâmicas: forças fantasmagóricas, imaginárias atraem o visível e o invisível simultaneamente, destruindo a tentativa das mãos de obterem as cabeças-dos-sentidos, porque os pés-gretados-pelos-desertos serão as rosas emancipadas dos poemas (trilhas flamantes a incitarem a incerteza da escrita e os rasgos-sígnicos revitalizam-se na obscuridade, transgredindo, transmutando o algoritmo-dinamitado no limite do algoritmo-em-contraluz): os vestígios dos estendais reluzentes são as ruínas entrelaçadas nos casulos atmosféricos e tudo se arrebatada na transformação do poema que regressa sempre ao desvairamento, à devassidão das vértebras dos miradouros das serpentes fosforescentes dos arquipélagos

(deslocamento e trabuzana do poema desaparecem nas raias do humano para se transmutarem e avançarem labirinticamente no movimento da vida que se volta sobre si mesmo \_\_\_\_ prolongando os fôlegos das artérias: trespassar coordenadas, desdizendo. Absorver as carvoarias estrangeiras, os batuques indefinidos para ensejarmos o escoamento do inóspito, a cronometria da deserção: eis, a escrita inacabada, fazendo rastos dos chacais-insulados no matagal insondável: é este o magnetismo do erro onde tudo se precipita nas remadoras do inapreensível e das intermitências).

O poeta é construído pelas celsitudes transitórias da obscuridade: tentar emancipar a visibilidade interrogativa, escutando o que não pode ressoar nas bossas sanguíneas (natureza ondulatória, decomposição alucinante; expressão trágica-setentrional entre as ruínas, os acasos e as vozes das vozes que habitam os silêncios sem falanges de partida, nem falanges de chegada): a revelação do não-visível liga-se às gargantas do caos, às carcaças do abismo, aos epicentros das predadoras infinitas, aos venenos sónicos, ao movimento rastejante das topografias estranhadas: deslocamento circular-transversal do corpo-poema que assimila a negação do mundo, a feitiçaria do mundo, as forças do mundo, porque vive dos farejadores estéticos do relâmpagos, das criptas do sublime, do exploradores do desconhecido \_\_\_\_ turbinas-meretrizes talhadoras de espaços de destacamentos carnívoros ou de hibernações alfandegárias (rumor nómada que seduz o abandono dos trópicos para emancipar vida na invisibilidade, na debandada resvaladia dos despojos e das bordaduras indeterminadas, clandestinas:

fossilização narcótica): ele recusa e combate qualquer tipo de poder\_\_\_\_ (sondar as ressonâncias dos entrecruzamentos que são uzências desmesuradas na radicalidade do vazio e a epifania dança no arrasamento e no impensado\_\_\_\_ palavra a transmover incisuras): neste enfrentamento o poema se conecta com os gladiadores da vida-em-intersecção com as fístulas do desaparecimento (irrefreada ausência, latências perpétuas: as palavras se fecham e se abrem nas fracções da obscuridade, rodeadas de enervamentos inconclusos): ritmo louco impregnado no corpo composto de interrupções: dança nas gadanhas-cubistas do vazio para arrastar e projectar o corpo-outro-mundo na experiência do devir e do pensamento-traçado pelas matracas iodadas (buscar as vibrações feiticeiras no deserto que é grito alucinante, falha movediça-magnética, marca embriegada a entrelaçar inexistências: oscilação labiríntica do pensamento-aborígene: é este o murmúrio-escrevente que atinge as formas vibratórias-do-retorno-do-descentramento entre o confronto da espontaneidade da cegueira e a reflexividade circulante dos corpos antigos-em-tradução-secreta-em-errância-transversal): cicatrizes incessantes nos alvos dos alvos das sombras construtoras de uranólitos, encruzados pelos estranhamentos emancipadores de circuitos intersticiais-anagramáticos: defluxões das cercanias-em-ruptura expandem-se infinitamente nas multiplicidades do leitor: o pânico vive na rota da palavra e entala o texto-poema nos estremecimentos das permutas-das-improvisações\_\_\_\_ as miscelâneas dos signos são cartografadas pelas distâncias dos relojoeiros que recebem as curvaturas dos rompimentos das catedrais: desagregar os olhares com os desvios inacessíveis e o poema revivifica a indecifrabibilidade e a indiscernibilidade nas suas migrações dissemelhantes: enigmas sedutores auscultam as metamorfoses incicatrizáveis da estranheza: o poema na urgência multiforme das travessias.

O poema dissipa sua obscuridade, a sua interrogação na visão entrelaçada contra os minerais do nada (o nada alcança vida, tudo conflui na teia do nada entre a tentativa da escrita e o seu afastamento que perlonga a vertigem e a dança dos gritos nos ventres da paradoxalidade: os tropedores de falas, os gestos-transfronteiros recolhem-se estranhamente na imanência e ateam as circunferências do corpo-poema, arruinando as úlceras das reminiscências sobre estribos ciclópicos): a luz é projectada nas ondulações do anónimo (não pertencer é o habitat da palavra que se recolhe no manipulável): o corpo-olhar-lahar enfrenta as fricções do ilimitado, o errante em irradiação que é já violência criativa de outro corpo aberto na pedra das agilidades cósmicas: esta rota desvairadamente acelerada pelas carpideiras do mapa-múndi, esta trilha de sombras selváticas-criadoras de sangues-especiarias-sopradas pelas penumbras ANIMÁLIAS: as fendas acenam as suas vizinhanças acústicas, espiraladas: o olhar-dançante-do-texto é a loucura do inacabado a crescer nos insustentáveis carregadores de sugadouros (feiticeiros absorvem as invaginações do mundo e a palavra se descerra em curvatura dentro de uivos-exploratórios): os cardumes nas vertigens do corpo parecem traços cambiantes a seduzirem o isolamento dos escavadores de gestações (vestígios-erráticos redescobrem os desnudamentos indiscerníveis dos textos\_\_\_\_ transição

estilhaçada dos pedúnculos oxigenados pelos insectos-ultravioletas: angulações das FORÇAS afectivas, dos aviltamentos e das insubordinações: a sombra escuta a palavra desfocada e se torna coreógrafa da negação do mundo: incarnar as atmosferas-boomerangues que desarvoram os ressurgimentos das línguas das hospedarias náuticas).

O poeta-fora-de-si-mesmo tenta desocultar as patas traçadoras de mundos intransponíveis com as suas próprias sombras em deslocamento-caracoleiro e tudo é abalado num ritmo de abstrações hiemais, sem tréguas, alimentando os conhecimentos cromáticos com os moradores meridionais do nada, com a inscrição das mucosas do acaso: vede, o animal-poema que acontece nos intervalos-plurímodas, nas trepadeiras sulfúricas dos ecos: arquitectura de todos os jogos de forças imanentes: o animal-poema-natura vive das ligaduras hidrópicas do dizer-desdizendo, do impalpável das incursões, vive desaparecendo para evitar e destruir as nomenclaturas das suas casas-em-des-figuração: cristal orbicular em todas as direcções: estes entrecruzamentos fazem circular a tactilidade do vazio que é despenhadeiro de palíndromos numa dança de interfaces sedutoras onde as expressões atravessam o corpo com todas as víboras das possibilidades, recuperando todas as forças do mundo, todos os jogos a-gramaticais do mundo: vaivém estético que se desdobra nas singularidades de outras forças escultóricas e tatuadoras da visão do que não existe a palavra acústica esgota-se na opacidade devoradora dos instantes e as eclipses sígnicas são os alvos dos silêncios das latências: um vórtice de marinheiras topográficas cinzela e aferrolha as arquitecturas dos artrópodes \_\_\_\_ o poema).

O texto poético caminha nas intensidades das geografias do xadrez das sensações (a palavra descampa, procura o inóspito e as topologias do vazio surgem na língua pigmentada do leitor que se fragmenta no silêncio ou será uma disseminação perpétua de incertezas sob os untadores de relâmpagos?): o texto vaza-se, fracciona-se, dissolve-se, multiplica-se num plano de avalanches maleáveis pelas criptas-lodacentas onde o corpo se transforma em infinitas acidentalidades, em infinitas indeterminações sem repouso: neste LAHAR-poético os objectos e os sujeitos dissolvem-se nas sinergias do AION (a pedra abismal na vastidão da dubiedade e os timbres-navegantes suportam os riscos das escavações-equinociais para urdirem vozes em sobrevivência milenar): geografias vibram no des-aparecimento acrobata: correntezas imemoriais, vigilâncias arrasadas pelas esporas da entropia-esquelética e as golpeaduras concebem os bocejos das estatuárias instantâneas porque vivem do refluxo do infinito, do acontecer rodopiante (retraimento e expansão das intensidades orbiculares): uma onda de desassossego criativo em miscigenação, em contaminação, em contágio-incendiário-florestal (cicatrizes lapidificadas voltam sempre aos escombros, aos turbilhões subterrâneos \_\_\_\_ sombra de si mesma a traduzir o glamour espasmódico dos ecos): por isso, não é possível alcançar a plenitude do redemoinho in-vertebral do texto poético: há que nos misturarmos nos seus respiradouros, na sua espessura inexorável, nos seus gestos em deflagração e construir vastezas multiformes de movimentos despertadores de traqueias-abíssicas, de falésias ecoadas e ecoantes para auscultarmos as esfin-

ges das cataratas do mundo, as não-moradas do mundo que exercitam o pensamento esquiador e perseguidor das alcarsinas criativas. Sensações na visão zigzagueante do invisível, na potência indecifrável das palavras, no silêncio do desbravamento da musicalidade: sim, desdobrarmo-nos no visível que desmonta o invisível e se torna invisível e entregarmo-nos aos sonorizadores do abismo do não saber (estamos sempre nas convexidades do rumor do INACABADO\_\_\_\_\_ sempre).

## XVI

No interior do corpo-theatron-feiticeiro das escrituras, as primeiras energias buscam as cordoagens dos cadafalsos, tentam decifrar os cios dos astrolábios, tracejam com as garupas os cais despovoadores, desfocam os arpões dos mergulhadores-multiformes-circulares da vida, desalinham as rajadas das anatomias incandescentes até às circunvoluções das guilhotinas da perplexidade: é esta a experiência rapinadora da língua-surfar dentro do língua-cavalgar fulminantemente cega-visionária nas escaleiras opiáceas que desagregam os fórceps das carpideiras: louca golfada do corpo recolhendo as sonoridades das palavras assombradas, palavras da confabulação, palavras das curvaturas-das-víboras-cibernéticas, palavras das invocações-transumantes que placentam diagonalmente compositores híbridos, busca-vidas das carvoárias, entrancadores de ferroadas-alquimistas, lavouras definitivamente eclipsadas pelos cinematógrafos ciclópicos\_\_\_\_\_êxodo-de-peixes-sígnicos-orgíacos a incorporarem as danças de aruanã e os triangulares núcleos dos mondadores de minérios prometem pavios aos trapezistas-de-felídeos\_\_\_\_\_agora: os amarradouros sanguíneos implodem nos mediadores de crateras porque hastearam as escamaduras-hibernais das parturientes assopradoras de sargaços-poemáticos\_\_\_\_\_cinema das feromonas-nucleares, perfumistas do sangue, pedreiros lucíferinos\_\_\_\_\_sim\_\_\_\_\_sintam os detonadores de embocaduras das habitações subterrâneas quando demonstram os zigotos antiquíssimos sobre os ciclos terminativos das cortesãs do horror: o horror muda de epiderme-hidromecânica, transforma os vitrais-adagas das falas em angulómetros dos pólipos dos hospícios: as hidrosferas cranianas calcinam os rastros dos textos com outras palavras esculpidas nos transcurtos piramidais: amputar os labirintos dos sentidos com o fracasso da visão-corporal: eis, o leitor a dilacerar-se na entrepausa da cegueira, nas acendalhas dos contrafortes alfabéticos ou serão gladiolos da maternidade dos testamenteiros-zodiacais? (tensão e rebentação a congeminarem-se fantasmagoricamente na radicalidade do insondável-orbicular e os destroços da eremitagem-imunológica lançam as transmudações lancinantes das palavras sobre os miradouros dos mitos que se estrangulam nos revestimentos da circuncisão-lucífuga dos pantanais).

Os poetas-cavalos-surfistas desocultam as ebulições do zeugma da desfiguração do corpo, o tórax obstinado das anamarfoses, as impetuosidades das vertentes selváticas, as ametistas dos epifragmas, os aradouros astríferos que se ensancham a si mesmos e entre sismologias, hidrofones e arenários poliédricos defrontam o sol-aberto-na-pedra, o desvairamento informulável das palavras, o batedouro das galfoeiras, as forjaduras da glaciação, as lúnulas valvuladas, o renascimento da cobra-de-fogo, mis-



turando indiscernivelmente as lucarnas alochromáticas, a pulverescência, a glandulação justa-fluvial, os hibernáculos até aos sotaques dos morcegos dos despenhadeiros (abalos uivantes do vazio geograficamente articulado aos losangos da hiponcondria-dos-poetas: há quem diga \_\_\_\_ CISMAS em direcção às pústulas dos urubus): as turbulências das crisálidas-demoníacas movimentam os apanhadores de refulgências: mais uma vez, as magias transportadas pelas vértebras de secura, os mistérios das fracturas sígnicas, as córneas dos poetas-cavalos-sonâmbulos tentam buscar o inatingível do mundo ao dinamizarem as iluminações dos orfanatos-marítimos para além dos silêncios dos esgrimistas de fronteiras negadoras de hóspedes peninsulares: entrecruzamentos do corpo-em-jogo-permanente a fecundarem-se de indetermináveis regressos das circunferências onomatúrgicas que se dobram sobre si mesmas e se ausentam inesperadamente ao revelarem o encarnado-asmático das travessias (a violência soberana da antecedência reduzida às escalas dos babadouros): entrecortes do esquecimento e dos assombros que arruinam e nutrem a voz das monções: reouber as forças do mundo na plenitude imemorial \_\_\_\_ a recomposição cetácea está aí \_\_\_\_ nas fermentações dos azulejos milenares).

Estar no corpo em deslocamento, na incandescência das profetas-poetas-sonâmbulas-progenitoras-de-anamorfozes-de-emboscadas-incrustadas-nas-estrias-das-ciências é tocar nas secretas gadanhas das corporalidades com a vida perversamente polinizada pelos atléticos fósseis dos escaladores de gigantescos hiatos: vida subversora da própria lança refractária do poema e a mutabilidade do fogo sígnico harmoniza e desorienta as afluências cósmicas-cosmogónicas-imagéticas para ir ao encontro das perturbações oscilantes da imaginação ordenadora de tálamos-das-putas onde a magnanimidade das riscaduras, das faíscas, dos rastos em forma de vigília-grunhido-Lahar-mosaico renova os bocejos-jazzísticos: estes cânticos-dos-trilhadores-de-espelhos-inaugurais desmoronam-se loucamente sobre as mandíbulas-retorcidas dos poemas que tentam construir lances-hipnóticos nas atiradoras-de-caos-consonante: (infinita regeneração poética actualizada continuamente entre o conhecimento dos subsolos reconcentrados pelos guindastes dos lavadouros-lunares, pelas ondas longitudinais-transversais-angulosas-gravitacionais que convocam permanentemente as estacarias carbónicas das pleuras para as vidraças dos ATLAS batedores de pragas amuralhadas e de maconhas-metrológicas: sombras cambiantes fazem da poeta-surfista um singularíssimo LAMBDA-dançante-disruptivo) \_\_\_\_ a dança espontânea da escrita-transpessoal vai para além do alumramento astral, vai para além das clepsidras dos enxugadouros de bordéis: haja ofícios intermitentes a alongar a vida do pensamento-em-fábula-artesiana-em-medusa-sinusoidal \_\_\_\_ meridianos de silêncio circulam repletos de periscópios-do-indizível.

Aerómetro das hifénias e as surfistas-poetas-sonâmbulas criam expressões sorvedoras de luzes miscigenadas, roldanas mineralizadas pelos circuitos-demiurgos (intensidade iminente nos eclipses do corpo, na vibração tacteante das conexões multidimensionais que arrancam encurvas inexplicáveis ao diafragma bruxuleante do

pensamento): esvaziam as superfícies da iniciação dos olhares, ao reviverem fragmentos antropológicos que abocam as forças do esgotamento das arenas entre balouços, vergôntes e esmeris egipcíacos: este ciclo de e-imersões causa sibilância nas glândulas heraclíticas ou serão as portarias das esfinges, os cenários da irresolução dos sazonalismos dos vendavais entre poderosas pigmentações-poemáticas? Ou serão deflagrações a refazerem os seus próprios magnetismos, as suas próprias arhotadas, as suas ondas-de-dispersão-vibração-difracção sobre a sagacidade dos volteadores da despintura do mundo? (gritos-dentro-de-gritos \_\_\_ ou \_\_\_ silêncios a condensarem liquidamente o animal-informulado-em-transgressão ou em putrescência): surfar e cavalgar nas vitrificações, nos instantes originários-moventes onde os escultores-caçadores-migrantes-de-silêncios em conflito consigo próprios se refractam porque defrontaram a exaltação das ruínas inaudíveis, as dragagens da vacuidade, as traqueias farejadoras de cartografias: outros dizem geografias fissuradas que se arremessam contra o vaivém do fogo-da-palavra, contra os chifres híbridos-raros dos textos: assim as colgaduras polinizadoras-de-tropicais escapam à fatalidade metaliforme das vertigens: um milhafre-estéril a derrapar nos confessionários lendários e os escalonamentos dos sensores dos polvos-fisiológicos escorraçam milhares de estames-curandeiros dentro das retaguardas dos algerozes \_\_\_ sintomatologia dos caiadores de poemas.

O abismo contínuo-iminente-suspenso na corrosão dos corpos (coexistências de tatuagens entre as distrações geológicas e as quase-imagens dos delírios atmosféricos que se pulverizam nas translações das intermitências esfíngicas: as forças dos esboços germinam no retorno da palavra-das-alforrias que nos desensina sob os gritos caotizadores das superfícies das epidemias): as multidões-das-poetas-surfistas prosseguem na circulação termosalina e a poesia acontece na potência linfática-metamórfica-devoradora de simulacros, sacraliza-se no insondado-hidrodinâmico, constitui-se nas ressonâncias demiúrgicas, transforma-se num escorpião de ambivalências, liga-se repetidamente ao cavalo-sonâmbulo-poeta-surfista, para gerar correntezas dilapidadas sobre os pontos-aquém dos cadafalsos: há intercadências de ombros arquitectónicos nos projectores rítmicos das geografias cósmicas (absorvência dos velamentos do interior da visão onde a soberania é abalada pelas jangadas movediças, pelos orifícios dos extravios que destroncam os baques das travessias e constroem bacilos-graníticos nas desleituras): provocar rodopios cénicos, biologismos utópicos, tatuagens multissígnicas, entroncamentos imagéticos, sínopes telúricas, alavancas caológicas-meteorológicas, dínamos mitológicos: estas nadadeiras incarnam-se nas fulgurações perceptivas-experimentais e perspectivam-se adentro dos faróis catastróficos (confronto das tonalidades dos ecos e dos movimentos das distâncias-cambiáveis que fragmentam e seduzem as expressões subaquáticas: jogos espélicos no invisível vacilam nas voltagens do leitor emprenhado pelas várias procedências das rosas transatlânticas): rebentações animalizantes, paroxismos da instantaneidade, bruxuleantes musicalidades: as capturas antropofágicas ressuscitam os tóraxes-meridianos da vida latente. Eis, a onda-que-abre-a-onda: a ONDA na ONDA ou o surfista dentro da onda-com-a-on-

da-sendo-já-onda-ondulável (surfando com a densidade do desconhecido, com a distração latejante da cegueira, respirando o desejo das acelerações-ultramarinas-imanentes-acústicas: mergulhadores desamparados nas caçadas das rupturas zoológicas)

## XVII

Os cavalos-poetas-surfistas entregam-se à geologia dos fluxos do invisível, do desassossego poético aliado às projecções esfíngicas, aos atravessamentos carbonizados das escutas-das-naturas que agitam e exploram a matéria das cercaduras da obscuridade, do espaço-tempo já inexistente, da gestação ardente das escrituras-pyroclastic-deslizantes: o poema perfura, traça, sem revelar e nas fendas da experiência do limite a luz é tremendamente diluviana: desorienta testemunhos, desvia espólios, recusa comprovações e abre o seu corpo-hipotético ao ricochete infinito das fantasmagorias onde a vida, a nascença, os recomeços, o transe e a desapareição se miscigenam clandestinamente entre as repercussões desbastadoras das enciclopédias-menstruais: desmantelar as composições concebidas entre os olhares e as vocalizações que se afastam das meninges hemisféricas arrastando os palatos dos escafandristas-trovadorescos (o poema em profusão-gravitacional\_\_\_criando expatriações no vaivém fascinante do leitor que se adversa insanavelmente e se entrecruza nos deslocamentos da negação dos ecos das gangrenas e seu corpo-terráqueo desencadeia trilhas-azougadas noutras rotas movediças: buscar ritmos à reflexividade da sombra transhistórica onde os gestos do poema ressoam assassinados nos alvos dos aguilhoadores-sem-data): o poema acontece no despenhadeiro imagético, na cegueira provocadora de pensamentos vazios, de transmutações esfíngicas e tudo se alça, tudo se desvia, se infinitiza, se ilimita nas forças que se insculpem na turgescência das lacunas e se recuperam nos contornos das metamorfoses equinociais (espiráculos dos magnetismos a tensionarem os batimentos diagonais, os rasgões incriados do olhar): interrupção interminável a ser devorada pela cavalgada-ondeante do cavalo-mundo, do surfista-universo onde o começo indeterminável das palavras centraliza-se na suprema medula da impossibilidade, nos ecos do sorvedouro construtor e impulsionador das radiações mágico-alquímicas que regressam à pulsação da loucura, da fertilização originária, dos rituais secretos das expressões (auscultar os interstícios e escorregar no uivo da memória em devir\_\_\_borboletas-dos-insulamentos marcam as lavaduras geográficas para se enrolarem nas fiandeiras do cérebro da avalanche\_\_\_crisalidação do poema): os recomeços são sempre os centros antropofágicos das olfações do vazio (vazios in-articulados à gestação obscurecida pelo recolhimento do insondável-vertebral, do repouso dos corvos que dilatam o movimento das possibilidades maternais sobre os talos da sanguinidade-alfandegária: procurar a violência da matéria inatingível e abalar os alvéolos-ruminantes, os feixes-vulcaniformes que abrem o corpo entre corpos traçados pelos circuitos de forças soberbamente etruscas/rupestres): caminhos florestais-desérticos dos povos sem mapas: nessa incursão, a cavalgadura do devaneio e o espectro valvular do imperceptível expandem as carnaduras dos ângulos calcinados pelas línguas da orfandade-estelar que acrescentam ao cavalo-sonâmbulo a funda-

ção prismática dos ecos mitológicos: a propagação alucinante, irreflectida: religar a imanência às sibilarias dos médiuns)

Os abalos do acontecimento-surfista atingem a onda-do-astro-e-o-astro-da-onda da imprevisibilidade, da destruição-construção do (ir) real (por isso a perplexidade e a interação do desconhecido atingem os seus fulgores gestálticos/inapreensíveis dentro das alcateias-do-fora: esta interrupção da queda no pavor das alavancas sígnicas: depois, o choque das probabilidades-fluviais entre as fendas-esféricas cria ancoradouros-de-derrames nas melopeias gigantescas: parecem minúsculas cesarianas nas traqueias dos répteis: um ápice antecede os cânticos rarefeitos das enunciadoras de colmeias-canibalistas e invade a magnetização dos azougues dos aventesmas.

(movimento a captar e a prolongar as explosões da mineralogia do poema-cavernoso): ressonâncias dos meridianos dos silêncios, inflorescências entre a imensidade dos feixes-vaginais e as efracturas dos monólitos espelham a extensão da autonomia metamórfica onde o grito absoluto se desabriga sob os apanhadores de palavras que são ruínas infinitas dos inventários): assim, o poeta-cavalo-sonâmbulo e a surfista-GAIA unem-se simultaneamente nos pêndulos da biblioteca de Alexandria, no caos-caotizante da voz que se suspende no pânico de dizer e se arremessa na desordem das migrações para se excluir, se reter entre efracções, abalos e abjunções: eis, a velocidade tacteante da palavra, o mapa-radicular-modal-errante-cortante das imagens que absorvem as vulvas do nada e fazem desaparecer o formigueiro do leitor nas emboscadas submersas do poema: o subsolo marítimo-terrestre do animal-narcótico-criativo que se traduz a si próprio entretempos para se afastar sedutoramente, feiticeiramente das estirpes e recomeçar nas sínopes da natureza espectral.

Prismas cósmicos resvalam sobre as magnólias-visionárias das línguas, arrancando o sangue silabário às talhadeiras de incêndios agrícolas e a laceração dos malhadouros sígnicos contorna-se até ao improvisado da visão absoluta (a palavra cala-se na usina de sensações que alcançam excessivamente os golpes-dos-vulvários do mundo: dizem \_\_\_\_ transformação-das-virilhas-meteóricas): um entrecorte do corpo-poema longitudinalmente cáustico sobre o aceleração da biologia-arqueologia-espeleologia-cartografia....cantilenas reinventoras de vidas-giratórias: lahar-dos-bisontes enfrenta as soldaduras das arborizações, a cavilhação dos viveiros com as cartilagens dos hussardos: o desassossego do poema reproduz os rastros-em-risco-surfista, os violentos-andaimes-crepusculares contornam autonomamente as epifanias milenares e destroem as significabilidades, as interpretações em si mesmos, sobre si mesmos (as accidentalidades fisionômicas, as medulas-trágicas e os trapezistas-in-corporais intercalam as urdiduras das epidemias com os radares das nodosidades dos confessionários): vê, as disseminações boreais a arrostarem os relâmpagos das esfinges sobre os experimentos das estacarias do ecossistema-portuário e o texto-lahar se abre em curvatura, derriba-se na sombra dos cavadores-equatoriais: este movimento contínuo-exploratório-desfocado pulveriza-se concomitantemente nos ecos das úlceras da última cidade onde o sublime infinito ceifa os aros da estranha espontaneidade da alomor-

fia \_\_\_\_ malhadores de incompletudes absorvem e negam o poema nas transições dos eixos do murmúrio de outros agulheiros: é aqui que a longevidade das caiadeiras dos bacilos das ANGRAS escorraçam os hexágonos do bebedouros: que faz o equilibrista nas diástoles dos bois-marinhos? Que faz o poeta nas tabuadas dos ascetas?

O poeta-lahar marcha com as tocadoras da dissemelhança, marcha dentro das forças eléctricas da vida desvendando o magnetismo do nada, fecundando a prisma-tização da intemporalidade através do corpo resistente ininterpretável que retorna para si permanentemente: o poeta esgota-se pendularmente na ignição dos epitáfios (antinomias, avanços glandulíferos, inacabamentos, intensas transitoriedades): uma tensão de chocalhos-cruelíssimos a esboçar ritmicidades nos mercúrios da ocultação arrancada às efervescências heteromorfas da terra \_\_\_\_ jogos ecológicos/nodulares dentro do mutismo da palavra que vive de caçadas, de acossamentos e de transferências: a coreografia da negação entrecruzada pelos artefactos-da-glaciação que é silêncio a infiltrar-se na latência antes da falha, antes das lacunas das vedações: sim \_\_\_\_ esta estética multiforme da incerteza, esta estética reincorporadora de todas as vozes do mundo no mundo (marchas lupinas, maquiagens rupestres, interpenetração de pigmentos, sinapses da ética, disparos multivariantes, dorsais oscilatórios, transacções neuronais, vigílias soporíficas, estafeteiros-autocéfalos: ilaquear e deslaçar, interacção de fisionomias, experiência da navegabilidade, viver nos surgidouros, entrosamento de sonâncias, contraditar e aceder, conhecimento e deformação, dissemelhança e saber, reconhecer e testemunhar, perspectiva e regeneratividade, redes e seixos lascados, aclimação locomotora \_\_\_\_ tudo será cauterizado pelas amputações sussurrantes das colossais escápulas-frugívoras: sim \_\_\_\_ estes ressaltos dos galgos-piromaníacos buscam a catástrofe desconhecida, os resíduos geograficamente indeterminados, a soberania dos destroços, o magnetismo da esfinge de uma fala, as tingiduras das bactérias até ao deserto vivente que se repetirá na dúvida da astrologia, dizendo claridade entre corta-fogos: aqueles que aceditam nos funiculares sem resposta sentirão o acoplamento dos eléctodos nos sarcófagos numéricos que tentam moldar úlceras fosforescentes entre os núcleos moventes dos salteadores dos jugos estrangeiros? \_\_\_\_ um poeta começa vender as batidas dos pássaros \_\_\_\_ há quem diga: pássaras!

O poeta-surfista-sonâmbulo germina no limite-dos-limites-caleidoscópicos para transformar os antídotos da existência em bactérias da não distância que garimpa os hinos das heranças entre as fusões dos desertos-náuticos e as forças inimitáveis dos exílios: o poeta é já a distração da sombra, os enxugadores de superfícies que miscigenam as acetosidades do interior com os planeadores do exterior (inscrições desejanter e fantasmagóricas invadem diferentemente a ondulação dos próprios poetas-cavalos-piroclastic, construindo furores sinérgicos em si próprios, fora de si próprios e tudo se distorce e se dissipa minuciosamente: o re-começo da fertilidade indestrutível insiste na vaticinação dos calabouços: são as estações das obscuridades a extravasarem-se na escrita dos podadores de sonolências \_\_\_\_ a sombra imprevisível, espiralada refaz



as vacilações da vida e o desastre se torna um vórtice-de-bandarilhas-costeiras: circunferências dos cartógrafos das linguagens, geradas pelos sobressaltos bifurcadores que se revelam e desaparecem no interior da luminosidade espalhada pelos golpes sulfurosos dos bichos \_\_\_\_ um mantra prolifera arterialmente fraccionado sob os equilibristas-dos-pousios com nomes de trovadores \_\_\_\_ os cursores acidificados das vindimadoras purpurearam profusamente os coalhamentos nos lombares da última leitora de arabescos \_\_\_\_ alguém disse que as ânforas são favos com batidas comburantes \_\_\_\_ seguidamente o poema se pulverizou nas celas carbonizadas dos segundos.

O poema fecunda o informulável do universo com as explosões rítmicas, ancestrais-actuais, plurissígnicas \_\_\_\_ este mapa cósmico tenta revelar a transposição imaginária, a revolução do não-estar-estar, o desejo-transe da transformação, os corações silenciadores da luminária da integridade primordial ou serão espelhos sacralizadores das línguas a interrogarem as imagens infinitas da energia-petrológica-animalizante? Ou serão os movimentos mágicos dos aedos, rapsodos a reflectirem os assassinos da escrita nas vastidões do livro cósmico-inesgotável? Ou serão os interstícios do inumano entre o desaparecimento-criativo e o esvaziamento das reentrâncias mitológicas? (inquietação de Tirésias). Simultaneamente as sanhas das escritas e os rastros colectivos bloqueiam as vozes fora do corpo-náutico e tudo fica muito próximo da palavra, tudo é desnudado, contaminado pela fala estranha que se dissipa no silêncio e se revolve até à deserção, à asfixia dos seus ecos adivinhatórios (o poema em vida ou texto vivente-armadilhado pelas línguas demarcadoras de válvulas-abismadas): geografia dos fluxos do invisível, do desassossego poético aliado aos hinos interrogadores da natureza (intercadência e incerteza se misturam na desorientação do olhar onde o deserto da palavra é a alucinação, a ressonância: este espalhamento faz-se pela permutação, pelo reprincípio revitalizado entre línguas fora de qualquer poder \_\_\_\_ voltagens-protéicas-do-conhecimento, captadoras de espíritos oraculares-inesgotáveis): poema-surfista-sonâmbulo-homérica que agita e explora a matéria da luz-teatral-a-histórica, da sombra-gestual, do espaço-trágico-errante, do tempo-cenograficamente inexistente, da gestação das fracturas incandescentes: a onda-cavalgada perfura, abre o seu corpo-vertiginoso para ser devorada pelas hemorragias dançantes-musicais-transgressivas dos mundos que transportam em si os recomeços indetermináveis das palavras (des-centralização suprema da impossibilidade da expressão que vive para se dissipar nos umbrais, para sobrevir visceralmente no descaminho, nos arrampadouros das falcoeiras anónimas: choque de vozes, contrapontos de vozes, escuta de vozes: verdades que rupturam signos com outros signos, gerando induções e erros livres sob o horror da perda do fantasma do nada).

## XVIII

Se a dança das palavras é imprevisivelmente masturbatória, se a dança das palavras esboça sangramentos ondulantes nos espelhos das cismas dos homicidas: aquelas palavras dos ofícios das luminárias-medievais, das topologias da crueldade-setentrional, das subducções das necroses-ferroviárias, das permutas em decom-

posio-em-desertificao, dos meridianos assimétricos das blasfmias\_\_\_\_as palavras-guas e as suas valvas/falanges encarniadas, atomizadas transgridem todos os limites-acidulados na sua anárquica sacralidade, na sua arcadura-gravitacional e simultaneamente a poesia regressa às síncopes dos calabouços, às urticárias heráldicas, às lascivas-fosforosas num andamento zoomrfico que se interrompe nas encruzilhadas do não vivido, dos esguichos das gárgulas, nas contusões da luz-aztica entre a suspensão das quebraturas metaliformes e as foices das sombras refractárias: o instante incandescente-ultramarino acontece também na sua interrogao absoluta, na sua tragédia vivssima, no seu extravio intraduzível, na tresloucada irrupo das cataratas-sensrias(variao sulfúrica destaca-se nas coreografias dos tutanos hieroglíficos-globulares onde o poema se encurva, recurva cavalgando descarnado na repercussão dos arquipélagos dos capinadores-turbilhonares e a palavra-conífera-oceanolgica congela-se sob as jazidas-de-gigantescas-hienas para engendrar movimentos labirínticos dentro-de-nós-mesmos: o olhar-bivalve sonoramente fracturado incuba-se nos primórdios das línguas-dos-lacraus): a palavra não repousa, ela  em si o baque da instabilidade, o estremecimento corporal, a extensão das travessias tentando se religar  velocidade do pensamento-em-colapso, vivificando as vocalizaes inabolveis, as colmeias-vaginais-electrizadas(palavra vibrátil e inflamada pelos corrimentos da dissemelhança, das energias imunizadoras-AUTOTRÓFICAS que dilaceram as redobras com outras redobras a-centradas/penetradas até  autonomia dos atoleiros-dos-escorpies): o refgio das nidificaes  feito de absorvimentos das línguas-da-geografa-dos-avessos que perdem as rotas ao criarem rotas para exporem o exorcismo do no dito): este contágio im-possível projecta expresses miscigenadas, derivadas dos estendedouros magalticos (deambulante dramatologia do estar-no-influxo-do-mundo): louca heterogeneidade a fundir-se nos serpentários das metrópoles, nas direces ocultas do cosmos-corporal que escorrega noutros corpos-visionários de penumbras cambiantes (estes fetichismos desterritorializam as substâncias que vivem CONTAMINADAS nos homens por meio da fala congeminativa, putrefacta que granjeia momentaneamente outras falas da hipomnsia: nem antes, nem depois do jorro-de-GODOT-que-espera-agora-o-nada-entre-vidas-flutuadoras-inesperadas): no cobalto da incerteza, na extraco das tentativas e nos minotauros incestuosos a escritura sobrevive para escutar os vazios-ferroviários-anatmicos, abalar as embolias dos paradoxos, reacender os estilhaços subterrâneos(sim\_\_\_\_os rifts-expiatórios: os gestos da palavra armadilha-se no abismo-dos-óvulos-onomsticos, nos sorvedouros da mucosidade e se volvem na busca dos trapézios do esvaziamento: estes lapsos-ventriculares orbitam enclausurados nos cânticos-em-decúbito-ventral e as espáduas fasciculadas reinventam as cordoalhas dos escaladores tacteados pelas profuses náuticas-eólicas: sim\_\_\_\_so estendedouros palindrômicos emaranhados nas barbatanas dos ante-cadáveres porque retorcem as metabolizaes das babugens geométricas até aos bebedores de lardos ascensionais (avançar no sulco feiticeiro e sentir a experiência dos murmúrios vesiculares-incessveis: vivenciar tentacularmente os predadores do

desconhecido, a prestidigitação ondulástica, o desacerto dos epicentros, a contradição dos mergulhadores cinemáticos)\_\_\_\_(dizem: ferrolhos astronômicos): estar na barganha da falha fisionômica, submergir no incidente teátrico-irreproduzível onde as antinomias da palavra se recolhem nos extravios-criptogâmicos do mundo para se prolongarem, se desenrolarem na fascinação-luciferina do exílio-pulmonar: a antevisão pertence à perseverança do estrangeiro, da carnagem do impensado que se trasborda minerologicamente para circunscrever os lugares-das-escavadeiras-aluviônicas com os uivos-milenares: este som-lupino surgirá continuamente para apossar-se da não presença de uma voz-escarpada-lancinante, assimilando as confluências da visagidade-craniana, as espirais augurantes do corpo, a desapareição da realidade feita de verdades-intrusivas, interrompidas pela criação muda-oscilatória: vultos animais-cos-em-riste\_\_\_\_a mandibulação da poesia só subsiste no tigre-elíptico defronte da infância da voz ainda estacada pelo enxofre rudimentar do deserto)

Os poetas-surfistas-cavalos-sonâmbulos estão na imersão insondável-caótica dos signos-limnologistas, na assombração-volteadora-encantatória, possuindo espasmodicamente a confabulação das moradas-babélicas adentro da incomensurabilidade boxeadora de acumulações astrológicas: esta sublimidade dos sentidos das biozonas é rastreada pelas campânulas dos hipocentros faunígenos: aqui as contracurvas minguentes da insanidade sentem o encaço da espiritualização da violência-prodigiosa que retorna diversamente sempre a si mesma, assinalando a ressonância do transe ou da a-cronologia escavada pelas dobras vastíssimas da alucinação: (estas dobras sardônicas inventam equilibristas intersectados transversalmente sobre os estrangeiros das multidões-cilindradoras que gravitam nas transferências das sudaçõesumbilicais\_\_\_\_inoculações giratórias mergulhadas pelos traços sonoros das metrópoles ricoheteadas entre as sinas tatuadoras de fronteiras em deslocamento\_\_\_\_artérias acerradas nos atalhos das ladainhas dos hospícios (reconhecer os espiadores das vozes sem sonâncias, sem residências, vozes que procuram veridicidades no pavor do deserto, e tudo se encaminhará para a virulência da inapreensibilidade): tudo se transfigurará no deslizamento polimorfo\_\_\_\_continuam a expor que o poema andarilha no incidente fantasmático, na infância perpétua do universo (é este o sabre viciador das incrustações ou das fundições circulares que decentralizam energias das alimárias para experimentarem a crueldade dos arremessos do corpo onde as mudanças dos carvoeiros jorram inacabadas sobre as escamas patológicas, espelhando as ablaqueações dos espaços mais interiores\_\_\_\_cegueiras acústicas dentro das mungiduras dos bestiários): ressonâncias imperceptíveis a dobrarem-se na iniciação dos olhares trilhadores de gestações obscuras, construídas pelas sensações fragmentadas entre as aortas dos acasos e a presença multiforme da invenção-plumbagina: para estes poetas-cetáceos a absoluta liberdade-insectívora também se impulsiona na fulguração dos silêncios anfíbios e se acolhe nos cânticos órficos terrestres, nos cânticos cartográficos que alçam composições-nômadas nos escombros do incriado: além disso, os poetas-ondeantes-cavalgadores avançam na fusão-espeleológica, na participação turbulenta-nutritiva

da interioridade-externalidade-(superfície)-rizomática, na matéria sagrada-orgânica-erótica da natureza: recriar, metamorfosear a im-possibilidade enfeitada, a indefinição em galope, a autonomia regeneradora, ressuscitadora do mundo estético-ético (o mundo-alpinista que se nutre e se desnute a si próprio restaurando as artérias das pedras moventes, a concisão de um rosto incandescente como se ponteasse a sufocação do tempo-a-cronológico com a decomposição das ameaças do real-do-irreal\_\_\_\_\_ os movimentos devoradores da encorpadura afectiva levam-nos para os casulos-balbuciantes dos carrascos: a insânia desmancha os forjadores de cercaduras pneumáticas: o poema demonstra-se na cortisona de um comboio-parado e as chibatas circunscrevem as alcovas dos leitores cinzelados pelas guilhotinas oraculares).

Continua antropofagia, resgate das medulas selváticas que esculpem o poeta sem delimitações (esboços abobadados escapam-se da penumbra demiúrgica, e desdobram-se nas cegueiras ambulantes que se fundeiam na visibilidade da possível escrita: o texto-poético acontece antes de navegar na coruscação do mundo: ele é a antecâmara do insondável, a tapeçaria do inenarrável, é a eferescência da possível visão que se deflagra continuamente nas hipofaringes onde as espessuras das vozes acontecem como bateduras metabolizantes das psicopatias (difonias/consonâncias em conexão sinérgica criando ímpetos espasmódicos, extrapolações-reflexivas e entrecortadas pelo xadrez das clarabóias opulentas dos predadores): estonteante transmutação do firmamento das acrobacias astrofísicas, da invenção terrestre-náutica entre o conhecimento, o desconhecido, a materialidade e a espiritualidade do mundo ou será a oscilação das circunferências das arrancaduras das línguas interrompidas pela escassez dos eclipses? Ou será as esferas que se esboçam irreversivelmente nos azulejos dos palíndromos (alucinação do vaivém do grito que é falha-acústica do informe antropológico-em-devir\_\_\_ sanguessuga de orografias\_\_\_ agulharias nas varizes-dos-opiáceos): eis, a autonomia pura do relâmpago-da-palavra-vivida-e-ausente\_\_\_ fisionomias e electrochoques das peugadas na polivalência da desfiguração): a resplendência dos instantes-rotatórios repercute-se na extrapolação-antiviral da desescrita.

As tensões do texto-lahar manifestam violentamente os seus recomeços na ablepsia, no desassossego das luzes-biónicas das metalúrgicas projectadas na metamorfose polimórfica-vazante, regenerando os ecrãs da reciprocidade do animal-que-antecede-o-poema com o movimento da imersão fulgurante ou será a génese da recomposição do abismo a centralizar-se na profundidade da face-do-sopro? Ou será a exteriorização da descoberta absoluta do mundo-com-batentes-epógeos/epígeos? As vagens do olhar disseminam-se nas tenebrosidades anunciantes de descentramentos onomatopaicos e capturam os sentidos órficos entre as fronteiras da secura dinamicamente autónoma.

## XIX

Os lapsos dos haustos da arquitectura-do-poema movem-se entre as espirais devastadoras e as lactescências das Tarentolas Mauritanicas\_\_\_ sempre foram as transformadoras da alacridade das expressões\_\_\_ e o mutismo primitivo da peregrinação caulinar remigra-se nas fuselagens anónimas-em-dispersão onde as ociosidades acon-

tecem sob as sarças dos talhadores desorbitados: assim, a poesia celebra os começos ininterpretados, as configurações ilimitadas da palavra no corpo multidireccional, no corpo da aventura putrefacta/briologista que nos faz participar no espaço intrínseco das fiandeias-de-signos-hiemais, nas germinações soberanas das calhandras, nos estilhaços rítmicos da rapinagem, nas cruciantes rupturas que proliferam loucamente as matrizes zumbidoras das resinas-das-copulações (focalizar as cadências das especiais do desastre-em-enunciação e o escaravelho-leitor é já o acunpuncturista dos diafragmas sensórios sobre as embolias da circunnavegação: poema-em-vida-inapreensível que jamais alcançará ÍTACA: fragmentação atomística dos percursos e as vozes se interrompem nas linhas dos aradouros, nas radiações paranomásticas): entrelaçamentos insustentáveis \_\_\_\_ corpo na salinidade das parteiras, existência desvairada, desapareição vasculhadora, vivacidades arrastadas, multidão vociferante, memória exilada/dançada entre os epigonismos nefelibatas e os algozes arvícolas: nucleação desértica do intraduzível: corpo abandonado pelos acrobatas do pensamento invadido por abissínios: corpo a jogar nos acasos da glaciação: corpo que não cessa para inventar abalos-anguiliformes nos seus próprios prenúncios: esta sibilação antropofágica tritura-se nas hospedarias-piramidais do silêncio \_\_\_\_ o poema fundente de espôndilos ininteligíveis atingirá as dormideiras intercalares entre os equídeos em fuga):

É nesta experiência dos chamamentos das crisalidações-náuticas que a surfista-cavalo-sonâmbulo reencontra a matéria vertiginosa da circunavegação ovárica: ourivesaria institual no olhar da palavra permanentemente insubmisso \_\_\_\_ palavra de maxilas-graníticas-líquidas-meteoricas que se abre ao traçado-diafónico da dramatização, da transgressão das rotas-dos-socalcos-uivantes, potencializando o ondeamento da inexistência que se faz presença enquanto desejo-mergulhador e oscilação-dançante do e no corpo-selvático-inesperado-de-crateras-em-suspensão: cavalgadas de irradiações estranhas, de recomeços inenarráveis (profilácticas oxitocinas das amoladoras de vagidos): emancipação dos delírios nas correspondências placentário-inimitáveis das iguanas-suicidárias para projectar os jogos de cabala, as alucinações hidrográficas, inexploráveis do humano-animalizante \_\_\_\_ o poema nos arenários-coriáceos guardadores das resiliências das alvenarias

A visão arpoada do poeta emancipa-se nas transfusões do silêncio das segadeiras, liberta-se nas rasuras epifânicas do holomovimento, nas zonas da agnição caótica, porque é selvático, não aceita interpretações ou qualquer tipo de determinações sociais, políticas, religiosas: é devido a esta efervescência-surfista-cavalgadora que seus ectoplasmas, suas-expressividades são transversais e convulsivos ao elevarem a anterioridade das cáveas, ao aprofundarem a polimerização, ao atravessarem e disseminarem simultaneamente a regeneração/efractura prístina do mundo, sacralizando-as num mosaico-corpo não-efémero, formador de alucinantes rizomas, de disseminações vulcânicas, de êxtases prematuramente-cantantes: este corpo-caminhador de ramificações sibílicas-narcóticas comunica o não-dito, transmite hibridizações na tentativa de desvendar a esfinge que bate na palavra e metamorfoseia os ecos do mun-



do no sublime infinito da criação, construindo a imperfeição contínua do poeta, negando-o, ao projectá-lo e ao recolhê-lo nas energias resplandecentes das fossilizações, das visões utópicas, das transumâncias astrais, entre-construídas na devaneação do grito que é epicentro das erotizações, das alteridades pré-babélicas, das respirações das ruínas, dos relâmpagos das esfinges e das fundições dos ritmos da violência dos lances do indizível: será este o renascimento dos utensílios da autonomia, das extracções dos enigmas do devir que se reconstrói selvaticamente com o bumerangue das interrogações-e-dos-desastres, ao ressuscitar a impenetrável incompletude dos territórios do desejo-sussurro-em-disseminação entre a faiscação indomável da palavra e a recuperação do idioma nativo? Será esta andadura centrípeta do chicote geotérmico rasteador do sangue enforcado dos devoradores de vestígios? \_\_\_\_o poema-larval transcorre nos batedouros matriciais até aos brevíários das mitografias.

## XX

Quando há poema, o poeta está nos travos dos basaltos cataclísmicos, está na elisão das expressões que são o fora dos tingidores transfronteiriços, os rumores das perambulações a-cronológicas, os murmúrios das vizinhanças dos monocerontes: está no grito desabitado da infinidade, nas inscrições do nada, porque vive nos interstícios estridentes dos ÓBOLOS estrangeiros, na sacralização do insondado, nas ressonâncias demiúrgicas, nos cursores das multiplicidades afóticas e ao mesmo tempo e perante o desconhecido presentifica as alavancas caológicas-meteorológicas, o dínamo lapidarmente mitológico, as fulgurações perceptivas-pré-semiológicas ou serão forças incubadoras-propulsoras de sensações em desmoronamento-revitalizante? \_\_\_\_as anemias dos mostozoários espacializam-se na sofucação das safras poligonais: aquele poema \_\_\_\_ dizem \_\_\_\_acontece na estacaria dos charcos-em-secreção onde os répteis-leitores absorvem a xistosidade em decúbito-ventral \_\_\_\_aquele-poema nos puzzles da psicopatia

Quando há poema as visões modais, as lavadeiras da sublimidade, os balanceamentos das latências, as comutações dos gritos da fissura fantasmagórica, do teatro do mundo surgem no clarão da singularidade devoradora do leitor-surfista: embarcações tresmalhadas a rebolarem na ubiquidade das parturientes-rapinas: as luzências da sedimentologia virulenta, as insularidades em deambulação, as sombras genitais das palavras atingem o extremo-do-extremo, o paradigma da intemporalidade, a estremeção do segredo insubstituível: o poema explode no estranhamento das raianas anárquicas: foices das menstruações entre a surfista-cavalgadora e os biomas do ir-real construindo um iceberg de parábolas, de fulgurações biológicas-astrais que re-inauguram a variabilidade da co-existência, a exaltação da perplexidade: este iatismo da infinitude desapossada de convicções conflagra-se sobre os arpões nos limites dos hieróglifos (a onda que quebra e desliza no thaumadzein e a expectativa é já o deslocamento em potência-surfista-sonâmbula-multidimensional): expor a restituição do espaço íntimo do abismo na presença movida pela im-possibilidade da ausência (hipófise nomádica e oceanográfica a relançar frémios das esferas ocas: eis, o leitor no lanho devastador das expressões-venezianas): o leitor desmonta-se na ressurgência

indeterminável das escamas anacreônticas: torceduras dos vértices que desovam nos radares da orogenia.

A poesia monádica projecta a sua emancipação no silêncio do inacabamento biológico, na excepcionalidade magnética que encadeia a presença viva do desejo, dos fragmentos accionadores da ofuscação, da instabilidade dos fluxos recursivos e a grandeza vectorial de rasgos originários escoam-se nos devaneios das novas existências (conexismos, multivariantes, entrelaçamentos: obliquidades pendulares): este nada-de-alfaias-florestais impulsiona o dizer-não-dizendo na combustão alquímica, nos pórticos dos assombros para transferir a perscrutação do mistério, as figurações inesperadas na obscuridade que abstractiza os movimentos corporais do universo entre chques-sépticos (a anterioridade da palavra em potência mitocondrial): estas permutas entre a materialidade rizomática, os poemas-constelações, os caligramas, os cibridismos, as forjas da fabulação e os tópicos imagéticos, regeneram o êxtase da intemporalidade, o desassossego expiatório, a metamorfose simultânea do espaço-dança-pensamento (flexibilidade dos murmúrios, os RIFTS da escrevedura misturadora de obstinações e de tentativas descomunais da visão que magnetiza as subideiras fosfóricas\_\_\_\_ as medusas sígnicas jogam interligadas à experimentação do devaneio-fusifforme: absorvimento e captação do silêncio musical a deslocarem a insubordinação da palavra para os mundos sulcados das angulações das cruvianas).

A poesia-surfista-náutica-em-contraste-em-trama proporciona a transformação crepuscular Saturnina, os espelhos radiculares da vida psicotrópica, as enxertias do indizível, a respiração dinamitada do desejo da não-interpretação\_\_\_\_lavadouros-linguageiros multidireccionais\_\_\_\_interfaces da insulina das vitralizações: (confluências autónomas dentro dos restolhos das próprias expressões): aqui, o poema busca o som dinâmico do silêncio dentro da inflamabilidade e as palavras originárias do devir-acontecimento são pecíolos arqueozoológicos\_\_\_\_esta re-inscrição do centro do nada, dos archeiros primordiais-em-desaparecimento onde os abalos das vesânias negam-afirmam e se trespassam com as olarias da sibilação (vigor do saimento heterogéneo, policromado de todos os vspeiros plasmáticos\_\_\_\_o poema burilador de fagocitoses\_\_\_\_a surfita-poeta é uma urdidura climatérica e os neonatologistas das praias-marsupiais que se cuidem porque os ossários solsticiais criam bulimias solares).

A impossibilidade de retornar ao diálogo-bulboso com as vozes expansivas do mundo-baptismal é consequência das instabilidades anagramáticas e das translações do galvanismo escritural: naufrágio dos esboços da fonologia-dos-vespões onde o deserto e o vazio se insculpem em forma de vorticidade): entreteceduras de expressões viciadas na coreografia da negação ou serão arremessos do olhar-fabulário sobre as pausas-os-lapsos-as-distâncias das monádicas engenharias (indiscernibilidade, epifanias, indeterminação, gestos transformados em desvios: o poema archotado): as travessias absorvem as imagens infinitas dos estrumes bulbiformes, libertando os balseiros do pensamento-mundo ao tentarem desvendar as devastações dos enigmas das embolizações-de-basalto com o circulon das centopeias, com oestilhaçamento do

grito indistinto que espera infundavelmente pelas respostas dos patafísicos (escavação das auscultações: eixos da visão caológica): todas estas substâncias verbais-não-verbais-não-mensuráveis sedimentam-se no sublime das encruzilhadas do in-visível, ultrapassando todas as significações e descobrindo topologias que se dispersam através das intensidades plurímodas-candelábricas onde a palavra inesperada se oculta e se revigora nas sinergias das manchas-saibreiras (escavações inventoras de vozes desenrolam-se nos devaneios numa cadência enérgica, projectando extensões afectivas e experiências-em-apavoramento fundeadas nos fenómenos ambívios \_\_\_\_ o poema nas contorções pontilhistas dos larvários)

A imersão dos escapulários, a gestação geradora de forças dinâmicas do corpo cravado nas vinhagens, o informulável no trifólio das encarnações, a defrontação da e na obscuridade anelídea, a desorientação notambúlica, a transgressão hiperbárica, as fusões imaginativas dentro dos cargueiros-panegíricos: sim \_\_\_\_ estas são esculturas in-orgânicas desenroladas pelos aventais das invocações \_\_\_\_ enfim \_\_\_\_ bordadeiras dos osciladores de sensações-lahars na andadura mesooceânica, na alteridade do poema-entre-poemas-opalescentes (cólera das articulações sígnicas-nómadas acolhidas pelo oblívio massajado entre eflúvios e garafunhas das metamorfoses do carvão-poético que se difunde na urgência do apagamento e vítrea farmacopeia: tactear, circunscrever o devir no limite da desleitura sem acesso e tudo se estanca na sede dos boiadeiros-cósmicos \_\_\_\_ há quem diga: hibridizações dionisiacas ou apenas: êxodos incorpóreos)

O poeta sente o arrancamento concêntrico, centrífugo-centrípeto, germinativo ao transpor a alteridade da matéria ou o trama da heterogeneidade para transgredir todos os limites com o impulsionamento extremo, radical da espontaneidade, não aceitando qualquer tipo de teorias-explicações, porque os seus habitats escutam o reverso das ressonâncias e são feitos de perplexidades cuneiformes, de violências ígneas, de imanências pélvicas onde a afectividade da palavra nos transporta para a encantatória veemência da percepção do invisível, das energias fecundadoras da louca circularidade/interioridade/exterioridade do mundo \_\_\_\_ serão espermatecas-rizomáticas a gorgolejarem narcotizadas? Contudo a palavra está em movimento contínuo e refaz o mundo e só lhe resta desaparecer entre de traços dos gânglios sedutores).

O poeta-surfista-cavalo-sonâmbulo retorna sempre ao exalçamento do mundo-portuário para subterfugir nas ondas-poligonais-dançantes e proporcionar potências vibratórias coreografadas pela transmutação vitrificada do rodopiar das vozes e das zootomias: assim, emancipará o desvanecimento do seu corpo que é poema-quase sobre as tensões das superfícies multiformes-distorcidas, buscando a celularidade do inacessível, o saber do não saber dentro da instabilidade caligramática, pictográfica, pré-sígnica: resgatar os espectros incicatrizáveis \_\_\_\_ desfazer, transudar, interromper \_\_\_\_: são tonalidades dos desdobramentos da tactilidade do grito, dos loucos fôlegos dos biomas que arranham a ressonância das escoriações do texto (extravasar, transcriar \_\_\_\_ corpo a transmutar-se noutras argúcias desejanter, corpo expressivo

a residir nas matreações das trilhas): retornar às miscigenações dos excertos do mundo: louca usina da vontade da voz-de-muitas-vozes-entre-turbinas-ovíparas (dança simultânea do tempo, do espaço, da materialidade, da espiritualidade, da multiplicidade, do abandono: dança da aventura intemporal: dança do inexplicável-dança-em-voz\_\_\_\_ou\_\_\_\_murmúrio-corporal-pictórico-em-movimento): reavivamento dos abalos da experiência labiríntica, dos espelhos de infinitas reminiscências expansivas: zonas de afluências demiúrgicas-onomatopaicas: voadores de áscuas sucessivas (olhares-espelhos-criadores de eclipses-elipses que arruinam atmosferas clarificadoras para regressarem ao inacessível, ao distante, à interrupção hierática: este afastamento alça-se para se transferir na destruição de forças unificadoras de palavras-em-curto-circuito): o poeta mergulha na língua da erosão cantante que monta e desmonta leituras, desleituras, releituras com as cartografias dos rastos-em-vigília, com as disposições instantâneas dos matadores apofânticos (tensão simultaneamente transitória, entrecruzada, imanente e eminente\_\_\_\_será esta a aritmética dos bebedores de anzóis poéticos?).

Ele transforma a vida nas sonoridades do subsolo da metamorfose caótica, nos centros iluminadores da palavra absoluta, na violenta intemporalidade da nidação porque não atinge a plenitude dos destroços (mutação do olhar-corpo ou ante-corpo-em-tensão-em-queda-osciladora-diluindo-prismas-e-ângulos\_\_\_\_rompendo, friccionando conhecimentos e realçando a plasticidade da interrogação: onda-surfista sonambulamente caleidoscópica a traçar outras ondas hermafroditas e destruindo escrituras, recriando espacialidades com as voltas dos lances: lançar luzes e persegui-las dentro da palavra obscurecida onde o rumor se transforma em rumor e se desfaz entre rumores\_\_\_\_metamorfose da espera de algo muito próximo\_\_\_\_armistícios autotróficos).

## XXI

A errância-onduladora é a paixão-mónada-arrebatante do que não existe\_\_\_\_linhas ciclópicas engatilhadas pelos transístores musgientos e as finisterras-do-poema serão sempre laceradas entre contrácteis neurologias e polissemias irruptivas onde as máscaras subcutâneas se estacam sob minúsculas locomotivas hipostáticas: (eco-impacto que atravessa, infiltra a des-continuidade da palavra na ininterrupta coifa das latências: por vezes os miradouros dos leitores burilam incisivamente as pulverizações hidrológicas onde récitas sardentas equacionam sibilinamente o eremitério amniótico\_\_\_\_mas há ainda quem lhe chame: curandeiros latejantes nos lavadouros asfálticos: contudo a babugem do areópago/crítico é insistentemente evacuada sobre as rosáceas da septicemia: os percevejos-escorbúticos debulham as latências do poema e ecoam fulgentemente): a cegueira vivificadora é laminada pelos coágulos da pluviosidade; as confluências e as disjunções dentro dos multinúcleos-serpentários arrancam as roldanas das erecções aos decifradores de cascos: o olhar em peregrinação fantasmática a hospedar-se insistentemente nas lanternas do insulamento que absorve as improvisações do espanto das fúrculas (aqui a geologia do pasmo desassombra a sombra nos arcos-rodoviários de outras ritmicidades misantrópicas): alguém reper-

cute em risco:\_\_\_\_ estas obliquidades-autotróficas são correntezas de estranhamentos das forças do mundo, de desvios cromáticos-granulosos, de fissuras viventes e fugidias, de acoplamentos incontroláveis que transformam o corpo do texto-lahar-metacorporificante num golpe de vários fragmentos estéticos-sinestésicos\_\_\_\_ serão estes os unguentos das misturas dos povos-váticos que acumulam as contusões-leva-diças nos crepitáculos das lacraias ? Continuam a ver os dançarinos-das-urdideiras-ováricas-rés às cromotografias dos cetáceos\_\_\_\_ estas protuberâncias transformam as paralisias do texto num desertor poliarticular que tatua as rédeas periféricas das nadadeiras-leitoras: candeias denteadas a rastream os dínamos dos pântanos: (encruzilhada em demudança persistente): o poeta-uranográfico-pigmentado se inscreve singularmente no clarão invisível das gigantecas estrias , recupera o seu corpo ao permutar-se com as forças exiladas do mundo das hipálages: reconstrói incessantemente a desorientação do seu corpo, o eco do seu corpo no batente das cisões dos dragoeiros e inversamente reinventa o seu corpo feito de avalanches, de araduras, de influxos axadrezados, de vestígios-orquidários, procurando as opacidades encantatórias do desabamento-ciclópico que nutre a andança da babel criativa\_\_\_\_ transplante de linhas contrastantes que se desligam , se desdobram nos deslizem-micaxistos, na taticidade das falas-uterinas onde acontece o formigamento da dissolução e os atravessamentos de outras garatuja-acústicas ( tudo oscila nas antecâmeras do olhar-corpo, suscitador de correntezas guturais, de reaparecimentos barrocos, de tentativas da suicidologia, de conjugações de refulgências, de dispersões irresgatáveis, de expressões incertas-obscuras: quem acredita no silêncio da nitescência que recupera a voz nas transfronteiras mutiladas onde os ecos resplandecem ao andarilharem dentro de fenômenos contraditórios?: possivelmente acreditará nessas azagaias-sensoriais as mulheres das micologias safenadas pelas dilacerações, pelos rasgamentos irrefreáveis, irrefreáveis porque tudo nelas são enxertias que se estampam nas topologias-anatómicas do poema-mundo-da-ANOMIA: o olhar secreto dessas mulheres pede o desbastamento com amenorreias contínuas através da palavra-movediça)\_\_\_\_ o mugido do mundo continua na vacilação valvular ou nos regurgitadores vulvares\_\_\_\_ haja escolhas-enófilas entre cauterizações sangrentas!

Corpo de entrecruzamentos-surfantes, de migrações dissemelhantes. Corpo impensado. Ele é o hiato da emersão e da imergência, a interrupção de si mesmo: ele acontece nas cremalheiras tântricas, nas frenagens das hibridizações, nos alveários xamânicos, nas áspides hederíferas: todos sabem que o seu gotejamento é fasciculado, esbraseadamente helicoidal (por causa disso a infinidade rítmica da pré-expressão doa as suas bulimias aos mostruários da histeria das últimas-poetas decifradoras de herbáceas ecoantes): quem navegar no obscuro, no inapreensível, nos precipícios das ancoragens será marcado pela cegueira-paixão-da-liberdade-criadora \_\_\_\_ possivelmente uma intuição escorbútica sobre as flutuações das linhas atravessadas das depressões (chamar a voz no grito, transferir a voz na voz in-existente). A poeta é falta de si própria e a sua epiderme cheia de impossibilidades interrompe as rupturas



absorvendo outras rupturas com todos os sulfuretos sopradores de virações (todas as correspondências dos rompimentos sígnicos estão aí: peugadas de mostos, bigornas dos naufrágios, cesuras diluvianas, curvidade dos mistrais). Sim insisto: a poeta acontece nas mandíbulas-do-devir, na espelhação eruptiva, num vórtice de arenários em constante catástrofe e regeneração: aqui as contusões premonitórias fazem das metástases dos arsênicos os estoms dos alfarrábios (veemência das línguas trespassadas pelas cicutas astríferas): ela perde-se ao buscar os vestígios dos galgos da dramaticidade entre as recreações infindas dos espelhos-incestuosos e tenta colmatar o esfolamento da sua errância entre outras errâncias-hidrossolúveis onde a coexistência da anatomia das palavras, os despistadores das esculturas híbridas vivem em contaminação corporal, em curto-circuito-tremeluzente, em correnteza-caóide dentro dos dédalos-tentacularmente-flutuantes \_\_\_\_\_ quem se arrebatava na correnteza icástica do absurdo? Sim \_\_\_\_\_ no foco de forças de braçadas possíveis: terá que se metamorfosear na ocasião em sublime, nos intervalos dos escurecimentos que desmudam os interrogatórios das palavras- evaporadas entre os impulsionamentos estéticos-sígnicos e as viseiras afectivas da vida: é esta a tentativa da onda-lupina-surfista que se diversifica em si, voltando-se para si própria através do cavalo-poema incarnado nas vibrações corporais e nada tem lugar, apenas averbamentos transitórios, obscurezas disseminadas nos afastamentos exsolvidos: tecer cronologias na inexactidão onde o corpo-poema é o usurpador dos despenhadeiros e das impermanências: estava pressagiado que as siderurgias-helicoidais seriam encarnadas pela envergaduras de milhões de tarântulas cronometradas sob as contracturas das gigantescas meninges rebocadoras de possíveis fossilizações).

O grito escultórico dissolve próteses, texturas, objecto e sujeito entre as vozes vindas das brechas incomensuráveis, das circulações acústicas e as vozes intermediárias dos planos infinitos traçam a erotização do inacessível, a descentralização daquilo que não existe.

(foi por isso que acmeístas dissiparam e transmutaram os contrários por detrás do isocronismo cutâneo): caosmos ingurgita no pensamento dos curandeiros \_\_\_\_\_ e todo os fluxos da mestiçagem da corporeidade fundem-se no estremecimento dos moluscos, absorvendo potências criptografadas, explosões do invisível, recolhimentos convulsivos, e os panteístas eclodem antes da descoberta artesanal das espermatecas, antes da mineralização do poema que se interpola no precipício até ao seu desaparecimento anafrodita (as ressonâncias deflagram-se, recolhem os estilhaços soberanos das expressões e as elasticidades insondáveis das rupturas, libertando vertiginosamente a luzência feita de rebentações fantasmagóricas: metamorfose transgressora misturando o humano do inumano com as densas ruínas das alegorias): o texto-poético-lahar se contamina nas vozes-animalizantes-divinatórias encadeadas de devires-des-figuradores que prolongam os jogos vibráteis do olhar-metacorpóreo, dos olhares transmigrantes (fábulas em transição dialogam com as milhares de percepções dos zuidouros-em-revivescência: voltagens impregnam-se nos orifícios da independência espélica e os olhares intercalam-se entre alfabetos atmosféricos onde as repercussões

dos leitores desejam as dobras contrabatidas: os traços da visão a fraccionarem miscelâneas). Ele é um jogador-surfista-galopante, destruidor das fronteiras: como acontece o poema? Como caminha o leitor? As jubilações dos efeitos das multiplicidades cinemáticas, lançadas nos cios paleobiológicos.

(as palavras não pertencem vivem nas ataduras dos sertões-citadinos, nos desertos patológicos que incitam os ancoradouros sobre as mísulas das reescrituras): estes são os ciclos dos contrastes incarnados no labirinto sedutor das incertezas onde a transdução se incorpora no leitor com sonoplastias nos dorsais: arquitectar ocasiões da vertigem na visão ausente de cronografias\_\_\_\_torna-viagem dos signos-bacteriófagos ou será a geografia improvisada das ranhuras, das aparas do poema entre as torceduras dos fazedores de citologias-sónicas? As escrituras se contaminam com as partículas transductoras, com os fraccionamentos a-significantes que infectam os lanhos-dos-brônquios dos reservatórios onde o genoma do leitor da ancestralidade se liga ao ciclo lisogénico dos fagos: eis, o genoma viral e o genoma bacteriano a desligarem e a excisarem o quasi-poema entre sensações virais.

## XXII

Fisionomias e lahars se tornam estéticas-caológicas ao reinventarem entropias termodinâmicas entre as ressonâncias minerológicas (são rebocados de berçários-da-lubricidade a espiralarem as transferências sob possíveis obstruções das locomotivas: aqui as esfinges serão traduzidas se os vedadores de letargias restabelecerem loucamente as narículas narcotizadas adentro das estaquias das emanções: alcançar as zonas imperceptíveis no arrebatamento do inacabado\_\_\_\_sim\_\_\_\_sentir o arvoamento dos estendedouros de obliquidades): mundos mastreados pelos estilhaços trans-históricos: circunferências desmemoriadas nas extremidades caleidoscópicas(as forças das distrações repercutem a percepção-negação da rostos-poligonais e tudo se esvaziará no espelhamento dos gânglios da sombra onde os alvos transmovem e revelam os ritmos da transfiguração do poema sem terminologias): as vozes poéticas dissolvem-se nas repercussões dos respiradouros elípticos, no movimento dos entrecortes cartográficos, nos meridianos das combustões-reconstruções terrestres, na expansão instintiva do conhecimento, na espera do surfista projectado e arrastado nas superfícies in-visíveis do pensamento-sem-pausas-entre-pausas: surfista-poeta que poderá não regressar porque busca os mistérios da infinidade criativa-imaginal sobre as talhadeiras-aquáticas-ondulantes onde o magnetismo da expiação é poderosamente construído pelos guarda-freios das apneias (permutações, encarnações e bordaduras deslaçam forças, enfrentam a aversão da palavra e jogam quixotesicamente com o movimento transgressivo da vida, com as murmurações inexploradas que devastam rastros anteriores, atraem estrangulações da língua: por causa disso a transdução dos interstícios parece uma pássara na sedimentação mímica-fotossintética). Esta chama de orquidários intensos, esta eclipse refractária a reconciliar-nos e a perturba-nos dentro dos batedores da diferença, da singularidade transcorporada que acontece simultaneamente nas escotilhas do cosmos e no inominável-portuário ou na obcecação do silêncio na

página em branco ou em tantos suportes das zimbraduras cibridas (púbis na exuberância anabólica; arrancamento da palavra à imanência) (será que existe o balanço, a circularidade lávica do nevoeiro alvejado\_\_\_\_sem ascendências? Ou serão os dardos centrífugos da cavidade em galope-paleográfico?\_\_\_\_Sim os esmeris das ladarduras infiltram-se nas ossaturas dos holofotes onde surgirão outras tonalidades das alcanéias do poema? Ou serão os planos caóticos das lobotomias da vida que captam na insciente trepidação das cartografias as dinâmicas cismas propulsoras de desterritorializações de gritos?)\_\_\_\_ são estes os princípios fundentes das tuberculosas isotrópicas que rebordam multidimensionalmente as aerossferas activas do transe\_\_\_\_(vejam: a escultora de escombros entre as autofagias da visibilidade e as intermissões escarvadas que relançam as mudanças dos esboços do olhar-leitor sobre as energias im-possíveis do retorno: caos na ética-fantasmática do corpo e a coexistência intervalada rebenta para se regerminar no estilhaçamento do olhar que se extingue na extrema transparência): reavemos a intemporalidade das febres dos sismógrafos, as palavras dos sopranos-micénicos, as onomatopeias das vontades espiraladas, os cruzamentos Ulissinianos, os ciclos das repetições rapinadas, esventradas pela insânia criadora: por isso a poesia acontece nos bois-geodésicos-indefiníveis\_\_\_\_uma animal de loucas variáveis a infringir-romper as mastreações dos semeadores de cremalheiras\_\_\_\_é nesta magnificência-autofágica que os fósseis dos estábulos serão sempre in-transferíveis porque se alimentam da obscuridade simultaneamente captadora de teceduras apofânticas e de azémolas solfejadas pelos vestibulos polispérmicos\_\_\_\_ELA acontece possivelmente numa avalanche incontrolável, arqueologicamente líquida nos antípodas que circunscrevem as alterabilidades do corpo feito de resplendores enigmáticos, de trilhas-em-desarrumação (corpo a corpo-com-o-corpo numa extensão de aventuras e de assombramentos, ambulando no indizível que açaima, absorve a luz ofuscada\_\_\_\_ não há revelação total, há um olhar esfíngico que se desfaz na velocidade do pensamento para emitir superfícies infinitas, anteriores à visão, anteriores às grandezas interrogativas: não esquecer que o saltinvão da penumbra é a errância que assimila a abaladura do leitor-ladrão-de-sedimentos). Corpo que se transforma se transpõe e se mistura com as energias do mundo para alçar-se no alabastrino intraduzível, e tudo se fractaliza na espera e na escuta em desaparecimento, em dissipação ecoante: vejam o vórtice das in-visibilidades no corpo-texto que se move transversalmente e se esgota, se aviva, se trespassa na epiderme paradoxal: as perfídias dos olhares reiniciam-se e se graduam no absurdo dos textos-espélicos-polinervados, transformando tudo em usurpações, em putas que ambicionam os ecos do des-aparecimento: eis, a palavra na soberania hesitante entre os lapsos de dois desertos destroncados por outros desertos, ampliadores de distâncias desorientadas: tudo se revela no interior da cegueira das releituras: impermanência das revivescências\_\_\_\_esse é e será o espelho alucinógeno dos possíveis açoitadores dos poetas das últimas locomotivas).

Cavalgadura da fantasmagoria do sublime, da transmigração do imaginário\_\_\_\_sim\_\_\_\_ não sabem que o surgimento da hipótese de fuga é uma ciranda da exsudação

procriadora de caminhos sáficos? a poeta escolhe admiravelmente a ocultação dos eremitérios ao capturar sibilinamente o mundo, ao deslocar-se até aos subterrâneos da dissemelhança dos batráquios\_\_\_\_esta descoberta monádica-vertiginosa do próprio mistério-germinativo leva-nos para o inacabado do abismo que é em si uma apreensão cartográfica-fílmica onde tudo conflui para a dobra indeterminável do despenhadeiro-do-poema: teias dinâmicas de ecos fractais que reabilitam a alucinação e a experiência da estética cavalgadora-surfista: (não há disposições estáticas, há corpos em intermitência, em alucinantes sensorialidades, moléculas fantasmáticas-oscilantes que constituem imagens-choque com o corpo-descentrado-sedutor e tudo se desmorona, tudo se regenera indomavelmente criando um museu-vivo cosmogónico onde um alfabeto-de-milhares-de-alfabetos se regermina entre contrastes sincrónicos e redemoinhos-inexplicáveis contra qualquer tipo de poder: agora são áreas-de-risco que incorporam as lacerações das babugens-respiratórias e as mudanças dos movimentos tácteis-sonoros-visuais-): estamos perante conexões do conhecimento do desconhecido que se abre à infinita expansão da língua secreta-irrefreável ou a algo que ainda não nasceu porque necessita da experiência do desastre, da fuga psicotrópica, das rotas adu-abdu-toras, da liquefacção das redes magnéticas onde a voz em transmutação tenta surgir para negar as respostas e recriar anonimamente a afectividade institual do mundo sem moldes (jogos de eixos, de dardos sonoros-mascarados que retornam e se dispõem no diverso e dizem: forças-regeneradoras-bifurcadoras-de-vida (é aqui que o poeta-surfista-sonâmbulo se revitaliza e faz da azinhaga do desaparecimento a sua culminação-esquiadora e a palavra abrolhará desviada, deslocada, apinhada de rasgos, de distribuições, de confrontos até aos abatimentos orbiculares: destroços de criaturas ressoam numa afluência de ciclicidades híbridas: tudo repercute em tudo\_\_\_\_tudo foi prometido pelos paisagistas marsupiais)\_\_\_\_eis o poema bebedor dos cactos das medusas.

### XXIII

Eis o movimento da cosmicidade feiticeira\_\_\_\_ a cegueira ilimitada torna-se o traço cavador dos pensamentos largamente rebocados pelos homicidas de qualquer tentativa de decifração (rasgam as engomadeiras dos TEXTOS-POÉTICOS e uma VOZ PERDIDA avisa-os que AINDA estão no MUNDO, caminham livremente, estranhamente, emancipadamente entrelaçados): os lançamentos das multidões infiltram-se no jogo de espelhos aeroportuários (fábulas em peregrinação e o afastamento tece durações-BILABIAIS não ditas onde tudo se dispersa, se reconcilia e é assinalado em contínuas experiências oratórias\_\_\_\_espontaneidade variável nas endorfinas dos contorcionistas : a obscuridade leva o leitor ao irreal ao salto imaginário, ao alcance dos ergastulários das lavras que tentam recuperar a violência da transformação poli-bulada, sem mensurações, sem épocas, abalando as forças do mundo com outros feixes de forças, desdobradas infinitamente nas vaginas-vinhateiras\_\_\_\_curto-circuito do leitor: contágios até à deflagração estética ): forqueadura de capturas, de intervalos e de aproximações-evasivas e devido à origem valvular dos espalhamentos atmosféricos tudo se descondensa na pigmentação dos adubamentos de todos os orfanatos vege-

tais): tudo está ligado entre si e no fora de si magicamente, nada está separado e tudo se recolhe, se expande, se trespassa dentro de planos moventes: (caleidoscópico intenso de sensações que se disseminam, gravitam em si próprias ou será o retorno avindor de desequilíbrios entre compósitos dos sopradores da claustrofobia? Um mundo renasce em circulações contrárias, turbadas que se interseccionam na cancha de um deserto já em si entrelaçado pelos interiores que rebordam as opacidades dos exteriores\_\_\_\_estas arcacadas polarizadas acontecem prosopoeticamente dentro de transmutações contínuas dos cloros dos mondadores de lampadários e as vozes refazem-se sem dizerem nem exporem\_\_\_\_tudo é fracturado, tensionado e transformado num texto movediço e perpendicularmente empalhado pelos bilros das biópsias): Vibração oscilante: indistinção entre grito e devir: sim são miríades de gritos que se extinguem na cegueira cosmogónica: os gritos são em si o holomovimento poético do universo, entreteceduras das circularidades magmáticas humanas-inumanas\_\_\_\_junto os lacraus vivem em permanente dissipação .

O poeta reconstitui-se orficamente nas entonações dos escaladores de carnaduras, nos fluxos das rugosidades afectivas onde os cactos são virgulações nos perímetros das recentes manadas outros dizem que ao radiâncias de medronhos entre as pausas das expiações dos manguezais: esta rastreação de imagens-desejos sob os traços-cromáticos das penitências-dos-abutres subverte transversalmente a glandulação das vozes dos últimos alisamentos-de-têmporas que regressam às vigílias sedutoras das corvinas\_\_\_\_fabulosa expectativa das travessias de outros corpos-acústicos retardadores de qualquer tipo de crespidão da rapinagem: são cruzamentos a-gramaticais, curto-circuitos, cirandas desconhecidas, peugadas diagonais nos desertos que se apagam e se regerminam absorvendo as intensidades taumaturgas do mundo dos estames hagiológicos\_\_\_\_nestes proflúvios alucinógenos as fisionomias de um incêndio de repetições Sisífiás conetam os nadas mágicos, os escoamentos inumanos sobre as ferraduras dos vazios que vão a caminho das fendas, dos embriões peregrinos das perspectivas transformadas em letargias de zinco (com todas as incertezas os espinheiros da matricialidade submergem nas fundações do desconhecido porque reinauguram as sanfonas que revelam a autonomização das ogivas-sígnicas: aqui o corpo se transfere no risco da desleitura tremulada nas falhas das falhas que geram obliquamente centelhas fractalizadas\_\_\_\_todos sabem que o poema nas cantatas das esfinges faz das ressurgências incensários das avenidas repletas de ladraduras).

A mão-hóspede-intransferível-do-corpo-em-reviravolta escreve nas transferências dos percussionistas com olhares-órficos que navegam acoplados às sensações-do-jogo-antiquíssimo das parteiras de amebas e os excertos são feitos de instabilidades desejan-tes, de atritos suspensos, de permutações, de perplexidades do e no infinito das mãos sempre em oscilação impiedosa. Tudo se torna contaminador num teatro de espessuras Dionisíaco-Apolíneas, de cambiantes isocronismos, povoados de falas ziguezagueantes e a palavra suspende-se no aceleração da escaldadura repleta de barítonos onde a geografia do corpo-de-arbúsculos se torna um eco intraduzível na Avenida 19 de Abril:



chamamentos do imperceptível das vizinhanças clandestinas. Sim, o texto-surfista-sonâmbulo permanece sempre obscuro e reaviva-se quando circunvaga, entoa no desequilíbrio, cruza na loucura, antecipa as suas disposições múltiplas, as suas transições e contexturas, evitando a sua face-clarificadora para auscultar os jeróglifos em deslocamento nutritivo e mortífero: batucadas heterogêneas, jazzísticas; forças das sonâncias, das alegorias; proliferação de ópticas em resfriamento: prazer labiríntico da espera, da emboscada criativa (extrapassar os instantes do assombro até à performatividade da transferência utópica: presentemente os rastros circulantes projectam o magnetismo da expectativa até às dentaduras vasculhadoras dosborboletários).

Escuta e contágio tentam desviarem-se das rumações de todas as maquinarias anexando vibrações placentárias, murmúrios metonímicos, rupturas moventes, imunizações a-centradas \_\_\_\_ são rebentamentos! Gritam! Todavia os óxidos gemológicos persistem na glandulação-membranosa das galerias \_\_\_\_ os animais dos ancoradouros lapidam o texto-poético-lahar e encaminham o risco permanente da fuga até onde se faz novamnete a fuga feitas de moradas com muitas vozes que renascem de si mesmas (como trombozes gorgolejantes) \_\_\_\_ sim: renascem dos deslocamentos incridos: essas habitações do deus desconhecido sempre transformaram caudalosamente o instante flexuoso do poema numa sucessão de instantes de tempos inexistentes \_\_\_\_ digam! Porque colocaram os arqueiros nas dinastias ováricas? Por que essa pressurização sobre os parietais? Louca equidistância alfarrábica a biselar as tumefacções das urdideiras \_\_\_\_ o poema acontecerá auditivamente dinamitado pelos trampolins dos enforcados: percorram as ladradruras fluviáteis e sentirão os descentramentos dos carvões estruscos \_\_\_\_ nunca esquecer que os arcos das progenitoras escalam lapidarmente as ressacas dos escólios: interromperam as maratonas porque as citologias dos fazedores de sesmarias saquearam os aguilhoadores de glossários: outros disseram que os sonoplastas apenas contornaram o halos obsessante das carvoarias \_\_\_\_ outros jazem nas aparas das focinheiras: haja colectores em decúbito ventral.

#### XXIV

O poeta-surfista-sonâmbulo mergulha nas fecundações hipnóticas, na sonoridade imprevisível do universo, incorporando e expandindo as energias instauradoras das transmutações rítmicas que recriam os fulgores das inflorescências-NÁUTICAS, as magias na espessura das superfícies reconstruídas pelas candeias das faunas retiradas dos sotaques-enfermos: esta interpolação da espontaneidade folheia as raízes xamânicas-atmosféricas com a matéria das expressões secretas, vivas (ESBOÇO dançante das transfronteiras; trapezista a resvalar nas interferências, arrasto infinito do sopro que retorna aos vestígios dos vizinhos-dadá: o ângulo-poético a cambalear mecanicamente antes de morrer \_\_\_\_ poesia dentro da cosmovisão dos cetáceos em deslocamento singularizante: a improficuidade-subversiva desperta entrecruzamentos sensoriais, as geografias da indiscernibilidade incitam as antenas do leitor para as linhas quase-divisórias-do-labirinto-quase-nómada (desvão da indecibilidade entre rosas roubadas pelas patas dos mitos): estamos na metamorfose galopante, nos traços das vibrações,

no transe antecipador da vida estrategicamente cega pelos desníveis os animais nocturnos: o grito multiforme, os ecos dançantes, o deslizamento da heterogênese, a fabulação fulgurante-enigmática das expressões ultrapassam o limiar da experiência do caos: uma dança cósmica, estranha, intermitente, cartografante, enrubesce titânicos caçadores de remorsos-cubistas \_\_\_\_ levar o leitor ao desdobramento do que há de mais obscuro, interrogador, emancipador da re-criação entre o pensamento, o risco, o inumano, a experiência fragmentária, a multiplicidade mágica e o incomensurável laharsismo \_\_\_\_ as pedras aterradoras na lombadas das mulheres-jogadoras-de-xadrez: as zonas vibratórias do poeta repetem-se-sisifianamente sobre as intensidades enfeitadas das polimorfias (nos fontanários os unicórnios enlouquecem olhando para o centro de si próprios): sensações alienígenas, desarvoradas, sem cartografias, sem mapas, defrontam os rumores do inacabado com as esteiras desertas da escrita voltadas para os círculos perpétuos ou serão obscuras impaciências a transcreverem as margens das caminhos nos sons da libações do corpo (descentrar os antigos legistas diante dos amantes alienígenas e tudo se interrompe para transpor a tensão acústica das translações vazadas pelos estertores loucamente nasalados entre os esqueletos dos inventários dos relâmpagos: vejam as estacas da visão que se liquidificam policromaticamente: sempre existiram as velocidades falsas que se desdobram nas ceguidades criativas do corpo e os instantes-dos-destroços-hasteados transformam-se em desescritas ilimitadas, em de-composições-atléticas-de-precipícios): qualquer projecção sedutora do mundo no vazio suversivo, se desprenderá sob margens espectrais e intermitentemente as proximidades dos leopardos das dinastias serão sugadas pelas cordas das falas intermináveis dos enfermos (o estrangeiro dentro de si mesmo causa a perturbadora indeterminação das habitações sem pousios: os chicotes das moradas sempre em recomeços desconhecidos \_\_\_\_ recomeços açambarcados pela secura das vértebras construídas de sombras e de ecos vertiginosos): as ressonâncias dos gritos em dissipação entrecruzam-se na incerteza, nas promessas tecidas pela cosmicidade alucinante (nada é representado, nem alcançado \_\_\_\_ o silêncio torna-se o aguilhamento antecipador da carceragem desejada pelo leitor feito de cernes externados e de anéis-agonizantes que propiciam os rumores do indizível diante das insídias sem egressão): as fracções da visão-da-visão tornam-se o trasbordo dos percursos nocturnos, a avalanche das acidentalidades circundantes que transpõem as antecâmeras da vida dos homens que estiolam as mãos com a maquiagem apavorada de BOSCH.: a vida forja as sensações para longe de si mesma, sem cronografias, sem respostas dos trevos reconciliados (a carne arde em todas as janelas arrastadas pelas rimas orgiásticas das toupeiras): acontecer antes de revelar, surgir depois do desaparecimento: assim a palavra, o silêncio, a incisura, o derruimento, os murmúrios, as tentativas e o transe se misturam permanentemente e se alastram esteticamente, exsolvendo os pólipos das estremaduras com a loucura ininterrupta de captar as escutas da fantasmagoria do mundo \_\_\_\_ as mulheres são as únicas colisões-de-fogo que sabem rumorejar-entre-raposas com medulas de ALAVADIOS

A poesia não está ao serviço de ninguém (deflagração). Não está submissa a qualquer ordem estadística, cívica ou política (detonação). Nos seus batentes alveolares de variabilidades perceptivas, de energias cosmogónicas, de multiplicidades instituais acontece a navegação salvífica, selvática, destruindo as tentativas de conceptualização, departamentalização, estandardização, pessoalização \_\_\_\_sim: ela elimina qualquer tipo de intimidade \_\_\_\_ dizem que a poesia vive das teias gongóricas-primordiais, dos cios geológicos, dos deslocamentos ético-estetizantes, das derivações, da potência de sensações, destruindo o senso comum, as certezas com as vascularizações mágicas-feiticeiras, com os arquipélagos desordenados-fissurados (fragmentos ilimitados). Ela acontece no olhar-estriado do nomadismo, nas vozes antiquíssimas que intersectam as danças-fabuladas de outras vozes longínquas (fulguração) \_\_\_\_sim \_\_\_\_ espaços de rumores-suspensos-intervalados-inconsumíveis, quase inescrutáveis e tudo vacilará, disseminará em fusão re-inventiva-subversiva com as trocas-em-deslocamento, com os descentramentos transmutantes até à perda em experimentação contínua): observem a violência da matéria-nas-ruínas-da-antimatéria: o RISCO multiangular: o RISCO do re-ligar que nos leva ininterruptamente para a dúvida ante o infinito) \_\_\_\_ a poesia regressa à substância ocultada e noutras versões, noutras margens, nega-se a si própria na luzênciã descomunal, fazendo dos obstáculos a poderosa oscilação dos crivos arqueológicos, das multidões regenerativas de uma tremenda sombra que é o avesso-atirador de bordas farejadas bruscamente pelas moradas-estrangeiras \_\_\_\_ a sua força devastadora obscurece-se expansivamente através dos radares desabitados, das epidemias genômáticas, dos trapézios-estertores-sígnicos: ela move-se nas afluições dos espectros-em-fuga, na reencarnação dos desertos, nas contracapas dos despenhadeiros, nos espelhos oblíquos-sedimentares (uma dança circular-diagonal-cósmica-órfica: a verdade não suporta a existência: respira a sonoridade da guerrilha. Alimenta-se das tensões). Ela vive da substância energética-obscura do mundo, da transmigração do desmesurado, das ruínas intercessoras e da recriação navegadora dos mapas da insaciedade das larvas desterritorializadoras. A sua correnteza emancipatória seduz e vibra porque reconstrói os lugares das mordeduras vulcaniformes, a im-probabilidade sedutora dos corpos, o arrebatamento dos arados-seminais: estas velocidades do desassossego fazem irromper os fragmentos da vertigem, a intensa diferença do corpo-em-fenda \_\_\_\_ as correntezas das imanências dilatadas onde tudo é singularizado heraclitianamente até à desagregação do corpo-olhante, à magicatura do olhar na opacidade dançante de si mesmo onde a luz invoca a ressonância abraçadora para a gestação afectiva-abismal \_\_\_\_ os báratros que avivam a poesia sempre animaram os deuses desnorteados porque incorporaram sempre rosas-de-ATACAMA: insistentemente as ROSAS-de-ATACAMA

Basta um delito \_\_\_\_ estremeção das loucas respirações, dos arranques dos instantes do espelhamento das ocultações (fantasmas das palavras inscritas no corpo que se desloca raiado numa miríade de possibilidades salinas) (mudanças, recortes, curvaturas suspensas, entoações dos mamíferos e as colagens das bocas dos cardumes

se incorporam, se intercalam nas esculturas intransponíveis e tudo se desmembra, se desmancha até à mestiçagem, ao destronamento, à encadeação das batidas ecoantes que agregam os movimentos das raias, das quedas em transmutação-surfista-cavalgadora)\_\_\_\_as bocas ensanguentadas pelos arranques súbitos dos milagres entoam os assaltos das formas entre o desnudamento combustível e a pedra que estanca o seu interior com o insondável respiradouro-levitante\_\_\_\_. Ela destrói fronteiras, cria ondas sussurrantes, sulcos enfeitados, acoplamentos com os seus labirintos mutantes, com os mergulhos estéticos no alto-mar entre as esferas-das-esferas onde se dança infinitamente, imanentemente (rachar o silêncio-urgente com os coágulos devoradores de memórias). Há artefatos espeçados nos respiradouros: há entrelaçamentos escutados por vizinhanças-naturas-heterogêneas e a flecha indiscernível há-de criar fixamente o terror nos mastros com suas cabeças voltadas para a loucura, para os fogos que plantam espelhos nas mãos\_\_\_\_as expressões-as teceduras, as concavidades, a intemporalidade e as vozes reinventadas, esboçam, atraem, viajantes errantes que escapam e recortam o caos com as reminiscências vibratórias: sabe-se que as encurvas incorporais, as coreografias arrevesadas são alfabetos desertores da jubilação e do ansiamento, rasgando línguas-em-galope, construindo línguas-andantes, prolongando línguas contaminadoras): sabe-se que as ressonâncias enfeitadas dos arquipélagos andarilham nas interferências vibradoras do poema que é carnadura abstracta na voz do carrasco-em-renascimento: basta um crime e o animal-poema se juntará ao sublime.

## XXV

Tudo caminha para as matrizes do não saber, para o desconhecimento rizomático assimilado e transformado sob os alvos da visibilidade do acaso, do geografismo devastador de ofícios dos próprios lances, da vastidão embrionária onde as labaredas sígnicas se espalham no esgotamento, no deslizamento do incerto \_\_\_\_TUDO caminha para outros acontecimentos, outras amnésias fulguradas pelo pânico (experimentar os gritos nos ritmos das expressões de outras bocas tremendamente sanguíneas onde as sequelas das superfícies são expiações misturadas com as bordaduras sem inicio, nem finisterras e os ilimites suspendem o leitor-de-tragadeiros-centrípetos nas incursões-das-gagueiras permutadoras de naturas de sentidos-radiantes: mutabilidades tremendamente submergidas pelos cutelos viscosos dos rituais dos além-mundos): os sons originais se manifestam nos asteróides da semanturgia e as articulações atmosféricas raíam sazoadas sob as pálpebras chocadas na exatidão da insanidade : linhas contínuas de forças heterogêneas, de nascenças ininterruptas-deambulantes tremem nos crânios decaídos entre as gigantescas botoeiras (tudo se encontra, se entrecruza para além da passagem das usinas abismadas e a fala feita de silêncios lapidifica-se nos intervalos da memória das mães que transportam os seus próprios anfiteatros nos abalos dos pés, transformando a experiência de re-nascer nas dúvidas da habitação\_\_\_\_farol mediador das fábulas antes dos cascos da palavra, antes do erro da escrita do último paciente\_\_\_\_a esfinge da longevidade da memória-mundo: resgate da ciência dos círculos que se abandonam sombriamente no re-conhecimento ligado ao

som do sarcasmo: abdução feita de vozes, de elisão de vozes, de coro de vozes e tudo se dissolverá na biosfera, dizem \_\_\_\_\_ os antropólogos incendiados por dentro das obscuridades).

Os deslocamentos das palavras se convertem noutros deslocamentos reinventando guilhotinas-de-carnaduras-acesas e polivalências giratórias sobre multidões espantadas (exaltação e tensão no fascínio da dissemelhança, das miríades polimorfos, construindo constelações mamíferas, palimpsestos de seixos insaturáveis entre os vigores da estrangeiridade despenhada na depressão dos artesãos: encarnar o nada incomensurável e auscultar o gaguejar astrífero que nos restaura e nos difunde entre os corres-corres-das-fronteiras-com-todo-o-sangue-no-dorso). Estas potências metamórficas, são os ritmos dos homens de inesperadas morfeias que levam as derradeiras improvisações a todas as aberturas do corpo em forma de galeria desmoronada no isolamento insondável: é nesta invenção movediço-espontânea que os hieróglifos selváticos e os canais excessivos dos átomos-prodigiosos tentam ocultar o re-aparecimento da putrefacção conjugando os traços entrópicos, os répteis cegamente distanciados e as fissuras das linguagens nas embocaduras predadoras \_\_\_\_\_ inacessíveis (o pavoroso olhar das Górgonas trabalhado pelos animais levitantes): inscrição contaminada pelos rodopios das cataratas, pela talhadeira da inapreensibilidade e o leitor é obsessivamente uma voltagem de atiradeiras contorcionistas: leitor \_\_\_\_\_ um bebedor de fagulhações sígnicas (a-significantes). Tudo será posto a bordo nos recomeços das golpeaduras dos animais crepusculares

O poema junta-se e confunde-se com as rotações estéticas-arruinadas do (no) mundo, com as encurvas e desdobras que sondam as tatuagens sincopadas dos arquipélagos-sígnicos e dos extermínios de quem se diz poeta: entrega-se ao magnetismo das moradas impensadas, às aberturas flamejantes-sismológicas do olhar-lahar onde se reconciliam as articulações dos ofícios e os simulacros das línguas-inexistentes em confronto com a assombração descomunal \_\_\_\_\_ lembrar e esquecer simultaneamente que o corpo do poeta ecoa na perpetuidade das palavras feiticeiras e se vasculariza, se embriaga nas antecâmaras absolutas da multiplicidade arqueológica-cartográfica \_\_\_\_\_ hilariantes galopadas de sensações a experienciarem desertos esculpidos por sangues insondáveis \_\_\_\_\_ rastros criativos nos aros sem nomes da devastação: as transferências dos instantes a projectarem o corpo na incompleta caverna-oscilatória onde as viúvas inevitavelmente se petrificam: o silêncio da sombra ressoa nas ilimitações, extinguindo e desviando tudo que se avizinha para criar socalcos de desescritas): em cada circunstância do luminoso assassino-de-circunspectas-facas ele recria o caos e refaz o território-esfíngico-da-autonomia numa transmutação contínua, numa linha de experimentação-mortal, rompendo todas as regras, todos as predestinações dentro do thaumadzein: serão estas as forças ilimitadas dos rostos filiformes dos vendavais lunares? Acopladores de êxtases da errância \_\_\_\_\_ o som órfico gera a sonolência do acidente e reconhece o retorno do espectro nas exoneradas cabeças-dos-lugares: sim \_\_\_\_\_ o desvairamento joga nos descensos da inerência, inebriando rotas-das-quedas-envidra-



çadas com o silêncio absoluto da gigantesca laranja-ensanguentada onde o humano e o animalizante eliminam suas diferenças ao chamarem definitivamente o homicida-da-arte-por-dentro (infinidades das superfícies dançantes nas escrituras absolutamente transfiguradas que acontecem sempre nas ruínas das embarcações maternais, no desmantelamento das extinções-vivíssimas, na estranheza das pedras nocturnas e a loucura dos revólveres-costurados atravessa-nos, semiotizando, rizomatizando o pensamento dentro daquilo que não somos\_\_\_\_ ou porviremos?): eis, um intensificador de heteronímias míticas-sanguíneas onde tudo tenta escapulir-se para se desterritorializar nos faróis frios dos necrotérios e recomeçar nas fisionomias incompreensíveis do mundo que ainda tenta advir na gigantesca rosa-de-água-por-chegar: nestas exaustas estátuas-dos-exílios o poeta redescobre os hinos mutantes nas tresloucadas correntezas dos bisontes-sob-as-entoações-cruéis-das-liturgias que correm nas faces difusas e loucamente emaranhadas de infinitoas revulsões (estancadas) que nutrem os movimentadores de astronómicas artérias de fogo para libertar os intervalos-viventes dos infernais berçários da palavra-por-dizer\_\_\_\_ são os sons dos vigamentos magnéticos, as falas velocíssimas-em-desafio com os animais iluminadamente-abstrusos (povoar as multiplicidades das fissuras das verdades inacessíveis: desordem criativa das vozes; escolher o rumor no Dédalo mais torcido da língua): esta circulação sismológica de vastidões transformáveis, de forças de resistências-vivas, de reflexos “sesgos” onde se reconstrói as povoações nos páramos inumeráveis-rotativos\_\_\_\_ a perscrutação soberba das transfronteiras, a enlevação da consanguinidade, o sobressalto zoológico fazem irromper a intensa afectividade fúngica-estética contra as tochas simultaneamente expansivas e contrácteis: o poema arde no torso da truculência feita pelas varas-rapinadoras elevadamente guilhotinadas

Estas bocas tapadas pelo sangue dos hussardos-em-transfiguração esperam pelo nada das transferências em desequilíbrio sob os atrelamentos das cabeças com transfusões geotectônicas: assistam aos acidentes de tranpolins arbóreos-sígnicos que se infectam, se aliciam, se interpenetram mutuamente para dar vida-teátrica aos corpos-lahars-das-sombras que interrogam, inflamam os alongamentos pugilistas do poema-de-velozes-fogos(insistem: animal e humano se misturam na loucura da indecifrabilidade onde as reminiscências dos moncos e a metamorfose estética se confundem dentro do mesmo fermento-demoníaco): este movimento volvedor de corpos-lahars, coabita nas espinhas maternais-das-putas para recriar os devoradores da turbulência visionária, dos fluxos cortantes sobre o dinamismo das luminárias nocturnamente impalpáveis: prolongamento das manchas-flutuantes onde se projectam os cavalos-sonâmbulos-dançantes-do-pensamento entre os escavadores de energias atmosféricas e as ferrovias-semânticas-adulterinas (a visão procura a memória dentro da fruta-em-brasa\_\_\_\_ e nas magias das casas o não e o devir serão sempre rotas espiraladas: a voz renasce da disseminação dos murmúrios contraditórios para viver acoplada às fracturas-inacessíveis\_\_\_\_ resta-nos o incêndio alquímico dos perfumes que nos induz para a comunhão de todas as rosas-universais): a poesia de pedras-ce-

gas-de-esperas, de templos de recolhimento, de entrelaçamentos de cronografias à deriva, de desertos coreografados pelos animais ausentes\_\_\_\_desdiz: antes das lanças caírem as expansividades espeleológicas das sensações submergem ainda mais entre os cânticos fertilizadores dos itinerários da terra e o ressoar dos silêncios anunciam o desconhecido, o talvez, o não dito, o inapreensível, o alvoroço dentro de outros núcleos cavernosos-policromáticos onde os textos microscópicos oscilam nas vértebras lavradoras de imanências: assim o ininteligível se torna o poder de dizer\_\_\_\_morrendo em seguida\_\_\_\_ libertadoramente).

## XXVI

Os ecos polinizadores das encruzilhadas projectam o alfabeto dos animais órficos, o sopro da potencialidade criativa das coisas mudas, as tatuagens arreesadas dentro de balanços esboçados pelo leitor-boxeador de granulações geológicas (o leitor é afastado da bibalvia do mundo para se conectar no mundo-outro-das-efracções, transformando o seu corpo em silabarias criptogâmicas que se desviam de qualquer domínio, de qualquer significação, de quaisquer cronologias: eis os transcurtos eliminadores de asseverações): O LEITOR entrega-se às nervuras das sombras, ao desconhecido-movente das palavras: palavras descavalgáveis, reversivas, transformáveis, entrelaçadas nas turbulências e tudo se re-escreve para submergir as sensações nos andamentos conventiculares (o leitor é o nómada de si mesmo, e mobiliza-se longe de si mesmo\_\_\_\_tudo é transposto até à floresta do texto-sem-saída, o texto-errante contaminado pela insanidade das crisalidações-transbiológicas: as rasuras do corpo recomeçam entre a voltagem murmurante, o des-aparecimento mineralóide, o desregramento encantatório e a ressonância vacilante do impensado\_\_\_\_um cessamento metacorporificado que aviva a palavra na estremadura adivinhatória e estrangeira ): o leitor sente o fraccionamento do mundo-do-mundo atravessado por acasos, incompletudes, energias das urdiduras que invadem as promissões do abismo fecundador de línguas astrogeológicas e o corpo se cruza nos paradoxos feitiços porque é intermitentemente abismado nas experiências alucinantes das avalanches estéticas: corpo-leitor nas falhas florestais, alvejando gritos entre outras acústicas em exalçamento onde a reflexividade das fracturas dos ecossistemas aproxima os umbrais dos olhares-mandibulares para deslizarem nas vagaturas avançadas das percepções caotizadas (povoações de excertos incomensuráveis, de impermanências a transformarem as articulações indeterminadas em desejos-sobreviventes): (a radiação da vicinalidade do distante torna-se mágica e o eco é já o pensamento nas cegueiras dos alvos das anatomias): uma explosão rítmica nos espelhos-écrãs, nos espelhos das ilimitações, nos espelhos que absorvem as sombras-da-liquefacção e se revolvem sobre os textos desfocados pelos velamentos da desescrita (reconhecimento de áreas que se dissipam simultaneamente na agregação e desagregação dos contrários): esta criação de possibilidades, de dúvidas-gongóricas onde o corpo fecundamente se movimenta despovoando as alomorfias com os silêncios do deserto-da-desleitura: estes desdobramentos propiciadores de interacções catalíticas

seduzirão um lugar-babélico na oscilação da língua tacteada sucessivamente pelas parataxes do mundo.

O poeta-cavalo-surfista-em-fusão-crítica (dorsal-náutico-errático-dançarino-de-bordas\_\_\_\_TAPEÇARIA da incompletude babilónica entrelaça-se na experiência do pensamento de transmitir o eco-ondeante dentro daquilo que não pode ser transmitido (circular nos riscos-em-mosaico e arquitectar trilhas nos contrastes da reflexão-saltadora-de-obstáculos: voz que retorna dos êxtases e se converte em silêncio ao suspender-se na vertigem das geografias sem datas: o poema transmuta-se para trespassar a improvisação assombrosa: tudo se desvanece nas forças intersticiais, não mensuráveis): deformidades em potências inventivas, espantos em luxação, choques transitórios: circularidade e espontaneidade, coreografadas ao mesmo tempo pela ciranda das multidões do vazio e os magnetismos das eclipses intensificam a paradoxalidade de esperar por alguém nas sínopes do inacessível: recuperar a sacralização do retorno da irrealdade, renomeando obsessivamente a profusão das necrotomias no templo-natureza onde o poeta se interpola no despenhadeiro e se concentra numa fala logográfica até aos jogos hipnóticos dos vulvários: infinitas irrigações nas epifanias da vida transformadora de reminiscências: o leitor encarna-se no poema e absorve a rotação dos fragmentos, a sedução em descida pelo pântano do vivível, do vivente, do vivificante, do vivido, do vivificado, do vivificador e tudo se restitui no exterior, no abaixo, mais interno do lahar\_\_\_\_tentativa de reconhecer o fora mais profundo do poema, as concatenações dos devaneios do poema, a vivacidade da voz órfica-alegórica que se silencia para explorar o abismo da incerteza da incerteza: pressentir a substância onde nada sobrevém: o acontecimento do impensado entre catatonias e velocidades rupturantes da acepção\_\_\_\_haja a excepção pendularmente hiemal .

O poeta contamina-se ao restaurar as longitudes do grito, o grito que permanecerá inconcluso na miscigenação apolínea-dionisíaca.

(mosaico-movente a trilhar sagacidades para além de todas as transfigurações desmoronadas): esta expressão estética do mundo, da cosmovisão cataclísmica: celularidade vitrificada ou vidral-infinito, cerâmica-infinita, azulejaria-infinita, contrastes infinitos, des-montagens infinitas (sinuosidades de vastidões mudáveis surfadas pelos acrobatas da língua que são ocasos em potência ou jogadores de ilimitadas escaladas):\_\_\_\_derribamento, desaparecimento, espasmo inexplorável, extracção, arremesso inabalável, entrecorte das contracturas, dispersão, velocidades variáveis, adstringência desordenada, rodopios dos trapezistas, decomposição das granulagens, chicotada pollockiana, curtos-circuitos, lapidificações, zimbraduras, narcoses e-imigrantes (as palavras repetem-se sem significar, sem tempos, porque vivem da errância, da transgressão, do estranhamento, de rabiscadores de fogo, de capinadores de relâmpagos-poliédricos, de vertigens voltadas para a voz incomensurável e catastrófica: voz eternizada e in-cicatrizada na inferência do mundo): aqui o poeta-Sísifo improvisa-se na descida-subida babilónica e acelera-se na fenda das dobras, suturando a caminhada incicatrizável, futurando-se criativamente entre os úteros-moventes das escritas-dos-pés, os zumbidos zodiacais das

trilhas, as vibraes das pedras-fissuradas que restituem inquietantemente a intermitncia panteísta, inapreensível, as revelaes remigradas para o silncio-musical. Seus olhares de raiografias, de perspectivas dançantes entremeiam-se desmedidamente entre fulminaes de clavículas transitórias e os desmoraamentos dançantes (tradução dos ecos dos instantes, dos pasmos interrogadores): melopeias, sonoridades ilimitadas, xtase no encurvamento da pedra-corpo (insustentáveis escaladores de escritas-extintas ou de textos serpeados-varados pelas respiraes dos leitores-jazzísticos): o poeta SÍSIFO procura o ilimitado FUNDANTE, a murmurao incessável e alimenta-se do informulável, da composição imaginria-radical, da confdncia irredutvel-iminente do relâmpago, do magnetismo do assombreamento, da anterioridade da palavra-que--risco-em-potência-dentro-do-risco-do-escrevente-inexprimível: estes territórios da emancipação fecundadora que alvejam o mundo com as escrituras das eclipses do próprio mundo, transgredindo e instaurando esfinges moventes que desvendam outras esfinges moventes em laços electivos: germinação de um corpo persistente, do corpo em descontinuidade, em fluxo sedutor-feiticeiro \_\_\_\_ a palavra-PETROLÓGICA atravessa-se entre a memórias dos erros das vozes).

O poeta-lahar recolhe a disseminação dos sentidos, as alucinantes sensorialidades, a fulguração alquímica da luz-sombra-desastre, do firmamento-terra, da matéria in-orgânica-mutante do livro da natureza: (improvisação dos maestros genesacos, voraagem das ruínas, acervao e sobrevivncia das impresses primordiais: o recomeço encruza-se na vida e faz vida com os fluxos das perspectivas, com os corpos que descem sempre ao desejo da obscuridade: transfiguraes cobrejadas entre algoritmos pr-lávicos): estonteamento, enervamento dinmico a trespassar o pensamento estético-fragmentado nos rituais prestidigitadores, nos teatros órficos: os deuses já passaram por aí? Ouve-se, presente-se a respiração labiríntica da fbula-divina \_\_\_\_ ouve-se a poeta-surfista-sonâmbula na curvidade incontrolável e as misturas dos silêncios anunciam as forças de efusões-alpinistas \_\_\_\_ sim: são obsessões, grandezas vacilatrias ao redor dos olhares incriados que giram por sua vez nas reminiscências paleozóicas ou serão apenas estopas das imagens nas probabilidades luteínicas \_\_\_\_ estas integrações das colgaduras de morfina são os rumos alucinógenos sob as zoadas das sensações entre o afora dos sussurros animalizantes que nos libertam até às esfinges inexplicáveis, sacralizando consecutivamente as atmosferas da estranheza, do indizível, do não sentido \_\_\_\_ às vezes dizem por aí que o curto-circuito de olhares entre os mitos do paleolítico e as impulses cbridas fazem do poema e do leitor o absorvimento voltaico que entrecruza as elasticidades oraculares nas cavernas-esplhicas \_\_\_\_ des-vivendo e recomeando sob todos os frmitos das incurses zoológicas que estão dentro daquilo que o texto  no sendo, porque vive nos aranzis da desobedincia, nas labaredas irregulares, desterritorializando-se fantasmagoricamente no terrfico batente uterino.

## XXVII

Matérias a-centrais das gestaes do animal-luzente-musical ou a desautorização da voz a dissolver as línguas nas raias trapaceantes: a voz que avança sobre os de-

sertos iluminando-escoltando peugadas em transição (ressonância das superfícies mais afastadas do exterior): possibilidade silenciosa do indizível (cartografia da sonolência, hinos estilhaçados numa espiral de falas-fabuladas onde os corcéis de espasmos se acrescentam aos devaneios e implodem entre sombras isoladas ou serão caminhos embalsamados por larvas das servidões-cósmicas?): o poeta-surfista-sonâmbulo GRITA (repetindo): o silêncio da energia encantatória, do impensado, das possibilidades infinitas, da perda inominável, do desassossego, do apagamento-criativo, destrói a tentativa da acepção da poesia, da significabilidade, da tradução, da exegese, porque as incubações obscuras, as fecundações hipnóticas, as mutações eruptivas, os deslocamentos abstractos, transformam o poema numa coexistência de velocidades-transmutações-singulares, reinaurando o vaivém-dos-rastos-vacuolizados que desenham aberturas obscuras, nervuras oraculares, pedras sem teoremas, martírios aliviarem-se dentro do próprio fogo: (intersecção do risco-falta-falha-fulgor-acaso-multiplicidade onde a grito do saber-incerto se expande e se encela numa estranheza que é figura tresloucada e rupturadora de cronologias, abrindo-se simultaneamente à inexistência e à reminiscência disseminada\_\_\_\_\_o ofuscamento ardente do animal retorna com a língua na alavanca da língua extintora de qualquer revisão : inapreensibilidade a confluir na repetição incessante e na memoração dos charcos hermafroditas (espectro ininterrupto): antever e contemplar a língua infinita dos êxtases que recomeçam continuamente no silêncio-dizente: a língua indomável que se restaura, se desmancha, se dissipa na cadência do corpo, na interrogação da escritura desencadeadora de devaneios, de improvisos, de empuxos, de cremações e tudo se transformará na expectativa do nada, nos ecos da trama\_\_\_\_\_o cadáver renunciado pelos surtos continua a espalhar crispações nos sais-biliares do poema.

Redemoinho-das-sensações estrondeando nos logradouros despovoados: escoadura das argúcias (corpos-labirínticos amoladores de vaticínios (o lahar sem predestinação desassossega e contamina o destino, o gesto adivinhatório: conceptáculos, vãos de memórias a-históricas): as circunvoluções alucinantes habitam os pulmões intersticiais do poeta: sublevação refectiva): sismicidade de linhas mutantes\_\_\_\_\_assim\_\_\_\_\_a exteriorização dos caminhos racionalizadores-totalizadores-delimitadores é dizimada pelo desabrochamento do relâmpago entre a irradiação das expressões, o silêncio dos mapas ilimitados, o desconhecido paroxístico, as úlceras do in-visível, a germinalidade da correnteza da vida, o caos antecipador da existência-ausência e os recomeços sombrios da transmutação: a pedra está sempre rolando, plena de agulhas-ardentemente-musicais: fissuras em queda, visão-do-imperceptível, imersão incandescente, emersão dançante, subida opaca do montanhista, descida dos espectros da matéria-corpo-que-se-trespasa: signos ondulantes: ressonâncias subversivas que estorvam o circuito do mundo: o coração das bestas é transviado pelas cabeças enfermas das cidades: o lahar volta-se dentro das amamentações ressuscitadoras de crimes prodigiosos\_\_\_\_\_eis o poema

(Trilhar a diferenciação do aviso cósmico entre as balbuciações, os tímpanos dos traçados e as falas que se repetem diferentemente nos prismas dos tigres)\_\_\_\_\_



polifonias e revivescências indeterminadas sobre os moscardos das secas : penetrar no devir e na antecipação do silêncio que sempre defluiu nas vozes indormidas : galgar, repercutir, abocanhar as palavras desviantes com os hábitos dos calígrafos): projectar colapsos-membranosos e extrair silêncios de todo o saber do não saber às crassidades bifurcadas: acrobata das superfícies em eclosão, acrobata das cartografias desconhecidas (indecifrável corvo circunscrito por bússolas que testemunharam os latidos das ossaturas)\_\_\_\_o animal defeca e espera obstinado pelo silêncio\_\_\_\_ou\_\_\_\_será a desovação musical do poema?

A escritura vive e morre ao adentrar-se nos itinerários dos confrontos da interrogação, no movimento instantâneo-ininterrupto, nas intensidades corpóreas-incorpóreas (o fantasma do habitado no não experimentado): uma instabilidade vertiginosa nas energias do corpo-em-exaltação onde o espelho-texto desaparece noutra espelho-texto e as improvisações, os gozos e os acasos cambiantes turvam-se nas distrações prismáticas do mundo: (vibrações intensas misturadoras de signos e de memórias colectivas\_\_\_\_reencetar, romper sempre na perplexidade, no inominável onde tudo descampará em forma de murmúrio que enxerta o deserto na nervura colossal da escrita: a falta transpõe a sua saída e se volta para a perfídia da substância: o poema transborda o jogo do poder das margens: urgência de evadir-se e adivinhar o mundo: o silêncio atravessa a misericórdia das feras).

É na ressonância da orfandade que os acenos das expressões catatónicas se desenvolvem, arquitectando a repetição luxuriante da sombra perpassada por cabeças martirizantes (interligar as consequências do pensamento aos saberes colectivos que se dissolverão na biosfera): recriar a indeterminação do mundo que regurgita nas rebocaduras ecoantes ou será um trejeito oral a enxertar outro eco do deserto onde a disformidade é descendente da fala, o reprincipio da irresolução?: aqui, a poesia em luxação espeleológica jamais atingirá a osmose do seu habitat, por isso experimenta continuamente os canais-de-fogo dentro das suas capturas e das suas expansões , espalhando as ameaças do deserto, os núcleos transgressivos, o xadrez fabulatório sobre os mapas híbridos das personagens-imanentes que se desvanecem e se tentam traçar no mundo-interior-do-mundo\_\_\_\_descascar os estreitos das vozes (uma voz inominável que se repercute, infringe e se suspende: tudo se torna inoperativo e as substâncias mudas transferem-se em velocidades transformáveis num coro de vozes despenhadas): a dissemelhança e as chicotadas das margens recuperam os espaços impenetráveis, intransmutáveis ou será outra voz em decantação incomensurável, improfundável entre Eros e Thanatos? Ou, será uma relação com os onomatúrgicos? Assim o texto-poético simultaneamente se esgota, desaparece, surge na desordem fecunda, porque sente a intensificação da ausência ou a sonoridade do eclipse, ao tentar restaurar-se no extravasamento de ocultas amplitudes, inventando sempre os primeiros gritos no rio heraclítico (vive dos recomeços, das parturientes intensivas que extraem de si-mesmas as acuidades das aberturas-inexplicáveis até à turgescência empalhada pelos polegares mais silenciosos).

(Vida a intercalar veemências, interrogando o traçado rítmico do boomerangue-tubular-relacional). O poema se infiltra no interior do seu próprio apresamento, da sua própria dilaceração para criar a potência dos volteadores-mutáveis, as savanas, as estepes, os desertos, os despenhadeiros com a imanência da estranheza que retorna aos arcos do carrasco: libertar-se heterogeneamente com a receptividade espontânea da louca tentativa de reincorporar o imaginário infinito no alto-mar (dizem que a vida não é, e não será estribada, alicerçada: sua voz desaparecerá para refazer a lacuna, com o rumor do exílio, da errância \_\_\_\_ estremecimento do pensado-impensado no diapação litúrgico): entregar-se às sínopes avassaladoras, ao desejo da experiência do distante (o retorno da totalidade ou da infinita escritura a lançar desdobramentos nos larvários do risco, no abecedário labiríntico, na aventura da impossibilidade de pré-dizer: estes desmembramentos raros, multidimensionais em circunstância lúdica: delíquio caleidoscópico do mundo, arquitectado pelos acidentes do indizível ou pelo imperecível irreal: a origem recidiva e dá o salto para o vazio...emerge a despersonalização...daí, a necessidade de auscultar a palavra que desaparece na aproximação dos ordenhadores do poder)

A palavra questiona-se a si própria dentro de árias ajaezadas, dentro do alienígena, infringindo freneticamente as hospitalidades dos homens-cegos com adiantamentos, retrocessos, afectos, fugas, variações contínuas, acasos distintos-misturados-atravesados nas metamorfoses lidas pelo corpo encaçado e perseguidor: estes desnudamentos dos testemunhos intrusos remigram ininterruptamente para as mutações das escadas invioladas do poema \_\_\_\_ dizem: roçar a mutilação das rosas com a imobilidade das bocas (mosaico plasmado e estilhaçamentos espectrais a interiorizarem a gestação de anfiteatros evocadores de mitografias onde os batimentos dos poetas-surfistas se confabulam de travessias dentro de templos nativos e de inventários faunísticos) (sinuosidade arrastadora a vivificar a enciclopédia das bordas da cartografia corporal onde as falhas em agitação rotativa criam desacorrentamentos dos anexins, reinícios das incompletudes, unções de epifanias, armadilhas viris, desfigurações, reconfigurações, esculturas móveis, mantras que projectam a emancipação das faces matadoras das dinastias das faces \_\_\_\_ reflexo-eco daquilo que jamais acontecerá): os golpes criadores de desassossegos são confluências da agoridade/ancianidade=futuríveis-AMAPOLAS transformadoras de vivências abissais: murmúrios da insurreição em desdobramentos iridescentes: o poeta-surfista-biocósmico dissolve fronteiras ao denegar e assegurar as embocaduras das ondas criativas-do-pensamento-geológico-petrológico-arqueológico-atlético

(espessuras-sombras \_\_\_\_ inexauríveis, expansíveis \_\_\_\_ já-agora: e as parémias da idade da pedra lascada? E as fisionomias primordiais-procariotas da vida?)

Gerar fendas, vagaturas nos vermes, tempestades trigonométricas, fábulas petrolíferas e desaprender tudo-completamente. Depois absorver as polifonias, os contrapontos dos lodos salinos (acolhimentos de espirais, de sondas viandantes, de transes e de rotas com saltos espontâneos): estas imensidades, irrupções, precocida-

des irresistıveis das foras dentro de outras foras, produzem mıtuoos fulgores entre o sarquipelagos-em-deriva, as masturbaoes arquejantes das meretrizes e as intensidades corporais que sˆao cırculos da amenorreia, das capturas multidimensionais, ou seja, rudimentares evidˆencias nos haustos das temperaturas (abóboda desvela-se dementada sobre os extravios dos bichos-do-mato acoplados aos entulhos das ruas epilépticas\_\_\_\_\_a consistˆencia das úlceras enlouquece estrategicamente as navalhas-arteriais das tentativas de escritas: deslocamentos a dissecarem entradas, criando silêncios nas sequelas poemáticas dos TATARANAS, disseminadoras de tremulaoes transumanas\_\_\_\_\_inestancáveis (anfıtrıoes cuneiformes sˆao temeridades dos olhares adentro dos ostensórios rendilhados pelas mutaoes das sardas das mˆaos-imantadas): a palavra obsequiosa lacera-se, descentraliza-se e se confronta para se refazer, se dinamizar nas captaoes do vazio onde outra palavra se constrói, se revigoriza no desabitado dos ventres maquinais: (intervalos órficos cheios de assombros e de impossibilidades). Por mais que polvilhem os sobressaltos de Macbeth, as palavras-surfistas-sonâmbulas viverˆao persistentemente nos lumes-prontos da intermitˆencia, nas várzeas in-determináveis, in-acessíveis (espessidˆao cénica, delirante, sacralizando o magnetismo das partituras híbridas). Elas nˆao soltam esteiras, nˆao apartam cataduras, caminham na obscuridade-gorgulhante, na alucinaao das pedras-acossantes das janelas que provocam resplandecˆencia e espanto em qualquer meninge suicida das banhistas: travessias das estepes, nomadismo inapreensível, lances de resistˆencias, acontecimentos em contraste, danas geográficas, bifurcaoes efabuladas, tecelagens animadas-inanimadas, inscrioes engendradas nas sombras dos répteis: este enervamento debela a configuraao, a retractaao com movimentos acrobático-anfibiológicos que criam instantaneidades-corporais com revestimentos esfıngicos (defrontaoes inextrincáveis a forquilharem os pormenores das prenhezoes, a abandonarem povoados em todas as direcoes\_\_\_\_\_sˆao ecos dos desregramentos a escoarem as argilas dos tubarões em confronto entre o nˆao-dito e o mundo onde a estranheza imagética acontecerá possivelmente como exaltaao descomunal a entesourar-se no fantasma de EURÍDICE ): vejam, a palavra-cavalo no jogo da escrita que se arremessa loucamente contra os podadores de ladainhas fúnebres e se exalta, destrói no retorno da esquıvez dos faróis restituídos pelas rodilhas da ventana: intraduzível engolfamento das subtilezas profusamente arrebatadoras\_\_\_\_\_sim\_\_\_\_\_o espelho das lonjuras com bordas em galopada: o ASSOMBRO que nos leva para a incógnita das artes da palavra, para a sombra multiforme de uma liberdade feita de fábulas dessecadas pelos vidraceiros de hexâmetros\_\_\_\_\_poema esvaído avizinha-se rodopiando perdidamente nos olhos do assassino: é na mutilaao que o lacrau ressurgirá como comedor de cabeas afogadas: o poema!

## XXVIII

É nas topologias ambulatórias do silêncio que a palavra se desfaz-fazendo e se confunde com a imediatidade do corpo, se emancipa criando mobilidade insondável, reflexão transluzente ou será a revelaao da falha, o lugar-impossível em multiplici-

dade onde escavamos continuamente o que não-existe? Assim, as expressões raíam reavivadas pelos teatros das bruxarias perturbadoras, pelas repercussões da ofelimitude biomórfica que constroem jogos permanentes nos avoengos-ulcerados e percebidos pela emergência das palavras (bafo dos atalhos dos ciclopes): a vida se estria no deslocamento contínuo-do-poema, criando transmutações variantes dos enxofres de GOMORRA como planos do acasos arqueológicos a despontarem enfaixados na expectativa do desastre (palavra transfigurada em fuga sob a visão dos blasfemos e as cabeças içadas dos sanguinários) \_\_\_\_ sim: a palavra das varejeiras anuncia a deriva dos agrimensores dos pânicos onde os concílios dos espelhos se entumescem até à infusão das alforrias dos ALEXANDRINOS \_\_\_\_ entre os peritos das odiosidades os cravos do fascínio desnundam-se a si mesmos, fundindo cálculos musculares e atraindo os sussurros das feminidades que se elevam na devassidão, na insubordinação dos catalogadores de espíãs-omnívoras: a palavra se copula a si própria, se esculpe a si própria e faz des-aparecer o surfista-escrevente quando se afasta e se articula ao mundo como tentativa de recomeço no enlace-inorgânico das multidões-piroténicas: ela vive do afastamento, de misturas, de deslocamentos, do caos fecundo, errando, errando...,... palco-ALVO sígnico absorvendo atritos, divergências, acidentes para se entrelaçar na misteriosidade das arcadas fortemente tatuadas de vida ): o corpo-palavra-surfista reúne, cria vibrações, feixes, flutuações, forças afectivas num ritual de focalidades cósmicas-arquitectónicas, tacteando derivações, esgrimas-de-talismãs das ondas-por-vir (um ritmo excitatório-transitório em dissolução sem hierarquias é minado entre as melopeias encantatórias-feiticeiras e os faróis irremovíveis das geografias nutridas por infusão peninsular: as sínopes das viscosidades restauram os rebates de febre do poema com as grafias e os diagramas onde os recipientes tremulantes apodrecem nas topografias do leitor \_\_\_\_ desenvoltura oscilográfica a descarnar-se como reposteiros-  
-psicossomáticos nas aberrações das soleiras do cyber-espaço: no cascalho restante ondula o poema adentro de todo o arrefecimento orbital \_\_\_\_ a pendularidade aguça-se nos arredores dos alquimistas para lançar as expectativas de um perfil inacabado no esfalfamento das contrições: há quem diga: rastilhos azulíneos a balbuciar em nas carcaças amputadas \_\_\_\_ há quem diga: OLHO em riste nas farândolas).

O escritor-Sísifo-náutico absorve o devir-vivificante, as adivinhas, os espantos-em-movimento interseccionado nos holomovimentos petrológicos que resistem no espinhaço-em-ruptura-dançante e se energiza da sua substância em potência, das ininterruptas renascenças-ausências que se transversalizam na palavra-ziguezagueante instauradora de lances imprevisíveis no pensamento do montanhista-escrevente (voltagem entre ondas sonoras). Há um entrelaçamento indefinível de gritos, de andadas e de sombras, uma vocação faunístico-sismológica-jazzística dentro da expressão-surfista-sonâmbula-cavalgadora-Sísifia (resta-nos o deserto-em-descontinuidade como loucura-dilatada onde o texto-caminhante avança para fora de si próprio, ele é o próprio movimento do colapso: texto ilocalizável ou texto-comedor-da-extrema-lucidez a focalizar-se nas de-composições de fugas ou nas encorpaduras-anónimas que des-

troem acobaticamente as alagarças dos rostos através do azougue-volteador da casca-boi-cinematográfica' 1): as expressões-surfistas-escaladoras acontecem nesse confronto de paradigmas, de transfronteiras da distância-aproximadora, das forças paroxísticas, fantasmagóricas que se misturam, se abrem em leque, se interpenetram na fascinante ritualização regeneradora do inexplicável dentro da língua-seguida-pelas-bocas-cada-vérica: (as peugadas da meia-luz a encruzarem a visão-do-mundo) \_\_\_\_\_ o murmúrio da inconstância transumana, a perpetuidade da transmigração polissêmica tentam arrecadar as alucinações nas anestésias da infância dos bichos: os derrocadas-criativas, o murmúrio anónimo nas ante-câmeras das escrituras \_\_\_\_\_ a cegueira contínua enrolada acusticamente nas rezadeiras ESQUIZÓIDES com precipícios nas mãos.

Vê, o poeta atravessado por misteriosos VIDROS encardidos: gestos geológicos-gestos-inumanos, lanhos-abstractos, dilatações das gengivas navais: jogos-de-escutas-e-de-capturas que são cruzamentos da indecifrabildade urinada pelas estuações da ressurreição \_\_\_\_\_ os actos mágicos da putrefação dissipa-se nos cerimónias inexoráveis dos crânios-de-monco que embatem nas auscultações das amostras metálicas: desfocados andantes ainda persistem em dilacerar o poema entre as ténias epifânicas \_\_\_\_\_ os seus boatos terminarão sempre na exterioridade da olheira próxima à afetividade vermicular \_\_\_\_\_ .uma vagina é amplamente entorpecida na sua ATIPICIDADE exorcista: os contrastes foram devorados pelos cantares anémicos dos púlpitos do possível estrangulamento das serpentes; outra vagina-fálica é capinada no cheiro podre dos conselheiros de estado: os chacais cintilam loucamente nas cotações das bolsas onde as lamas das sanguessugas se entrecruzam menstrualmente sob as convulsões umbilicais dos carangonços: eis as leis da cólera-morbo a instaurarem-se nos uivos glaciares para esventrarem as línguas secretas dos bajuladores com os sémenes ensanguentados das putas-do-hotel-das-vocações (os carcereiros não desistiram de rastejar réis às bocas milenares dos afogados): estas bocas circulam nas unhas-esclerosadas dos legisladores como matemáticas cartilaginosas nos jugos da servidão \_\_\_\_\_ há quem veja os dorsais furtivos dos coveiros a coagularem-se entre laços-fetais \_\_\_\_\_ os detalhes das narinas ainda são espionados sobre as janelas fúnebres onde obsessivamente os abutres empalidecem próximos à vomição da assembleia das aurículas partilhadas pelas escotilhas dos risos dos carrascos....corpos dessecados recobrem as bordas dos esquifes: eles estão a passar por aí....: intensificaram os enforcamentos: todos esperam o sangue pendular entre as perseguições das rasuras caninas e as refrações dos necrotérios \_\_\_\_\_ raparigas silenciosas amarram-se às claraboias e transformam-se em parteiras-de-tricefalias \_\_\_\_\_ bicho hermafrodita...agonizando!

As tonalidades cosmológicas das rendeiras constroem aradouros contagiantes, ancoragens ourobóricas, átomos-de-sangues-instantâneos que colidem tremendamente entre as genealogias cartográficas e as espessuras ecoantes das falas-olhantes (algoritmo do olhar-sob-o-hiperespaço-em-desastre \_\_\_\_\_ a ENTROPIA materializa-se nos corredores de obstáculos, no acendimento soberbo das mandíbulas incalculáveis): estamos numa forja-movente que nos desafia entre o esquecimento aberto, a po-



tência do azul des-contínuo e as fisionomias-em-oposição\_\_\_\_este teatro-de-cirandas-de-expressões-autofágicas tenta levantar-se na VISIVA dos labirintos até à termodinâmica das mães-inconclusas e tão magistras\_\_\_\_as mães que perspectivam os desejos absolutos das CASAS (o delírio do problema-sem-lugar esbate-se com os hemisférios das variações das escrituras-vidradas e por detrás dos espelhos o arruamento jamais será totalizável): a artista feita de alavancas, de mandalas, de pinturas murais, de comportas caleidoscópicas de CARMEN FIGURATUM percorre o seu corpo-de-colheitas-espectrais\_\_\_\_colheitas que giram espantadas e desmesuradas sobre os cultivos da gravidade-de-HERMES (colheitas rasgadoras de espaços e a pergunta surge:\_\_\_\_quem somos nós nas vizinhanças inconfessáveis, nos vestígios embalsamados?: a ARTISTA parte na holografia-do-seu-grito, na oralidade-homérica de todas as energias-guturais e ausenta-se de si própria para se deslocar na subtracção-pulverizadora da escultura (as estacarias de vidro escavam-se interiormente, desfixando-se alucinadamente\_\_\_\_a artista floresce ciberneticamente e turva-se nos muros da sincronicidade das progenitoras de concatenações geográficas, de espacializações abstractizantes embebidas na harpas dos estendedouros-corpóreos (turva-se com a luz das oscilações-antecipadas): traz nas suas mãos a fragmentação coordenada e hieroglífica; traz as esmeraldas hemisféricas até às ilhargas das voltagens baptismas)\_\_\_\_por vezes as mostradoras de recomeços fendem as sinergias das colagens das anamorfoses nos limites das probabilidades que são acidentes em forma de deserto grávido de elipses e de olhares intervalados (os espaços pulmonares insistem em acender as mãos-que-retornam ao fascínio das matrizes, aos pêndulos numéricos até à desapareição onde a RENDA encontra as sustentações dos contrastes, as marcações das aranhas que rearticulam as deformações aos timoneiros das utopias)\_\_\_\_rodar o luminoso no choque das vértebras que procuram os tons ascéticos da antevisão(deslocação vivencial dos círculos-esféricos e das interfaces dos rostos-randômicos): dizem variáveis transpoéticas das vidraceiras propulsoras de parataxes assumidas pelas dobras-tácteis-permutacionais(rastilhos cardíacos incrustam-se no talento humano da labareda que se erige no próprio aniquilamento): alguém traz as inscrições primitivas-ilegíveis até ao transcódigo das mãos-escultoras (a grandeza física engendrada pelas frutas mais aéreas das lendas\_\_\_\_sim\_\_\_\_havia engenheiras euclidianas a cantarem nos ventres doutras mulheres, nos aventais perseguidos que sobem pelas facas da criação-com-duas-vozes-entrelaçadas\_\_\_\_outros observaram ossadas vivas na absolvição dos bichos fulminantemente centrífugos ): por vezes as relações imunológicas proliferam nas policromias do mundo-das-mãos-das-“janelas-ROSTA”\_\_\_\_ELA é já a devastação do sopro que se move no silêncio das imagens, na violência dos alvéolos impermeáveis\_\_\_\_VIDRO-ARACNÓIDE\_\_\_\_INVASOR dos gritos das desmedidas formas de vida que perpetuam os milagres das molduras-em-avesso (buscar a desestabilização sináptica nas esponjas do inexprimível onde o detalhamento dos pólipos é embalado pelas cavidades ópticas\_\_\_\_tudo se segmenta nas tapeçarias lávicas e a ARTISTA des-centraliza as faíscas das palavras-insistentemente-envidraçadas até às câmaras címbri-

das de MANDELBROT porque as vozes-altas anunciam violentamente as disposições fora de nós mesmos (fractalmente as distâncias dos vidros vivem no coração das águas, no exercício brilhante do sangue contemplador de sequências cósmicas) \_\_\_\_\_ ou \_\_\_\_\_ serão translacções da DURA-MÁTER a interiorizar-nos nos receptores dos feixes da insanidade \_\_\_\_\_ ou será o DISCO de FESTOS nas armadilhas ciclópicas a desencadear as línguas-do-nada dentro dos arrancamentos amorosos (continuam a dizer floresta-possível rés às bocas das criaturas indistintas): a ortografia-galáctica pela mão-dentro, pelas mãos tridimensionais cheias de candeias-convexas: mãos grandiosamente penetrantes nas esferizações electromagnéticas: as mãos pensam que as cabeças apócrifas nos desdobram, nos mundificam deserticamente, pensam que nos incendeiam no ar das arquitecturas bárbaras; PENSAM que são neurotransmissores \_\_\_\_\_ pensam que são transferências onipotentes): vejam as forças dos silêncios dos MITOS-DINÂMICOS onde os lapsos dos cubos rotativos despontam através das latências das estufas-placentárias \_\_\_\_\_ dizem que a vidraceira se despede sucessivamente das temperaturas das sementes abissais porque a sua autonomia é feita de danças polifacéticas e uma animal cerca-se de ciências-dos-alpendres semelhantes às latejantes águas das casas-sem-noites ): gerar deslocamentos e abandonar os ecrãs dos perfis por meio das tatuagens desejanter, das eclosões polissêmicas das modelagens, das ALCARSINAS sensoriais ainda hoje repetidas pelas luzes cegas das marinheiras curvadas pelos fenômenos das lombalgias loucamente penteadas pela menstruação inteligente das superfícies onde germinam destacadamente os núcleos das sombras debruçadas nas portas dos vulcões (dizem\_\_ vulcões \_\_\_\_\_ porque a prestigiosa Cassiopeia circunda entre os rumores das falanges-triádicas da ARTISTA) (intercorporalidade estilizada na diversificação-totêmica das mãos incansáveis sobre as sábias vasilhas contaminadas pelas arestas de uma máscara de lume \_\_\_\_\_ outros descreveram uma máquina de coisa nenhuma (que poderá ser tudo sob qualquer olhar pendurado livremente nos varais das tentativas de assassinar o tempo \_\_\_\_\_ sede inventada num joelho impossível) \_\_\_\_\_ sim a máquina das distâncias-extintas a infiltrar-se na lei de Malthus-da-sensibilidae: redigo \_\_\_\_\_ vejam a disrupção estetizante dos membros barrocammente ibéricos adentro das forças renascentistas-medievais como crustáceos-geométricos esmaltados sob as patas-em-rodopio dos mamulengos-CENTONES): sim, mergulhar a candura acelerada das cabeças-secretas no mercúrio geodésico das sensações, nas forças afectivas inadaptadas, insubordinadas \_\_\_\_\_ forças que fogem ao controlo da vida, recuperando os interstícios-anónimos onde os olhares abandonados sangram sedutoramente (paixão das coisas-sob-as-coisas que perturbam os duelos inoxidáveis do universo). Coberta de devires-perto-dos-deuses \_\_\_\_\_ as rosas das possibilidades causam dor nos arenários do pensamento, na cintura seca que escapa aos estribos: outras vezes os muros minúsculos das taças são caiados pelo PIXEL do caos e as alterações levitam nas formas abaladoras das crianças-que-jogam-legos, e nas mulheres com as equivalências infrutíferas nos ombros \_\_\_\_\_ zonas de desdobramentos desviam os cálices de progênes seculares, criando fendas, absorvendo raias onde os espelhos ardem para além dos cavalos-sur-

fistas-artesãos em fuga e de fuga\_\_\_\_ traços de expressividades ADENTRO dos cardumes divinos, possibilitando itinerâncias plagiotrópicas nas caligrafias das metamorfoses, itinerâncias contínuas das carpideiras cheias de bocas onde articulam as batidas dos pulsos sobre as caudas da infância-da-poesia-respiratória: intransponíveis desertos-líricos, crepitações babélicas a revelarem as palavras transfiguradas: talvez sejam os mergulhos no caos-anagramático e a ARTISTA-das-liras-dispersas inventa-se, antecipa-se nos batedouros astríferos como um corpo de terra-marítima feita de cânticos extasiados, feita de pálpebras que giram nos movimentos indiscerníveis das fronteiras-sem-fronteiras por meio da cataclísmica transição vítrea, da cerâmica rizomática suspensa no carbonato de sódio: projectar prolongamentos, devorações, híbrides, combates fenícios com o bisturi dos ciganos de ANDALUZIA: olarias reacendem os fogos dos dedos, os fascínios dos mercadores das pedras de natrão, das cizânias sob as bigornas líquidas da arte-dos-fogos-de-lenha (intersecção dos vestígios espélicos-babélicos no olhar-carburante): eco a rodopiar nas vozes heraclitianas, vozes florestais que desafiam a vontade dos deuses: a ARTISTA vitrificante e fundente holomovimenta-se nos quartzos poéticos que se prolongam, se invadem, se interrelacionam na transgressão dos corpetes da língua-incandescente, no carvão que desaparece no seu próprio esboço-de-assentamentos e se petrifica ainda mais nas tensões das divindades (amar a ARTISTA na finisterra entre milhares de embarcações): MATÉRIA- FLAME-JANTE\_\_\_\_ transmitâncias de estilhaços, resistências mecânicas, des-equilíbrios, inseparabilidades e as obsidianas continuam a mediar, a conectar o indizível e a drenar os conceitos azuis com os archotes activos das bicicletas, com os encadeamentos de choques mutantes: este prodígio enérgico interseccionador dos rituais lancinantes do mundo, da compactação das imanências da VIDRACEIRA envolve-nos nas origens egípcias (ou será o furor da ruína versátil da condutividade-térmica que lapida as vinculações órficas através da transferência do sublime dentro da dessemelhança epifânica, dentro do pensamento que amamenta os girassóis agarrados às espécies irrompentes da noite tocadora de poetas mediterrânicos): a ARTISTA DIZ-NOS que as disposições das dedadas não subsistirão porque as cores dançantes, as formas imponderáveis, as resinas, os sons, os gestos, os ritmos, as amostras, os riscos, as falhas descobrirão a consistência das calamidades dentro da transitoriedade lúbrica e tudo será arrancado ao anonimato dos respiradouros das órbitas (memória suprema dos dedos nos tijolos refractários): a palavra-vidro resiste a si mesma, mobilizando afectividades, absorvendo interrupções, vascularizações multangulares e amenorreias do inominável (transformações das vagas dos alvoroços, dos rumores das respirações ou SE-RÃO musicalidades do mundo nas mãos cirurgicamente espelhadas pelos turbilhões preciosos das curvas das avós? As avós com emaranhadas muralhas a escorregarem na ferocidade dos assombros e tudo avançará juntamente com os ofícios cegos que cantam em arco à entrada de outras erupções que pressagiam as setas da imensidade : eis os casulos panorâmicos a infundirem os minerais espasmódicos da ARTISTA (fez-se da vontade as linhas da alegria, a memória terrivelmente inconclusa entre desejos an-

gulosos): vida incomensurável roçada pelo espírito do espanto: a prodigalidade das mãos anciãs incarnada nos pergaminhos ditirâmicos \_\_\_\_ ou será uma médium-fractal atravessado na renda-em-vidro?

## XXIX

Os poetas-lahars inventam espectogramas, estendais, falcoadas, forjaduras das vidas impossíveis, lugares estranhos, esferas de várias dimensões, metâmeros-sígnicos que se devastam entre a sedução das alavancas polissêmicas (lançamentos ópticos, pluricelulares entre-mundos-matemáticos \_\_\_\_ sons expansivos e em recolhimento no corpo transversal da escritura-sem-sono): cadência dos abalos, jogos-de-risco, colapsos do já-dito e a falácia se vira no vazio das navalhas que atravessam as traições das vértebras (paralisia dos goles sonorizados) \_\_\_\_ epílogos dos desnudamentos a pulverizarem-se sem biografia e a medicina bate nos arredores-MILENARES dos alucinados: eis, o grito antiqüíssimo da evasão dos bisontes, do desabamento dos ascetas, dos acordes inanimados \_\_\_\_ crueza das nevroses das ferrovias: reinventar as transferências das sombras que são arremessadas na loucura-dos-entrelaçamentos-de-contrários ou será sempre o uivo da arte incicatrizada que arrasará as narinas da uniformidade, desorientará e subverterá a fotógrafa/poeta constituída por murmúrios abrasados? Ou será a surfista-poeta-sonâmbula que se desdobrará na insaciedade das (não) chegadas, das (não) partidas, das interfaces das línguas-náuticas-espectrais? procurar em forma de perda, de flutuação, de tensão e de excídio glamoroso: sim \_\_\_\_ as chegadas, as partidas, as saídas, as mobilidades, as absolescências se fundem criando pregas dilacerantes, evaporadoras \_\_\_\_ os olhares-andantes finalmente escolhem os desvios das laringes gesticuladas e as fracturas da incompletude dentro da plasticidade dos mitos em metamorfose incessável (os preparos das toadas zoológicas) \_\_\_\_ redizer: as PERDAS numa paleta de aves migratórias(vaivém dos ecos sanguíneos): sedução do olhar sem respostas, os enigmas inscrevem-se exilados nas forças dos atravessamentos, na imersão-emersão dos ecos do devir: o rumor do interior exterioriza-se e prolonga-se para assumir a não-pertença que infinitiza a aventura do caos-criativo: fabulosa transição da luz-obscura buscando incansavelmente fragmentos estéticos para antecipar vida e fundindo vida eis o holomovimeto plurímota, a errância raiada entre rastros paradoxais e os esboços mágicos profanam o sagrado através da floresta-desértica desse olhar em disrupção, em efracção inacabada porque há um navegador de improbabilidades em dispersão estrangeira e nada fica diante de nós, nem fora ou dentro de nós, apenas uma dança do inexplicável tentando encerrar um astro que interage metamorficamente com as vizinhanças das fissuras atmosféricas: a circularidade e a cosmicidade feiticeira simultaneamente retraçadas pela fulguração das superfícies multiformes da ÍRIS-OLHANTE-IN-VISÍVEL \_\_\_\_ SIM \_\_\_\_ a intermitência nas sombras ardentes dos fosséis que interrompem a orfandade do vazio e resgatam geografias tensionadas pelas turbulências intersticiais \_\_\_\_ a urgência de destruir fronteiras, de construir cruzamentos da indecifrabildade, acoplamentos da indiscernibilidade, migrações heterogêneas, esfinges moventes e magnetismo da estranheza \_\_\_\_ interrompendo

os circuitos do olhar-com-o-estilhaçamento-de-outros-olhares-embaciados que jamais suportarão as evidências\_\_\_\_a reflexividade e os traços dos jogos espaciais assimilam as expressões sísmicas-emergentes para deslizar, perverter e ampliar as coreografias oscilográficas\_\_\_\_o irrepresentável nos emancipa e nos desterritorializa\_\_\_\_tudo tenta fugir ao des-assombro fantasmagórico para recuperar o corpo-mundo nas lacunas da luz excessiva, na eclosão da matéria nas dobras da incomensurabilidade, na vibração das multiplicidades semantúrgicas\_\_\_\_os fluxos de quem nos olha\_\_\_\_os micromovimentos das ruínas sobreviventes do prazer espélico que reconhece a fascinação do inapreensível\_\_\_\_o zigue-zague epidérmico está aí, restituído pelo AION da visão que desaprende, infiltra, gira e vaza outras visões que nos levam para a transmigração do imaginário e para as imanências que reabilitam os encantatórios rituais da alucinação do olhar que rapta o olhante tatuando as rotas da miscigenação com rebentações animalizantes, com archotadas surfistas\_\_\_\_o OLHAR acontece no dínamo do LAHAR

o olhar interiorizou-se no exterior da ruptura cosmogónica que habita as câmeras desdobradas do poema entre os alforjes dos alfarrabistas: transição dos arcos matéricos e as superfícies dos uivos estilhaçam-se, devorando as interposições das grunhadeiras maternas: o corpo vibra na última tatuagem alienígena que regamboleia sedutoramente no inumano : os olhos masturbam-se com as tentativas do inacabado, resta o silêncio estético no gesto derrubado, antecipador da cegueira saltadora de paradoxos que iluminam o horror do infinito: a força do mundo torna-se a única incerteza porque a soberania da escrita acontece inesperadamente no risco da orfandade: o corpo abala-se e dissipa-se musicalmente onde ninguém pertence: esta recusa que reconhece o lapso amoldável e estimulador de escutas geográficas e expostas na sondagem do transe; a loucura recomeça sempre nos ecos da casa onde a palavra do corpo é sempre ameaçadora e indeterminada, a palavra que oscila no acidente da espera sem cronologia, sem rosto, apenas, torção, fantasma e dança piramidal da vida\_\_\_\_circularidade dos ventres aforismáticos e as mandalas esboçam todos os lugares plenos de vontade de se abismarem, de se transbordarem, errantemente: suspender a sombra nos circuitos onde os olhos se pendem para soluçarem na busca do invisível\_\_\_\_o poema retorna em forma de nó-sempre-amarrado-livremente-pelo-alcance-de-todas-as-línguas) (repetindo-se distintamente nos limites das forças, a palavra poética entrecruza-se com os incriados, com os desconhecidos, com os intervalos e incorpora-se na própria ausência de si, na própria perda que dissimula o boomerangue-ziguezagueante da vida, pensamento, arrastando a sismicidade dos lugares-lúdicos para projectar experimentação psicotrópica, opiácea: não existe vida, mas entre-vidas acesas-plurímodas e tudo é lançado para a inacessibilidade, para a desleitura do mundo que catapulta os vórtices, o indeterminado, o indistinto, os labirintos revivificadores das expressões-em-estremecimento, das perspectivas-em-meteorização, das teias silabárias: estetização de uma desescrita tribal-oceânica que acontece no anonimato de um corpo em fuga sem certezas, arrasador de modulações e que incarna transferências para



descavalgar, des-surfar semiosis: corpo interrogador e desorientado entre escritura, memória, choque-centrífugo-centrípeto, tentativa de emancipação da sombra-alabastina do texto: a sua presença é já a violenta ausência, o reflexo do des-conhecido porque a sua textura-trama-contextura vitaliza-se no extravio, nos eclipses-quase que são ecos-visuais de uma emersão perturbadora, aproximando o longínquo que menciona a instabilidade do mistério, a defluxão da criatividade, a vocação dos mostradores de fugas que se negam e se re-criam no silêncio fantasmático da terra-aquática:)

A sismologia do poema acontece dentro dos cânticos das sombras, dos feixes uivantes, dos velejadores do mundo com ganadarias sustentadas pelas constelações ensimesmadas que impõem os umbrais dos pássaros entre os cascos das elipses sem origem nem chegada\_\_\_\_acontecer dentro das línguas nativas-zodiacais, dos ecos colhados de pensamentos órficos, de dínamos transumantes que carregam a antimatéria através da imagem quase polinizada que nos observa nos arredores das vésperas do veneno porque se arruinou nos prepúcios das probabilidades (o eixo exclusivo do vaso arqueológico dignifica a incrustabilidade dos incêndios-da-palavra e o desejo escreve na falha dos pássaros dos pretéritos, reescreve as estepes do agora que bate na entrada movente dos bichos e se faz desfolhamento de si próprio até ao sangue do coração acronológico): tudo rebenta nas arestas da poeira alimentada nas narinas com lances que friccionam as curas entre as talhadeiras egípcias\_\_\_\_excertos incessantes, intervalados, suspensos, ampliados pelos olhares fragmentados que tentam fixar as contradições das mães desesperadas: oscular os pêndulos dos rumores e a sedução anunciada cartografa-se dentro dos batimentos tresmalhados das feridas prodigiosas): árvores vulcânicas e locomotivas da infância dentro-e-fora-de-tudo-e-em-tudo\_\_\_\_bosque espacial, espessura dos bastidores das heranças sem datas, deslumbramento do espaço desviante: esta perturbadora visualidade abandona-se nos casulos do desastre da astúcia onde um olhar se olha com inevidências espectrais (palavras das lendas, relâmpagos em circunferência, vazios das crateras que recusam os caules carbonizados, estontamentos dos interfaces acústicos ausentes dos crivos onde surge a experiência do devir-mundo decantado pelo aluvião da cegueira\_\_\_\_sim\_\_\_\_o mundo descentrado-entrecruzado-clandestino entre os rastros energéticos do texto adjacente escorado nas visões antecipadas cheias de estrumes arteriais e de sedes enrodilhadas entre os amantes da urgência e o tacto das equivocidades): as polissemias infinitas, a voracidade dos signos, as cartografias desassossegadoras, as epifanias imperscrutáveis, as travessias caóides fundem-se criando as peugadas cambiantes do poeta-tuaregue-cavalosurfista: (vestígios-do-grito-de-forças-múltiplas que se esgueiram no fulgor cromático das incertezas e tudo é uma distração estética a esboçar refúgios éticos-geodésicos e as dialécticas dos socalcos nos arrastam e nos varrem até aos ritmos dos colossos onde adolecem os deuses metamórficos do deserto-dos-cegos): o eco em glaciação, em circunvalação absorve a voz-não-falante que submerge e se transverte em sonolências-in-visibilidades-das-últimas-raias onde as formas da quase-visão despontam nos traçados dos obstáculos devastadores que evitam o incurso clarificador e os hábitos das

falhas dos rostos (esmalte em desassossego, terraplanagem nos pousios falsos onde as azagaias se esgotam, se enxugam repetidamente sob esquecimentos contraditórios propulsores de espectros remotos: aqui a exageração do olhante é já a casa-movente do astigmatismo): eis, os expurgos da geografia do grito a inscreverem-se diferentemente nas navalhas dos vazios das proximidades escaladoras que acontecem nos atáides-geodésicos como abalos corporais, sem alívio nas zonas-perdidas-de-vista\_\_\_\_será a memória-do-devir-monstruoso dentro desta tentativa de renovar o sangramento-ibérico?\_\_\_\_sim: a magicatura das falanges-de-barro-vibrante que nos desvia da escritura da vida, fazendo vida-ecoante-de-escritas-informes?

(O poema procura a natureza-infinita na densidade obscura, nas rebentações das polaridades astronómicas, nas celsitudes da intermundanidade \_\_\_\_DISTÂNCIAS do olhar em efusão: ampliando as dobras das forças incessantes-desfiguradoras SOBRE as criaturas que esquadrinham as ressonâncias dos ecossistemas-em-queda: esta busca animalizante das vozes entre os ecos das dobras trilhadoras de sedução-incrédulas e de fronteiras-móveis fazem do poema um cântico simultaneamente mortífero/germinador a invadir a protensão da distância-intangível, o paradoxo inacessível do vórtice-materno\_\_\_\_eis o longínquo que perspectiva as rasuras do animal-pensante entre a negatividade do nome-que-jamais-voltará e a epifania do impronunciável): aqui, a descentralizações-corporais, as cirandas-oscilações-pulveriformes criam errâncias nos hibernáculos, na grandeza fabuladora do deserto, na matéria das composições secretas INCIRCUNSTRITÍVEIS porque o poeta é já a voz de muitas vozes-entrecruzadas-em-lahars-da-fascinação-do-que-não-existe: choques da loucura dos vários possíveis e dos vários contrastes que esvaziam e aceleram o corpo-estrangeiro para o tremalhar no acidente silencioso: espiral devastadora, vozes em fluxo-humano-inumano para além dos retornos: linhas do fim da memória renascendo nas vozes-sem-lugar ou serão círculos dos sopros-das-gigantescas-candeias a tensionarem os bisontes da distanciedade(incorporação do inexpressável, da fragmentação vivíssima da dramaticidade, da explosão afectiva das costureiras dos choques): esta-voz-grito-de-lucarnas-e-de-valvas recolhe-nos no alvoreço devaneador, na sucessividade catalisadora das intermitências e das talhadeiras sígnicas-a-sígnicas, multidireccionais onde as luzes ressoam em si próprias, incandescendo a convulsão do des-aparecimento do corpo-quase-animalizado removido pelos vestígios das jazidas dos historiadores de sombras (as expressões transmutam-se para se conflagrarem nos múltiplos dilemáticos da vida, na deflagração inexorável da vida: expandir a heterogeneidade coreográfica na anatomia cosmopolita do corpo que é a gestualidade abismal da escrita: uma zona de intensidades contínuas, um oscilador de despinturas sobre a transmutação de vertigens moleculares-cosmogónicas (corpos e pensamentos em crises que procuram continuamente as ruínas da violência orgiástica e o acolhimento das emergências, das estações vertiginosas: mapeamentos polinizadores dentro da cinematicidade tentacular: as síncopes das expressões, as triangulações dos gritos-dos-reinos-do-vazio, a volatilidade das redes neuronais espacializam a fenomenologia tribal-de-aborver-os-

-outros-sem-esperar-esperando, as permutações esfingicas dos poetas-surfistas-escaladores de contágios criados por dentro da tempestade feita de avessos):

### XXX

A palavra transversalmente acedendo à proximidade do descaminho, à vizinhança do desaparecimento ou à transposição do grito-suspenso, físgado no calcário egípcio-sem-artrópodes que o intensifica e o destrói na sugestividade agramatical-libertadora\_\_\_\_as placentas fenoménicas naufragam nas amplitudes dos animais encarcerados ao idioma que se desmancha na fome do silêncio\_\_\_\_ estamos perante o esfalfamento da celeridade mineral dos astros desenhados na dor dos abdomens maternais (o desgosto morre na menstruação dos alvos-dos-pirilampos para se repetir na doença das batidas das labaredas onde as lacraias indeformáveis prometem bússolas dentro dos homens perdidos na antonomásia): (a indizibilidade da estirpe diante das pleuras moribundas, as dobraduras das ondas-pranchas-surfistas-sonâmbulas arcam a fabulação da morte que colhe o murmúrio das outras sombras onde o corpo se esqueceu de si próprio ao absorver a devassidão das expectativas\_\_\_\_ tudo desaparece, desaparece criativamente no interior geométrico da boca de GÓRGONA: vácuo incoativo nos ritos venerados rés à matéria do isolamento dotado de emergências que modificam as subversões memorativas e o olhar-cubista reconhece a destruição das linearidades com o blecaute das charneiras, com a exuberância de outros ecos paralisados noutras polifonias-quase-traduzidas no cromatismo do deserto\_\_\_\_a circunscrição esculpe-se nas faíscas dos vestígios e a imagem da poeta inflama-se na distância de si mesma (um olhar anacrónico reinventa-se no chamamento das lendas) \_\_\_\_ironização do olhar descoberto pelos destroços do chão e tudo é repercutido na prematuridade do avesso que deflagra nos ruídos dos colecionadores de desfigurações ou serão rumores das jazidas, das escavações dos poemas- deslembrados onde nos podemos desvendar sob bosques reverberantes?: o esquecimento na voz-em-falha e as mandalas-bizantinas do pensamento fazem do poema uma dissipadora vertente-inacessível\_\_\_\_uma contracção da longitude que tenta afastar-se da obscuridade através de outra adjacência inatingível\_\_\_\_golpes de adagas nos carbonados dos anopluros sem bulimia\_\_\_\_parecem teoremas na exegese dos guardiões de esculturas anunciadas pelos nomes agarados aos ritos informes de quem espera):

Há um movimento dinâmico dançante, cantante, vibratório\_\_\_\_ há uma circularidade elíptica, uma rasura sonora-mítica nas escadas juguladas dos carrosséis de calibres incoativos (as facas das mulheres orientam os atalhos das intempéries: há linhas mutantes em agitação, visões impreparadas nos abantesmas dos relâmpagos): continua ciranda de zonamentos fractalizadores que plasticizam as teias de fluxos isossísticos, persianas multicelulares, cavalos transmissores de eixos rítmicos, eixos adoradores de abscissas insalubres onde os poetas-surfistas se dissipam, se trespasam na espiralidade das pranchas engenhadoras/barrocas loucamente miscigenadas pelas ondas interrogadas (hemisféricas) que se incubam no desaparecimento desli-zante, nos chocalhos colossais da velocidade da velhice quase nocturna\_\_\_\_ um ani-

mal estacado ouve o engenho contaminado das trepadeiras e uma palavra acolhe a desmesura do seu movimento até se perder no cântico da morte onde o corpo do poema atinge o rompimento da alegoria fixando-se à matéria da força do olhar das esculturas africanas (a palavra-lahar sai da sombra, faz da saída o seu encarceramento dinamitado e atinge todos os ângulos do labirinto incestuosamente dialectizado \_\_\_\_ vejam a ressonância dos bestiários, os empuxos cobertos de fisionomias dimanadas para fora-de-si-mesmas (animais arcados encaixilham a palavra-lutuosa no círculo das vidraças onde os dias propagam o sangue dos carrascos que ainda bordam os atalhos das aves migratórias adentro de cabeças-em-locomção: a palavra reconhece a exigência mítica ao ultrapassar a diafaneidade em forma de mandala que é pensamento jogado-revirado no corpo sem mapa geográfico \_\_\_\_ palavra atinge o seu arqueiro, absorvendo-o fora de raridades abandonadas).

As bainhas do arrebatamento, o desassossego intenso de quem acena às mitologias \_\_\_\_ os estados de indeterminação dos escultores de vestígios defrontam a espera em forma de tragédia-criativa. Presentifica-se o despojamento do solo repleto de cortinas sem história; a fulguração de capturas ocultas elucidam os traços da onnipotência ou serão as centelhas falantes que exigem as rasuras da renúncia entre milhares de vasilhas-fascinadas-pelo-vício-de-quem-acolhe-falas-extintas em direcção aos impulsos dos naufragos? Forças motrizes multidimensionais, incisões antilineares-camaleónicas transformam as vestiduras inférteis dos xilofones em sinalizadores de casas ressuscitadas: a palavra é absorvida pela égua adoradora de obstáculos \_\_\_\_ a cavalgada se abre-em-nós entre as vistas geométricas e as intermitências moribundas que fecham novamente o corpo-desproporcionado \_\_\_\_ a égua mira a passagem inacabável e nunca alcançará a sua sombra indecomponível (o deserto combate a sua própria ressonância, a sua própria intrusão de embarcações múltiplas \_\_\_\_ alguém grita pela autonomia da metamorfose sem bandeamento: uma cabeça cartografa o alcance das avenidas vazias ampliando as peles dos últimos jaguares: nas estações secas ecoam as línguas do ascetismo onde todos os animais procuram os princípios das perspectivas \_\_\_\_ sim \_\_\_\_ todos os animais raiaram-se nos espelhos espectrais que reposicionam os restos do excesso da memória-estriada \_\_\_\_ a supremacia de quem nunca repousa (uma cremalheira de cinzas-cáusticas)

O poema irrompe extremado, intenso, policromático, cheio de esfinges e descampa a-historizando, cartografando a voz-muda do vazio, a sublimidade das corpologias-em-planos-mutáveis (o poema ausenta-se nas turbinas da transmutação dos sentidos-ausentes, nos pontos de vista das cicatrizes ecológicas, na temulência, na exaltação do acontecimento-da-encruzilhada para sobreviver ou recomeçar na evidência indecifrável, no caos das probabilidades, no olhar movediço que reinventa a vida na experiência do desaparecimento). Repito-Recanto: o alfabeto-surfista-sonâmbulo é um larvário-náutico-de-dinâmicas-tecidas no pensamento-mitopoético, nas superfícies de possibilidades polívocas \_\_\_\_ exuberante vertigem, riscadura de subversão, gerando ruínas, transbordamento e fertilidade de adivinhações: enfrentar fronteiras-

-desejantes com o inacabamento e potencializar entre-fronteiras, transfronteiras, destruir fronteiras com a germinalidade dos espelhos dos planos fricciondos, com as oficinas primitivo-geológicas-verbais, com o grito dos arquipélagos em metamorfose, com as expressões que se reproduzem dentro-e-fora das topografias corporais (a poesia provoca, gera perseverantemente a defunção, a cegueira para se abandonar e se abrir ao profano-sagrado, ao estranho que transmove a crueldade estética dentro da fragmentação do próprio-leitor-poeta: eis, a fantasmagoria da nudez raiada, da derrocada do flecheiro no ressurgimento da palavra-despedaçada: palavra debandada, espionada, acolhida criativamente na catástrofe ou na dissidência do deserto lançado para a gigantesca voz-gritante, para os arados cósmicos da arte-porvindoura: a imperecível diferença, entremeada de reflexos feiticeiros que marcam as usurpações daquilo que não existe e o mosaico-sígnico-a-sígnico continua até ao verdadeiro afastamento legendário, seguindo os rumores deslocados pelas direções-errantes, pelas infâncias babilônicas (a fabulação tenta viver no inacabado): a língua falante, a palavra-pensante no espaço vazio, nas misturas das cavidades, na visageidade dos alvéolos, na mestiçagem das viagens escoadas pelo vórtice uivante\_\_\_\_as expressões, sim, aguilhoam, reproduzem, alargam, irradiam, diferenciam, contraem e recusam para manter subversivamente o caos, os estilhaços, os naufrágios e a clandestinidade mistificante: então, os delírios tracejados, as contaminações termodinâmicas, as dobras irrefreáveis exercitam as escavações das lacunas para transporem os alvos da dança inapreensível, dos sons tremendos da inexistência (rugidores do transe, das línguas encalhadas no bolor de outras línguas onde os animais se deformam e se transformam em obstáculos até às sentenças do riso que antecipa e bombeia os romances das engenharias do estrangeiro-quase-animal\_\_\_\_o corpo reconhece o tear do fogo-réptil e é absorvido pela topógrafa polilinguística e tudo avança nas intensidades caninas): os acidentes dos itinerários labirínticos fragmentam-se repetidamente nas ocorrências mudas onde as lâmpadas dos frutos jorram insectos sobre as bocas dos enforcados-pela-lucidez-descomunal: entrecruzamentos da vida, da memória-porvir onde o matador-escutador da língua é já o encaço oracular da escrita\_\_\_\_a vibração da escrita apropriou-se do corpo que se aniquilou ao reproduzir simultaneamente várias tatuagens no olhar-esferóide: as tensões da língua estão aí\_\_\_\_no trapaceador que observa o seu roubo dentro das contracções dos ventres maternos, dos ventres de todos os ventres infixáveis.

### XXXI

#### A VIDRACEIRA LAHARSISTA

As palavras sorvem a luz da fenomenalidade das rotas do estrangeiro que confortam os braços dos destroços da artesanaria (vidraceira ausenta-se nos osciladores da língua do deserto): dizem que são as cortaduras de adaga na dialética das trepadeiras das estações secas sem origem (as OSTRAS dos aforismos movedições enrodilham-se anesthesiadas pelas rédeas dos olhares enfermos rodeados de luminárias em jejum e o mag-



netismo da secura indetermina-se nas transmutações das vozes furtivas que amontam em si a germinalidade dos ecos inóspitos, os abecedários dos animais iluminadores de expansividades em fusão descomunal): dentro do prolongamento dos contrários, da potência do retorno vitrificado e da errância paroxística, estes arcos de pedra-dos-larvários absorvem os cultos da reflexividade do indizível fortemente desfocada pelo fogo inobjectivável: as ciladas transfronteiriças procuram a indeterminação dos vocábulos arqueológicos percutidos sob as atonias dos maçadores-de-desaparições (contaminação dinâmica da celularidade enfeitadora das criaturas em desertão e as absorvências do vidro irrompem nos atravessamentos encantatórios das faces multiformes, na aventura infinitesimal do holomovimento das nervuras da artista com lahars-babélicos-multifocais \_\_\_\_ sem repouso \_\_\_\_ ) submersão dos abalos a reabilitarem a escuta vadia da estética das falanges com erosões insondáveis a provocarem a exaltação circulante do mundo, das teias das magnitudes dos epicentros da orfandade: eis as dilacerações em intermitência colossal a fazerem dos interstícios incicatrízáveis as forças circulatórias dos fósseis fundidos nos transbordos esfíngicos das áreas atemporais de todas as forças indiscerníveis: chicotes imprevistos das desescritas entrecruzadas nos renascimentos móveis da sedução e das capturas oscilográficas que nos levam para o estonteamento da ritmicidade atmosférica dos corpos sismológicos, fortalecidos pela perplexidade dos raptos intangíveis das cartografias da mestiçagem (os andarilhos das falas indeterminantes atraíçoam esteticamente as origens de outras vozes esquecidas nas singraduras zigueagueantes para interrogarem os desaparecimentos lúdicos dentro das deformidades e os miasmas dos alquimistas gritam pela não-pertença das engenheiras giratórias noutras direcções das pirâmides escalonadas) \_\_\_\_ sim \_\_\_\_ o paroxismo das gelosias desfere as feridas das composições intersticiais com o anonimato das navalhas pisoteadas entre os moscardos esfomeados e desovados nos pulsos obsequiosos da vidraceira que é em si uma não-habitação, uma não-paisagem que recupera o som do fogo invisível com o seu próprio desnudamento, com a inacessibilidade libertadora de arrasamentos-cantantes e criadores de tensões soberanas que fazem da transição dos visitantes um advir-lávico de interrogadores sonâmbulos (a palavra sem fronteiras tenta percepção sua velocidade por meio dos recomeços desse fogo enregelado, umbroso, destruidor de julgamentos, rompendo babelicamente gorgulhos uivantes com o núcleo da inapreensibilidade da vida recuperada pelo abandono do silêncio, pelo verbo accionador da vidraça feita de falhas subversivamente murmurantes onde ressurgem os outros rumores dos enfrentamentos da arte conectados aos cânticos mais interiores que reconhecem os povos desérticos fora de nós-mesmos \_\_\_\_ reinaugurar a negação institual do mundo em desassossego com o vidro impregnado de trilhas-Aion, de golfadas de êxodos entrançadores de epifragmas hidrodinâmicas): eis a repercussão das falanges poliédricas e desorientadas nas suas próprias migrações onomatúrgicas, no seu próprio silêncio absoluto: eis os pulsos-fluviais das vocalidades a reiniciarem-se no acabamento da escultura provocadora de dissipações de vozes sagradas e pulverescentes, sem qualquer serventia, desfigurando

cadafalsos com os batedouros animalizantes de toda a magia piramidal dos arquitetos dos espaços de acidentalidades \_\_\_\_ tudo se transforma numa personagem irrealizável, numa inscrição de delírios colectivos incapazes de dizer\_\_subsolo\_\_ nos olhares subversores da vidraceira, porque as raias e as redobras estão repletas de espelhamentos concomitantemente inexpressivos e contagiantes: um olhar das forjaduras do deserto que nos ultrapassa indiscernivelmente porque vivemos nele absolutamente estranhos-heraclíticos e sem procura (vitrificações suspensas nas sínopes meteóricas de todos os volteadores que circundam as oficinas da ausência de nós-mesmos: os assaltos das vozes geográficas tornam-se sinoidais-ondeantes com fundações em risco caleidoscópico, em risco silenciador de conexões placentárias, de confabulações sinérgicas: a vidarceira acontece sempre nas forças invisíveis que vivem dos ecos dos forasteiros desnorteados): esta dobradura vertiginosa antecipa-nos adentro da antiguidade ambígua para aquilo que não sabemos, para a sublimidade da cavalgada inexplorável onde o corpo se recompõe sob a plasticização caótica \_\_\_\_ nada é controlado e acontecemos intraduzíveis sempre no sussurro prístino de outros pensamentos cheios de erotizações vidraceiras, de circuitos faiscantes que nos levam para os baques de alcançar devires sem memorações, apenas sacralizamos a violência das fissuras das insularidades que as zonas intensivas das bocas da vidraceira potencializam em forma de extracções contaminadoras de escreveduras em movimento onomatopaico: pernoitamos longe de nós próprios trespassados na subsistência do transe-arrebatante da inoperação-do-mundo \_\_\_\_ o fogo evade-se meditabundo \_\_\_\_ outras transversões do fogo alçam-se em todas os rumos pigmentados no corpo surfante da vidraceira com a máxima sumidade-ciclópica: nada lhe cabe, nada fica encarcerado nos rompimentos do vidro, resta-nos mergulhar irreflectidamente nas plasticidades urentes: o vidro caóide galopa na radicalidade e produz multidões na voltagem das línguas, vive deslocado no que há de vir, porque se nega e prevê permanentemente a sua própria solidão como um acoplamento selvaticamente divinatório e inexpressivo: ele sabe que vem do nada, vem do refúgio anterior aos meridianos do vidro, por isso se escoia isoladamente, oscilando no corpo-fasciculado da vidraceira, já desviante, sulcada pelos espectros orbiculares que a reinventam indefinidamente, impulsionando vozes profanadas e sem limites trans-históricos) \_\_\_\_ vejam as peles-de-vidro do jaguar a cerrarem incrustações falciformes e a esquiem pântanos dentro de um sol de alheamentos, de existências codilhadas que projectam sombras espeleológicas nas matemáticas usurpadoras de devaneios onde repousam as encarnações iniciantes da vidraceira com a paz nas bordas do abismo, com os últimos rasgos-espiralados-de-terras-baixas (a vida da inquietação do fogo jamais repousará nas dobraduras dos percursos e a dispersão energética faz do espaço verbal a antecipação do exílio pleno de encurvas-moventes, de fluxos vazadores de instabilidades híbridas): tudo é negado sob a fecundação dos rumores démicos dos olhares recriados pelos golpes das perspectivas, pelas peregrinações das catástrofes (a vidraceira sente a morte de deus com suas sombras reconstruídas por outros deuses corporificados por quem recebe a arte dos gregos \_\_\_\_ a me-

mória dilata-se, torna-se descomunal para regressar às desleituradas submersas da infância-livre: eis, a incerteza do seu livro mais interior quase traduzido perante a interação dos felídeos que ainda se reflexionam nos intervalos da oficina) \_\_\_\_\_ milhares de acarinas tentam mesclar minúsculas sepulturas rentes aos desfiladeiros da luzência intensíssima que ainda revessa anonimamente as precipitações das forqueaduras de e da vida nos pensadores fora das suas ciclicidades e com ressonâncias uterinas sem indagação porque sofrem transladações descentradas, indistintas onde a vidraceira questiona o mundo e perde o rosto nas sombras cosmogónicas dos seus próprios povoamentos com peugadas Sisíffias\_\_\_\_\_ela vive no abandono da sua própria morada, libertando-se sob antiquíssimos palcos conventiculares: aqui a vidraceira rapina a combustão dos homicidas do impensável para transmitir secretamente clareiras inacessíveis e fricções jazzísticas que ocasionam outros corpos xamânicos sob as mutações das recolhas genitais da palavra, sob corredores epilépticos flexionados no pousio dos sudários dos corvos bruscamente abalados no indizível-móvil do fogo revelador de paradoxos e de destronamentos ininterruptos: as multidões anónimas são projectadas o mais longe possível para a verdadeira entonação da recusa, filha das línguas desviantes a interpenetrar na fertilização da cerâmica epifânica onde acontecem as travessias elipsadas da vida e as geologias expandidas do poema (vascularização e recriação do mapa cósmico da vidraceira que coloca seus pensamentos nas gesticulações descontínuas): obsidianas em transversalização escoam-se no entrecorte das zimbraduras, nas azulejarias das máscaras de serpentina para porem em risco toda a escrita da escrita fruto dos astrólogos oxidados pelos fisionomistas sexíficos que incorporaram as germinações obscuras do fogo nas ampulhetas do repouso castigador do lado norte dos propulsores da mercância (sarcástico tubérculo a fracturar horóscopos incuráveis articulados aos cadáveres plantadores de espelhos nos unguentos de outras carcaças que latejam enclausuradas nos gemidos das agulhas dos vultos com xadrezes estiolados nos seus testemunhos herdeiros de nocturnos farmacêuticos)\_\_\_\_\_ vestígios trepidantes rastejam ociosos de ventres viscosos e de enervamentos das incubações dos redemoinhos dos novos afectos: a sismicidade da vidraceira vagueia com cabeças de reverberações atmosféricas, com intersecções zoológicas que derivam das cisternas prestidigitadoras de Prometeu, por isso sente o odor geométrico no fogo necrológico sempre ausente de qualquer conhecimento dos enforcados, somente os espôndilos dos círculos concêntricos saltam dos fornos em forma de máscaras de jade e um baralho de tarot empalha os disfarces das vísceras embainhadas nas circunvoluções dos unicórnios onde as instabilidades teátricas se transvazam para devorarem a propagação dos sentidos do mundo: TUDO-ESCAPA\_\_\_\_\_ (o intermediário do pânico será sempre o enxofre incombustível das chagas afrodisíacas e as amplitudes desmontáveis da artista se dilatam e se evaporam perante os olhos do seu território-copulador-feiticeiro incorporado permanentemente nos fenómenos ígneos das vigílias que tentam abolir as escrituras nos respiradouros in-transmutáveis: esta veracidade invisível faz-nos retornar às evasões do vidro, ao lar glacial dos cânticos espiri-

tuais onde as animais se queimam sem brilho porque levam para dentro de si próprios uma luz-canibal inesgotável) \_\_\_\_inomináveis círculos de arraia, interiormente tensionados por outra negação aberta às verrumas de osso retraçadas entre os ensaios das vizinhanças microfísicas e as ossadas coalhadas dos caçadores de subúrbios esporádicos (á-bê-cês desmembram-se nas ameaças cambiantes das falanges misturadoras de mitografias e o vidro desliza para desaparecer na sua própria defluxão): estes efeitos im-profícuos e estas exceções exíguas de um corpo em mudança, em sinuosidade abissal, povoam e despovoam conjuntamente os acontecimentos do insuportável porque acreditam no resvalamento da ética-estética em novos espaços desejantes-vivificantes, em acolhimentos iridescentes captadores de arquipélagos desregrados e de topologias excitatórias defrontando as renascenças das ritualizações náuticas de loucos arenários \_\_\_\_sim\_\_\_\_ as forças afectivas fazem sobressaltar e circundar as bigornas-répteis da palavra que se esvazia, se mundifica nos talhadores de cirandas-de-vestígios para prosseguir, ondulatoriamente até aos batentes dos desenhos da vista newtoniana: aqui as cabeças incontáveis do poema-dos-estendais-de-vidro se abismam em queda infinita-cromática e se entregam diferentemente ao corpo das calefações de efígies, assim, as inversões da penas de Quetzal estão sempre inacabadas numa extensão varada e raiada sem respostas porque desejam sustentar as luzes inevitáveis das pedras das itinerâncias com os grunhidos das ulcerações sem destino\_\_\_\_ um eremita dissipador de colapsos se greta no simulacro polifónico das coagulações ópticas \_\_\_\_lá vem a artéria psicotrópica da vidraceira a decifrar as vozes restauradoras do alvoroço dos mecenas purgatoriais (os jorros dos epigrafistas transformam os amuletos em vórtices alucinatórios e tudo se abre no avermelhamento da cegueira irrefreada que vê os arcos avernais nas técnicas agrícolas dos moradores de naufrágios): é na visão escorregadia das serpentes-entre-mundos que os poemas fortalecem a experimentação da incompletude relampagueante, removendo fragmentos abobadados e escadarias mitológicas no grito detalhado, subvertido e desdobrado em todos os rostos dos escribas cosmovisionários, em todas os promontórios narcóticos devoradores de agnições do carbono 14: oh caos coreografado pelas variações dos silêncios das sementeiras centrífugas, das anomalias feitas de rumores transumantes das águas de Urubamba que arremessam os olhares-da-quase-visão-inesperada para fora de si próprios, infiltrando as imanências dos ourives dos portos devastadores e das esferas multifacetadas das vidraceiras nos tendões das estepes da dramaticidade neuronal que ainda traça as escalas dos lapidadores de cordilheiras com os istmos dos solstícios de inverno: aqui os ctônicos brotam-se no JÁ e abandonam as orações das rosas-em-simulacro, embaladas pelos dédalos polinizadores da vidraceira, arrancados às reservas do desapego em retorno onde as traqueias das alegorias exploram a história de Heráclito sob lendas encadeadas nas paixões geórgicas e nos despojos das sínodoques : intervalos ovóides da trepanação que invade as talhadeiras da veemência do mundo onde ninguém pertence, desensombrando os revezamentos das cavidades do absurdo com as oportunas linhas dos utensílios dos templos solares (turbulência dos prodígios da

transitoriedade órfica onde a aparição é feita de entrepausas do imperceptível): os alvos da palavra sazoadada contornam as técnicas metalúrgicas das mulheres celibatárias que absorvem completamente outras mulheres para se derramarem no ritmo do outro: aqui, elas circunscrevem-se, fragmentam-se com o vazio golpeado que as observa rés ao intangível da mobilidade dos cepticismos \_\_\_\_ o horror submisso ao zombario do horror abre-se a todas as relatividades barrocas, a todas as conjecturas camaleónicas entre os passadouros das rubescências rudimentares e os códices dos Astecas em semiânimes genuflexões (trópicos da observância adivinham os despojos lançados aos exploradores de fotografias em despojamento, em regeneração grotesca e fundente onde a fractalização do vidro se antropomorfiza sob cenofobias metabólicas: a vidraceira autofagicamente escorraça-se a si própria esculpindo-se na transitibilidade irrefreável do polimorfismo): pasmo no rumo dos pasmos incendiários que antecipam o arrasto lutuoso das usinas dos monstros em repetência-criativa onde há a acidentalidade absoluta de golpear, derrubar, dobrar os conceitos-do-não-regresso sob camadas insculpidas na interrupção do lançamento de áreas afectivas, ou serão bruxuleios cinzelados na perscrutação dos estandartes corpóreos? Eis, a exigência de encarnar as superfícies hibridizadoras dos escalpelos através das travessias subterrâneas e dos discos auriculares das múmias árticas que petrificam as manchas do encavalgamento dos olhares ainda hoje perseguidos pelas progenitoras extintas (resgatar o irreal às alavancas mineralógicas do irreal \_\_\_\_sim \_\_\_\_as curvas luciferinas das mães mortas esmaltam e expelem os estiletos transformados em incisões rectangulares das dores compulsivamente arquejantes sobre o vómito anacrónico de milhares de profetas estetizadores da in-temporalização): são boomerangues in-visíveis das cascavéis das criptas temerárias a trilharem, a deformarem, a articularem e a tencionarem as dimensões-texturas da fascinação renovadora de eixos repletos de mandíbulas de coites e de reentrâncias em desamanho que prosseguem e acuam aquém da possessão dos traçados da língua\_\_\_\_o tradutor da vidraceira expande-se convulsivamente e dissolve-se dentro dos meios dos choques-das-misturas (eis a densidade da deflagração a participar vertiginosamente na imergência da matéria afectiva e das alterabilidades instintivas compositoras de centopeias-de-policristais). O texto das vidraças se revela na tensão abismal-membranar e jorra, solavanca, rebenta-se na soberania das transformações dos plexos que esculpiram o não-dito no fulgor do avizinhamiento orgiástico, nas urdiduras e nos retraimentos faunígenos que são em si a lonjura-em-jogo-moldável-entre-cor-som-e-ruptura-polissémica onde tudo é coarctado e libertado simultaneamente até à recusação dos tapamentos mais convexos \_\_\_\_a vidraceira embarga-se novamente no vazio invocante dos trilhadores de aluimentos, destruindo o seu poder de atomizações conflitivas, porque o seu corpo magicamente fissurado pela convertibilidade das perxinas sente as cartografias das precisões das máscaras de OLMECA para lá de qualquer visão putrescente, para lá das tribalizações mimicas\_\_\_\_vive dos batimentos das crisalidações transcorporais e dos mergulhadores de contrastes (infundir os rasgos das caçadas adentro dos olhares compulsórios com todos as centúrias



nas margens do absurdo catapultador de animalidades plurivocálicas onde o lapso pendular é a incandescência da fractura abdução dos hemisférios melismáticos do vidro que se des-cavalga ouroboricamente, rizomaticamente nas fissões das divindades estranhadas): a desescrita nomeia-se no inominável de si mesma, esta contraversão opaca faz da tentativa de navegar no centro florestal do poema-VIDRO o informe fantasmático lançado pelas línguas dos movimentos dos povos, por todas as línguas com ressonâncias inesperadamente glamorosas, por todas as acrobacias dos leitores atravessados por plantas alucinógenas, por todos os gumes das espadas presentes nas fendas translúcidas de todos os basaltos negros (o cinematógrafo dentro do cinema truffaudeamente atinge o último sangue da gravidade das antecâmeras que levam o arbítrio geomorfológico à equação das peçonhas dos pássaros-por-vir) : aqui, o poema-vidro-lúbrico acontece na acoplagem de matrizes dos fascínios das des-montagens que arietam hipóteses dentro dos reversos das memórias depuradoras de fenecimentos iconológicos onde a receptividade abismática, nomeia a crueldade intraduzível dos silêncios rés aos ardis anónimos dos manufactos afrodisíacos, explorando, desfeitando os infinitos dos instantes com o esquisso da obscuridade, do ilimitado, da esfinge \_\_\_\_ palavra interpolada morre na zona de transição gentílica \_\_\_\_ (reconstruir a anterioridade do vidro-palavra com os próprios andamentos dos lançadores de fracturas) \_\_\_\_ sim \_\_\_\_ a volumetria fabuladora do poema se regermina na vesana transmutante dos sádicos, dos narcotraficantes, dos salteadores boomerangues: incessantes fissuras das vozes de interfaces medusantes exigindo as ressonâncias das povoações alienígenas: são trepidações-líquidas a misturarem os itinerários das buglossas antigas dentro de cicatrizes insubordinadas que se elevam no vigor silente do mundo-agressivamente-mumificado-extremado pela estética humana-animalizante (a derrota da acusação remanesce no sobrevivente inabordável, no resplendor da expectativa do desastre mais dançante): tentar refazer-se na palavra ecoante, desmontável e de transposições instantâneas que assinalam a cegueira, a ampliação dos umbrais sobre a transversão do olhar das rendeiras alteradoras de faces, de dilemas que nos retransformam em meias-luzes de intensidades orgiásticas \_\_\_\_ sim \_\_\_\_ zonas policromáticas, sempre desconhecidas, imaginariamente tensionadas e intransponíveis \_\_\_\_ eis o derrelicção do rebeldismo incomensurável a sobrerrestar nas ruínas das expressões do arcano insolúvel: absorvedores das fragmentações rebatidas a insculpirem os alcances-rupturantes do antro fantasmagórico do mundo onde o olhar-feito-visão-indiscernível oscila entre as intersecções do animal-vegetal-petrológico-humano, aberto à captação do imemorável, da transversalidade do pavor que é palavra em ondeamento estrangulado e que se expande no terror de outra palavra submergida nos percursos sobrepostos com sinais escavados no recurso do olhar de geografias impenetráveis (a anatomia que ainda não vemos, emancipa-nos na intensa ebulição das cavernas-livres): eis os corpos clandestinos que se recolheram das profligações das tumbas cósmicas e que extraem os estilhaços da visiva à estrangulação dos anteparos labirínticos para se transfigurarem novamente num mosaico de línguas em fractura-

mento, em pistas assimetricamente entrincheiradas por gestos eléctricos: tudo é encorpatura compacta, tatilmente afectiva entre visões insolúveis, mostradores de crepitações e deslocamentos revolucionários aspersados por gestações tenebrosamente regeneradas pelos avessos e pelas bifurcações migrantes: a voz torna-se impossível, devasta-se no rastro anterior a si própria e afecta loucamente o corpo de outra voz semantúrgica: o poema-VIDRO acontece nesta efracção oscilante que nos afasta e nos aproxima em potência incorporante, mudando a prolepse do mundo para regressarmos à recusa daquilo que nos olha dentro da nossa própria visão, enquanto intensidade rupturadora que se faz jogo modular da alienação, se faz vida ritmicamente perseguida por todos os espaços anteriores aos poderes heréticos, refazendo dobradiças-dos-engolfamentos-geográficos (a desincorporação das antecâmeras dos olhares é permanente porque somos feitos de interrupções libertadoras de vozes rodopiantes, emancipadoras de metamorfoses carnavais, cismáticas, que in-finitizam o nomadismo do cadáver viés ao cadáver jogador de verdades opostas que nos fazem escutar os itinerários indecifráveis, indiscerníveis da vida sob as causas-desdizentes diante do infinito da resistência dos epifragmas: a palavra-vidro em forma de helminto se de longa nos gestos da denegação e se torna verbalizável na dança paradoxal dos gritos-em-eclipse: o poema-da-vidraceira sobrevém no corpo instável, no alicerce vertiginoso e é estranhamente, concomitantemente compacto e translúcido, vivendo na imanência placentária, nas arestas da elasticidade do nada, na expansão imunológica, na recolha de um caos tacteante que esquece o conhecimento em forma de catástrofe, em planos de procriação de raios do diáfano onde se desmantela a ferida-língua entre as lousas das transpassagens e os reflectores transterritorializantes\_\_\_\_\_o poeta desaparece sempre na tentativa de transformar a geometria materna, de buscar a opticidade inelutável, os triângulos-tetaedros por meio de camadas cibradas (a experiência circula na ficção injectada de sangue e o corpo seduz a rejeição da loucura, enlouquecendo no desconhecido dotado de presenças prometidas à elasticidade cerebral): a língua, o poeta, o vidro e a palavra respiram em traço-do-traço-entre-traços, em não-pertença porque há a urgência da autonomia da desorientação: os miradouros abrangem a recusa da palavra, extraem composições informes e arrancam os rostos ao marcaréu dos eclipses que alargam sombras no fulgor do poema-vidrado para o retirar da sanguinidade da língua e o circundar nas probabilidades-criadoras de zonas sulcadas pelos desvios espaciais onde descampa a reinvenção do pensamento sob formas de combinações-moxinifadas-fugidias: estes traços-olhares transpõem os silabários dos parasitas-predadores que habitam na solidão da oficina dos falares perdidos, do texto-quase-vivente, sempre em decomposição estocástica\_\_\_\_\_ a fala projecta-se longe de si, para se transgredir indeterminadamente e transpor sonâncias, tumultos através do designer-musical-desfocado: este murmúrio desordena as raias da escrita sem repouso e o texto-da-vidraceira é em si a mutabilidade, a fluxibilidade, a incurabilidade que se regenera nas forças indistintas do devir da cisão que vive dentro de nós caçando latitudes e longitudes tremendamente fosforescentes: é nos intervalos-moven-

tes do texto que o corpo dança com os fenómenos das luminárias no dorso e se abre à tradução do mundo, às distrações da imanência, aos jogos da mestiçagem, ao instigador de contágios (olhar o vido olhado): pospecção e irradiações de forças esteticamente captadoras de visões-misturadas que se autonomizam do e no corpo para se extraírem a si próprias e repulularem entre experimentações biológicas-cosmológicas da escritura-sem-origem, convertendo o leitor-da-vidraceira na aventura violenta da palavra, na transmutação cúbica dos devaneios (rastros das perspectivas): são as multiplicidades de inversos experimentadores de batentes comutativos a fluírem na matéria-espiritualizadora \_\_\_\_ a morte destacada faustosamente e os encaços transformam-se em signos infractores-interditos sob a metamorfose dos rumores petrificados pelos golpes mágicos da espera de quem nunca vem \_\_\_\_ golpes que trilham espirais infinitas alicerçadas nas palavras mutiladas porque se urdem intensamente a si próprias: esperar nas encurvas dos nervos os arremessos dos fazedores de fogo onde recomeçam os contrastes da vida como calamidade espontânea-criativa aproximando o vácuo da palavra de quem não vem, de quem se deflagra na fronteira estranha, na nas vizinhanças das visões em colapsos penetrantes que nos fazem sustentar o redobramento das disrupções sobre um poema-VIDRO em intermitência diametralmente quase-circular, quase mercurial porque a inferência é roubada à obscuridade transmitindo-nos a expiração glacial: vejam, o poema dentro da vidraceira a acontecer na erosão das forjas imprevisas herdadas das transfronteiras mitopoéticas e dos génios das incertezas que jamais escaparão ao fogo espontâneo das feiticeiras: assim a vidraceira viverá inapreensível e será círculo de uma experiência contínua, projectando sempre seu espaço de incompletude no enxofre da luz primitiva nos nossos olhares: eis, o emaranhamento das passagens adversadas, infinitamente flutuantes, incomensuravelmente neurotizantes \_\_\_\_ a perplexidade das falanges variáveis continuarão a fazer parte das catástrofes sensoriais como um recomeço dos derrames dentro da vastidão que nos colocará empre nas travessias suspensas sem pontos, sem linhas, sem fisionomias \_\_\_\_ estomas vulcânicos: o algoritmo do olhar é já o vidro em brasa paradoxalmente esfericizado pelo excesso e pela expansão da memória contrariando, invadindo as resinas das vedações dos deuses que devoram deuses \_\_\_\_ a vidraceira é a própria ciranda da perda, esboçando-nos na falha plurímota onde as rotações do jogo das forquilhas e das lâminas de silex nada dizem, sentimos o povoamento da clandestinidade dos pontos de luz e de quem acumula em si os desejos incendiários dos animais: esta transgeografia de um fogo imperceptível que atravessa o útero insuspeito do mundo da vidraceira, tornando-a inumanamente alucinante: esta tensão eruptiva que se apropriou invisivelmente de nós em tempos de barbárie fecunda \_\_\_\_ esta gestação de dobras do nomadismo imensamente escultórico e incontrolável, aspergindo golpeaduras eruptivas, cisões metamórficas dentro dos mosaicos das sensações narcóticas puramente incorporadas na vidraceira de loucuras acústicas onde tudo se desagrega e é prolongado para as cirandas da transcodificação das tatuagens: a vidraceira do fogo remove as cordas dos vestígios com as múltiplas ressonâncias da supremacia felídea,

com as sonoridades das flamâncias que solidificam as latências selváticas entre as espessuras infractoras dos escaladores de espelhos oblíquos \_\_\_\_ela sempre ocasionou obscuramente a desordem criativa do fogo até ao rebentamento de todos os ensaios de quem acrescenta plausibilidades à visão, à tentativa do impalpável, às consequências galopantes das relações perceptivas \_\_\_\_as córneas da vidraceira fecham os olhos de quem se aproxima e atravessa-os iluminadamente tacteando todas as manchas geométricas que passam no vazio, no reentrante da agramaticalidade que é em si um acossamento das ruínas a oscilar nos meios das rendeiras cósmicas: o esvaziamento jamais cessará na esteticidade do fogo das vidraceiras filosóficas que colocam nos nossos olhos tudo a I uilo que o vazio vê.